

**SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA - CEPA/SC**

**SÍNTESE INFORMATIVA
DA
AGRICULTURA CATARINENSE
1978/79**

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA-CEPA/SC

SÍNTESE INFORMATIVA DA
AGRICULTURA CATARINENSE

1978/79

Santa Catarina. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Comissão Estadual de Planejamento Agrícola. Síntese informativa da agricultura catarinense 1978/79. Florianópolis, 1979. 149 p. ilustr.

1. Santa Catarina - Agricultura. I. Título.

CDU 631(816.4)

SÍNTESE INFORMATIVA DA
AGRICULTURA CATARINENSE

1978/79

ELABORAÇÃO:

LUIZ MARCELINO VIEIRA (Economista) - Coordenador -
HUGO GUSTAVO HÄDRICH (Engº Agrº)
JESIEL DE MARCO GOMES (Economista)
RUBENS ALTMANN (Engº Agrº)

Ministro da Agricultura

ANTONIO DELFIM NETO

Governador do Estado

JORGE KONDER BORNHAUSEN

Secretário da Agricultura e Abastecimento

HÉLIO ANTONIO ANDREAZZA

Comissão Estadual de Planejamento Agrícola de Santa Catarina - CEPA/SC

Coordenador Geral: WALTER ANTONIO CASAGRANDE (Engº Agrº)

Coordenador Técnico: HUGO GUSTAVO HÄDRICH (Engº Agrº)

Equipe Técnica:

CUSTÓDIO HORÁCIO DA SILVEIRA (Economista)

FRANCISCO DA CUNHA SILVA (Engº Agrº)

JESIEL DE MARCO GOMES (Economista)

JOSÉ ELÁUDIO DELLA GIUSTINA (Méd. Veterinário)

JOSÉ MARIA PAUL (Engº Agrº)

LUIZ MARCELINO VIEIRA (Economista)

OLICES OSMAR SANTINI (Méd. Veterinário)

RUBENS ALTMANN (Engº Agrº)

Equipe de Apoio:

DANILO MACIEL

EDINA NAMI REGIS

JOCENIR MIRIAM CARDOSO DE SOUSA

MANOEL DE AGUIAR PEREIRA

TELMELITA MARIA SENNA (Bibliotecária)

Nota: A reprodução total ou parcial dos conteúdos deste documento é absolutamente livre, sob a condição de que seja citada a fonte.

SÍNTESE INFORMATIVA DA
AGRICULTURA CATARINENSE

1978/79

I- ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE	8
1. Estrutura Fundiária	8
2. Emprego e População Rural	11
3. Renda "Per Capita"	18
4. Estrutura Setorial da Renda Interna de SC	19
5. Composição do Valor da Produção Agrícola	22
6. Produção Agrícola	25
6.1. Milho	25
6.2. Mandioca	30
6.3. Arroz	35
6.4. Feijão	40
6.5. Trigo	45
6.6. Batata Inglesa	50
6.7. Fumo em Folha	55
6.8. Cana de Açúcar	57
6.9. Soja	62
6.10. Tomate	67
6.11. Cebola	69
6.12. Alho	71
6.13. Banana	73
6.14. Fruticultura de Clima Temperado	78
6.15. Bovinocultura de Corte	81
6.16. Bovinocultura de Leite	83
6.17. Suinocultura	86
6.18. Avicultura	90
6.19. Extrativa Vegetal	94
6.20. Pescado	95
7. Comercialização Agrícola	98
8. Recursos de Armazenagem	99
9. Financiamentos	103
II- PERSPECTIVAS DAS SAFRAS	110
1. Milho	110
2. Mandioca	111
3. Arroz	112

(continua)

(conclusão)

SUMÁRIO

PÁGINA

SÍNTESE INFORMATIVA DA
AGRICULTURA CATARINENSE
1978/79

4. Feijão	114
5. Trigo	115
6. Batata Inglesa	117
7. Fumo em Folha	118
8. Cana de Açúcar	120
9. Soja	121
10. Tomate	123
11. Cebola	124
12. Alho	126
13. Fruticultura de Clima Temperado	127
14. Bovinocultura de Corte	129
15. Bovinocultura de Leite	131
16. Suinocultura	133
17. Avicultura	136
18. Pescado	139
III- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS CATARINENSE	143
IV- ANEXOS	
- Mapa de Regionalização do Estado de SC	145
- Composição Microrregional das Mesorregiões de SC	146
- Composição Municipal e Microrregional das Micror- regiões de SC.	147

INTRODUÇÃO

Este já tradicional documento, que é colocado anualmente a disposição do público ligado direta ou indiretamente ao setor agrícola, contém informações estatísticas e conjunturais sobre a agricultura catarinense.

A "Síntese" é um componente do programa de trabalho da CEPA/SC. O planejamento agrícola implica num trabalho integrado do setor agrícola como um todo, inclusive dos organismos públicos agrícolas. Os primeiros passos neste sentido estão sendo sedimentados. Em grande parte, a efetiva participação ou colaboração de um grande número de instituições foi a condição necessária para a elaboração do documento.

O trabalho foi dividido em três grandes segmentos: I - ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, onde é dada uma rápida panorâmica sobre a estrutura fundiária; emprego; renda "per capita"; estrutura setorial da renda interna; valor da produção; e evolução da produção agrícola. II - PERSPECTIVAS DAS SAFRAS: Neste segmento é feito um estudo, por produto, onde são analisadas as estimativas da safra 1978/79, a nível mundial, nacional e do Estado de Santa Catarina. Cabe aqui observar que esta análise foi feita em novembro de 1978 e que apenas a situação a nível estadual foi atualizada no decorrer da ocorrência das adversidades climáticas que se abateram sobre o Brasil (estiagem no Sul e cheias no Sudeste), de sorte que a análise feita a nível mundial e nacional apresenta-se um pouco defasada. Tendo em vista que a publicação da presente edição já foi retardada em virtude deste "fato novo" (a estiagem no Estado) que alterou parte das informações estatísticas de até então, a equipe técnica da CEPA/SC, no intuito de não atrasar ainda mais a publicação deste trabalho, optou por não atualizar as informações a nível internacional e nacional, tarefa que demandaria muito tempo. Considera-se que apesar de serem dados estatísticos um pouco afastados da realidade, são perfeitamente válidos para efeito da análise. III - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS CATARINENSES: Trata-se de uma tabela que mostra o total produzido, a quantidade consumida no Estado e o déficit ou superávit de cada produto.

março/1979

I- ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE

I - ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE

1. Estrutura Fundiária

Tendo a colonização do Estado se caracterizado - principalmente pelo desenvolvimento de uma sociedade baseada no trabalho livre e na economia familiar, sua estrutura reflete, até certo ponto, o processo de ocupação dominante.

Quanto a distribuição da terra, por estabelecimento e por imóveis rurais, conforme citação do documento "Estatísticas Cadastrais" do INCRA - 1976, verifica-se que 70,45% dos imóveis rurais ocupando 23,75% da área total, possuem menos de 25 ha. Da mesma forma 18,85% dos imóveis correspondendo a 19,70% da área, situando-se na faixa de 25 a 50 ha.

Tal situação retrata bem a predominância da pequena propriedade, que explorada em regime de economia familiar, constitui a principal base produtiva da agropecuária do Estado. Os imóveis com menos de 50 ha, são responsáveis por cerca de 82% da produção estadual.

Quanto à classificação dos imóveis rurais, segundo as categorias previstas na Lei nº 4.504, caracteriza-se o predomínio do minifúndio que representa em torno de 83,22% dos imóveis rurais e 37,38% da área total.

TABELA Nº 01

CLASSES DE IMÓVEIS RURAIS

CLASSE - Ha	ESTABELECIMENTOS		Á R E A - H a		%
	TOTAL	TOTAL ACUMULADO	TOTAL CLASSE	TOTAL ACUMULADO	
. Menos de 1	6.158	6.158	3.885,3	3.885,3	0,04
. 1 a menos de 2	11.760	17.918	16.562,0	20.447,3	0,24
. 2 a menos de 5	31.319	49.237	105.270,2	125.717,5	1,47
. 5 a menos de 10	39.682	88.919	289.658,4	415.375,9	4,87
. 10 a menos de 25	97.419	186.338	1.608.920,7	2.024.296,6	23,73
. 25 a menos de 50	49.870	236.208	1.680.665,7	3.704.963,3	43,43
. 50 a menos de 100	17.126	253.334	1.145.867,3	4.850.830,6	56,86
. 100 a menos de 200	6.234	259.568	843.550,2	5.694.388,8	66,75
. 200 a menos de 500	3.338	262.906	1.009.005,7	6.703.386,5	78,58
. 500 a menos de 1000	993	263.899	676.523,1	7.379.909,6	86,51
. 1000 a menos de 2000	403	264.302	544.318,7	7.924.228,3	92,89
. 2000 a menos de 5000	151	264.454	434.147,4	8.358.375,7	97,98
. 5000 a menos de 10000	15	264.468	102.682,4	8.461.058,1	99,18
. 10000 a menos de 20000	4	264.472	48.077,3	8.509.135,4	99,75
. 20000 a menos de 50000	1	264.473	21.371,7	8.530.507,3	100,00

Fonte: Estatísticas Cadastrais do INCRA - 1976

Elaboração: CEPA/SC.

TABELA Nº 02

Classificação dos Imóveis Rurais, segundo as categorias previstas na Lei nº 4.504 do INCRA

CATEGORIA	IMÓVEIS RURAIS		Á R E A	
	NÚMERO	%	HECTARES	%
. Minifúndio	220.109	83,22	3.188.712,1	37,38
. Empresa Rural	5.071	1,92	348.447,3	4,08
. Latifúndio por Exploração	39.293	14,86	4.993.347,9	58,54

Fonte: Estatísticas Cadastrais do INCRA - 1976.

Fazendo uma análise da evolução da estrutura fundiária a partir de 1.940, observa-se que não houve grandes alterações, onde a área média de cada um dos estratos até 1000 hectares praticamente permanece a mesma, no período 1940-76.

A área das propriedades com mais de 1.000 hectares, que era de 3.032,72 ha em 1920, reduziu-se para 2.162,92 ha em 1970. No censo agropecuário de 1975, a área média das propriedades com mais de 1.000 hectares elevou-se a 2.295,29 ha.

A Política de Incentivos Fiscais para Reflorestamento é uma das causas desta elevação. A partir de 1970 e notadamente a partir de 1975, empresas ligadas à indústria do papel, passaram a formar grandes propriedades com objetivos de reflorestamento. Em alguns municípios, sabe-se que de determinadas empresas possuem hoje áreas superiores a 50% da área total do município e em alguns casos, são proprietárias já de quase toda área do município.

Sendo o fator terra um fator escasso em Santa Catarina, esta concentração de áreas poderá criar problemas de ordem social. Assim, deve-se questionar a validade ou o interesse para a economia agrícola catarinense, da continua-

ção de fenômenos de concentração de áreas para utilização em reflorestamento, considerando, além do mais, que muitas destas áreas se prestam para lavouras anuais. As áreas a destinar para reflorestamento deveriam ser apenas aquelas que o Zoneamento Agroclimático do Estado (já concluído) indica como não aptas a lavouras anuais.

2. Emprego e População Rural

Na década 1960-70, observou-se uma diminuição - relativa da população rural. Enquanto a população urbana se expandiu a uma taxa média anual de 5,5%, a população rural - cresceu à razão de 1,3%. Considerando que a taxa média anual de incremento da população catarinense, no mesmo período, foi de 2,9%, pode-se supor que o êxodo rural foi, no mínimo, da ordem de 25 a 28 mil pessoas por ano.

Segundo projeções da Fundação IBGE, a população catarinense, em 1978, foi estimada em 3,6 milhões de habitantes. Desse total, 1,86 milhões (50,8%), vivem no meio rural. Para 1980, haverá um equilíbrio entre a população rural e população urbana. Em 1985, a tendência indica haver na área urbana maior contingente populacional do que no campo.

TABELA Nº 03

População Total, Rural e Urbana, por Mesorregião Agrícola
Santa Catarina, nos anos de 1960-1970-1975-1980-1985

POPULAÇÃO MÉSOREGIONAL	1960			1970			1975			1980			1985		
	TOTAL	RURAL	URBANA	TOTAL	RURAL	URBANA	TOTAL	RURAL	URBANA	TOTAL	RURAL	URBANA	TOTAL	RURAL	URBANA
01	466.404	370.679	95.725	730.800	557.259	173.541	850.995	619.962	231.033	965.419	691.024	274.395	1.102.698	770.456	332.242
02	264.411	193.529	70.882	333.485	184.475	149.010	393.672	195.740	197.932	448.395	207.581	240.814	506.350	220.338	286.012
03	253.329	171.386	81.943	331.793	184.408	147.385	375.576	192.758	182.818	425.723	205.428	220.295	478.433	218.053	260.390
04	137.745	96.805	40.490	164.992	107.496	57.496	181.357	112.968	68.389	201.932	120.314	81.618	222.958	128.340	94.618
05 (*)	262.399	149.426	112.973	267.985	87.088	180.897	323.995	90.702	233.293	394.310	96.563	297.747	474.052	103.005	371.047
06 (*)				74.812	59.604	15.208	80.052	62.595	17.457	86.819	66.581	20.238	94.258	71.023	23.235
07	595.757	357.571	238.186	795.360	354.645	440.715	922.500	375.617	546.883	1.113.012	398.513	714.499	1.325.498	422.193	903.305
08	166.864	112.166	54.698	202.507	120.716	81.791	223.253	127.358	95.895	245.090	134.996	110.094	267.853	143.292	124.561
SANTA CAT	2.146.909	1.451.562	695.347	2.901.734	1.665.691	1.246.043	3.351.400	1.777.700	1.573.700	3.880.700	1.921.000	1.959.700	4.472.100	2.076.700	1.239.400

(*) Em 1960 a população total, rural e urbana das mesorregiões 5 e 6 foram agregadas devido a reestruturação feita aos municípios a partir de 1970.

Fonte: 1960 - 1970: Fundação IBGE - Censo Demográfico de 1960 e 1970

1975 - 1985: Estimativa da CEPA/SC, através de ajustamentos à população total projetada pela SUPLAN.

De acordo com as projeções da Tabela nº 04, havia em 1970, uma oferta de mão-de-obra agrícola de 705.760 equivalentes-homem e em 1975 esta oferta atingia a cifra de 757.460 equivalentes-homem. Para 1980, deverá alcançar a cifra de 818.330 equivalentes-homem.

Por outro lado, os cálculos da população agrícola em idade ativa e de pessoal ocupado⁽¹⁾ levaram à constatação de que existe uma oferta de mão-de-obra de 709.866 equivalentes-homem, indicando portanto, um excedente de mão-de-obra de 219.894 equivalentes-homem em 1970, conforme dados censitários.

Verifica-se que, em Santa Catarina, a maior demanda de trabalho ocorre no mês de outubro, 9.873.823 jornadas de trabalho, contra 4.879.100 jornadas em fevereiro, mês de menor demanda, conforme pode ser visto na Tabela nº 05.

Constata-se assim a existência de dois grandes problemas: primeiramente a existência de uma parcela da população em idade ativa que apresenta níveis de sub-ocupação; em segundo lugar, uma grande variação sazonal na demanda de mão-de-obra, decorrente da concentração dos trabalhos agrários em determinadas épocas do ano e da pouca representatividade das culturas de inverno (época em que ocorre a menor demanda).

Embora possam ser feitas ressalvas aos dados apresentados, face à precariedade das informações, tem-se conhecimento de um certo nível de sub-ocupação de mão-de-obra na agricultura.

A introdução de culturas de inverno e a adoção de tecnologias baseadas em utilização mais intensiva de mão-de-obra, poderiam minorar estes problemas.

(1) Documento "Interpretação Histórica da Economia e Posicionamento do Setor Agrícola no Contexto Econômico e Social do Estado - Volume 1, Elaborado pela CEPA/SC - 1978.

O setor agrícola deverá continuar, no lastro de 1980/85, a liberação de mão-de-obra para o setor urbano com taxas elevadas (cerca de 35 mil pessoas por ano). Esta cifra deverá aumentar no caso de não se implementarem programas de desenvolvimento que propiciem a melhoria da qualidade da vida e o aumento de renda do homem do campo.

SELA Nº 04

Oferta de Mão-de-Obra Total e Rural por Mesorregião - Santa Catarina
No período: 1970/1985 (Em 1.000 pessoas)

MESORREGIÃO	1970			1975			1980			1985		
	OFERTA DE MÃO DE OBRA TOTAL HOMENS / DIA	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA TOTAL EM RELAÇÃO A POPUL. TOTAL (1)	PARTIC. DA POPULAÇÃO RURAL EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO TOTAL (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA RURAL HOMENS/DIA (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA TOTAL HOMENS / DIA (2)	PARTIC. DA POPULAÇÃO RURAL EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO TOTAL (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA RURAL HOMENS / DIA (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA TOTAL HOMENS / DIA (2)	PARTIC. DA POPULAÇÃO RURAL EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO TOTAL (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA RURAL HOMENS / DIA (1)	OFERTA DE MÃO-DE-OBRA TOTAL HOMENS / DIA (2)	PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL EM RELAÇÃO A POPULAÇÃO TOTAL (1)
	306,67	41,96	76,25	233,83	357,08	72,85	260,13	405,09	71,57	289,92	462,69	69,87
	139,95	41,95	55,32	77,42	165,14	49,72	82,10	188,10	46,29	87,07	212,41	43,51
	139,90	42,16	55,57	77,74	158,34	51,32	81,26	179,48	48,25	86,60	201,71	45,58
	70,04	42,45	65,15	45,63	76,98	62,29	47,92	85,72	59,58	51,07	94,64	57,56
	117,51	43,85	32,50	38,19	142,07	27,99	39,76	172,90	24,49	42,34	207,87	21,73
	31,43	42,01	79,67	25,04	33,63	78,19	26,29	36,47	76,69	27,97	39,60	75,34
	349,30	43,92	44,58	155,72	405,16	40,71	164,94	488,83	35,80	175,00	582,16	31,85
	87,55	43,23	59,61	52,19	96,51	57,05	55,06	105,95	55,08	58,36	115,79	53,50
TOTAL	1.242,35	42,81	57,40	705,76	1.434,91	53,04	757,46	1.662,54	49,50	818,33	1.916,87	45,43

(1) Aplica-se o percentual da população rural à oferta de mão-de-obra total.

(2) Aplica-se o percentual dado na coluna 2. desta Tabela a população total projetada.

Fonte: Dados Preliminares: Fundação IBGE

Elaboração : CEPA/SC.

TABELA Nº 05

Força de Trabalho Requerida Segundo os Meses
do Ano - 1975

M E S	DEMANDA DE JORNADA DE TRABALHO	FORÇA DE TRABALHO REQUERIDA
	DIAS/HOMEM	Nº DE EQUIVALENTES /HOMEM/ANO
. Janeiro	5.080.957	19.743,9
. Fevereiro	4.879.100	19.512,8
. Março	7.416.830	25.115,0
. Abril	7.710.435	25.640,4
. Maio	5.750.225	18.385,5
. Junho	5.520.956	18.923,9
. Julho	5.477.369	18.739,4
. Agosto	7.663.817	25.155,1
. Setembro	8.870.567	27.212,5
. Outubro	9.873.823	32.114,7
. Novembro	9.748.308	32.086,4
. Dezembro	5.762.811	23.181,3
T O T A L	83.665,199	285.810,9

Fonte: CEPA/SC.

TABELA Nº 06

Estimativa da Demanda de Mão-de-Obra
Santa Catarina - 1975

ATIVIDADES	COEFICIENTE TÉCNICO	ÁREA DE CULTI VO (ha) ou	DEMANDA DE MÃO-DE-O - BRA (Nº DE JORNADAS)
	DIAS/HOMEM/HA ou DIAS/HOMEM/ANIMAL	Nº DE ANI - MAIS EXISTENT.	
. Milho	26,50	942.400	24.973.600
. Mandioca	35,86	85.046	3.049.749
. Fumo	90,71	49.000	4.444.790
. Arroz	20,00	124.975	2.449.500
. Feijão	29,50	185.065	5.459.417
. Batata	36,93	24.000	886.320
. Cana de Açú- car	84,04	15.500	1.302.620
. Soja	29,62	361.475	10.706.889
. Alho	336,43	150	50.465
. Cebola	184,08	5.030	925.922
. Tomate	57,00	740	370.000
. Cevada	13,13	5.026	65.991
. Banana	55,00	11.690	642.950
. Gado de Corte	1,50	1.826.756	2.740.134
. Gado de Leite	15,00	400.511	6.007.665
. Aves	0,0045 (1)	49.686.513 (3)	223.589
. Suínos	10,00 (2)	452.292 (4)	4.522.920
SUB-TOTAL			68.822.521
OUTRAS ATIVI DADES AGRÍCO LAS (20%)			13.952.484
TOTAL			82.775.005

(1) Para cada aviário de 12.000 aves, necessita-se 1 pessoa em tempo integral.

(2) Para cada 30 matrizes, necessita-se 1 pessoa em tempo integral.

(3) Aves abatidas em 1975

(4) Nº de matrizes existentes.

Fonte: CEPA/SC.

ATIVIDADE AGRÍCOLA	ESTIMATIVA DA DEMANDA MENSAL DE JORNADAS DE TRABALHO - HOMENS/DIA												DEMANDA TOTAL
	JANEIRO	FEVÉ-REIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEM-BRO	OUTO-BRO	NOVEM-BRO	DEZEM-BRO	
Milho	280.454	280.454	2.199.675	2.199.675	2.199.675	1.919.471	1.919.471	3.083.990	3.536.760	3.536.760	3.536.760	280.454	24.973.600
Mandioca	279.801	279.801	279.801	428.632	149.681	159.681	234.727	234.727	179.447	179.447	374.202	279.802	3.049.749
Fumo	535.570	535.570	-	-	-	217.070	432.180	588.980	371.910	692.370	535.570	535.570	4.444.790
Arroz	105.451	306.579	306.579	201.153	201.153	199.512	199.512	207.167	330.927	133.008	133.008	105.451	2.449.500
Feijão	620.787	235.674	545.992	934.816	388.874	-	-	235.674	781.516	781.516	545.992	388.874	5.459.715
Trigo	-	-	-	-	85.398	111.153	140.974	29.821	29.821	29.821	246.027	216.883	889.898
Batata-Inglesa	78.240	112.800	86.640	52.080	52.080	51.120	85.680	87.840	87.840	87.840	52.080	52.080	886.320
Cana de Açúcar	159.495	143.375	143.375	138.725	-	16.431	73.315	77.345	200.105	200.105	77.190	73.160	1.302.620
Soja	726.565	726.565	1.319.384	1.319.384	589.204	589.204	73.315	509.680	686.802	1.413.367	1.413.367	1.413.367	10.706.889
Alho	117	117	3.750	5.700	1.950	5.583	11.583	7.833	1.832	6.000	6.000	-	50.465
Cebola	25.105	-	-	-	-	151.101	276.851	190.134	64.384	64.384	64.384	89.534	925.922
Tomate	30.828	30.828	30.828	30.836	30.836	30.836	30.836	30.836	30.836	30.836	30.836	30.828	370.000
Ovada	-	-	-	-	6.333	8.243	10.454	2.211	2.211	2.211	18.245	16.083	65.991
Banana	148.463	148.463	148.463	21.977	21.977	21.977	21.977	21.977	21.977	21.977	21.861	21.861	642.950
PECUÁRIA													
Caço de Corte	228.344	228.344	228.344	228.344	228.344	228.344	228.344	228.345	228.345	228.345	228.345	228.345	2.740.134
Caço de Leite	500.638	500.638	500.638	500.639	500.639	500.639	500.639	500.639	500.639	500.639	500.639	500.639	6.007.665
Avicult.	18.632	18.632	18.632	18.632	18.632	18.632	18.632	18.633	18.633	18.633	18.633	18.633	223.665
Suínoc.	376.910	376.910	376.910	376.910	376.910	376.910	376.810	376.910	376.910	376.910	376.910	376.910	4.522.920
SUB-TOTAL	4.115.445	3.924.750	6.189.011	6.457.503	4.851.686	4.595.906	4.562.086	6.452.742	7.450.895	8.304.169	8.180.047	4.628.474	69.712.715
OUTRAS ATIV. AGRÍCOL. (20%)	965.512	954.350	1.227.819	1.252.933	898.540	925.050	915.283	1.211.075	1.329.672	1.569.654	1.568.259	1.134.337	13.952.484
TOTAL	5.080.957	4.879.100	7.415.810	7.710.435	5.750.225	5.520.966	5.477.369	7.663.817	8.780.567	9.873.823	9.748.308	5.762.811	83.665.199

Fonte: CEPASA/SC.

3. Renda "Per Capita"

Estudos realizados pela SUPLAN/MA e Fundação Getúlio Vargas (Projeto de Evolução Recente e Situação Atual da Agricultura Brasileira), revelam que a economia catarinense cresceu, no período 1949-70, à taxa de 6,7% ao ano, enquanto que a região Sul, no mesmo período, cresceu à taxa de 7,2% ao ano.

Esta redução de sua participação é explicada como sendo decorrente da evolução do setor primário, que se expandiu a uma taxa de 4,8% ao ano em Santa Catarina, contra 6,8% na região Sul.

Da diferenciação na composição setorial do produto, resultou um aumento da importância relativa do setor industrial catarinense em relação à região Sul.

Uma estimativa da evolução da renda interna per capita, expõe a grande disparidade de renda existente entre o setor agrícola e o setor urbano.

Embora se constate uma lenta diminuição desta disparidade na década 1949-1959, ela volta a aumentar a partir de 1959, igualando-se em 1977, aos níveis de 1949. Por outro lado, observa-se que a renda interna per-capita no setor rural representava 60% da renda interna "per capita" do Estado em 1949, passando a representar apenas 41% em 1977. Em termos relativos, portanto, a agricultura não vem conseguindo manter os padrões de poder aquisitivo do setor urbano.

TABELA Nº 08

Evolução da Renda Interna,
segundo os setores

ANO	RENDA INTERNA PER CAPITA A PREÇOS DE 1977 - Cr\$ -		(1 + 2)	ESTADO (3)	(1 + 3)
	SETOR RURAL (1)	SETOR URBANO (2)			
. 1949	3.009,64	11.870,13	0,25	5.047,55	0,60
. 1959	3.954,22	12.796,36	0,31	6.783,70	0,58
. 1970	4.877,01	17.554,24	0,28	10.320,80	0,47
. 1977	7.411,15	29.675,54	0,25	18.194,35	0,41

Fonte: Dados Primários: Fundação Getúlio Vargas e Fundação Instituto Técnico de Economia e Planejamento - ITEP.

Elaboração: CEPA/SC.

4. Estrutura Setorial da Renda Interna de Santa Catarina

Ao examinar os dados contidos na Tabela Nº 09, constata-se que no período 1947/77, a participação relativa do setor agrícola na Renda Interna do Estado caiu de 52,38% para 21%, isto é, uma queda de 31,38%.

No mesmo período, o setor industrial experimentou um crescimento de 15,91%, passando a sua participação de 14,29% para 30,20%, igualmente o setor serviços passou de 33,33% para 48,80%, com um aumento de 15,47% na sua participação da renda interna do Estado de Santa Catarina.

Os elementos constantes da tabela, evidenciam o desenvolvimento da economia catarinense, bem como a importância que vem desempenhando o Setor Agrícola na formação de sua renda interna.

A participação do Setor Agrícola na economia de Santa Catarina, deve situar-se em níveis superiores aos apre -

sentados, em vez que este setor, ainda contribui indiretamente para a formação da Renda Interna do setor secundário desta economia, através das agroindústrias, que se situam tanto a montante como a jusante da agricultura.

Para confirmar o que se disse, basta verificar que em 1976, as agroindústrias participaram com 42% na formação do PIB do setor industrial da economia catarinense.

TABELA Nº 09

Estimativa da Renda Interna de Santa Catarina, período de
1947 a 1977

(Em milhões de cruzeiros)

ANO	AGRICULTURA		INDÚSTRIA		SERVIÇOS		TOTAL	
	Cr\$	%	Cr\$	%	Cr\$	%	Cr\$	%
. 1947	2,2	52,38	0,6	14,29	1,4	33,33	4,2	100
. 1948	2,3	48,94	0,8	17,02	1,6	34,04	4,7	100
. 1949	2,4	46,15	1,0	19,23	1,8	34,62	5,2	100
. 1950	2,5	43,86	1,2	21,05	2,0	35,09	5,7	100
. 1951	2,8	43,08	1,3	20,00	2,4	36,92	6,5	100
. 1952	3,6	43,90	1,7	20,73	2,9	35,37	8,2	100
. 1953	5,2	48,60	2,0	18,69	3,5	32,71	10,7	100
. 1954	5,5	44,35	2,7	21,77	4,2	33,88	12,4	100
. 1955	8,5	47,49	3,7	20,67	5,7	31,84	17,9	100
. 1956	10,5	46,05	4,5	19,74	7,8	34,21	22,8	100
. 1957	11,6	44,28	5,0	19,08	9,6	36,64	26,2	100
. 1958	14,5	45,89	5,8	18,35	11,3	35,76	31,6	100
. 1959	18,8	45,09	8,2	19,66	14,7	35,25	41,7	100
. 1960	26,0	43,92	11,3	19,09	21,9	36,99	59,2	100
. 1961	35,0	40,51	16,7	19,33	34,7	40,16	86,4	100
. 1962	51,4	39,30	26,6	20,34	52,8	40,36	130,8	100
. 1963	88,5	38,11	44,2	19,04	99,5	42,85	232,2	100
. 1964	197,3	43,88	64,7	14,39	187,6	41,73	449,6	100
. 1965	285,0	41,88	97,2	14,28	298,3	43,84	680,5	100
. 1966	381,2	34,29	231,4	20,82	499,0	44,89	1.111,6	100
. 1967	551,7	36,50	277,9	18,38	682,0	45,12	1.511,6	100
. 1968	705,0	33,95	453,3	21,83	918,0	44,22	2.076,3	100
. 1969	-	-	-	-	-	-	-	-
. 1970	998,0	23,69	1.247,6	29,61	1.967,2	46,70	4.212,8	100
. 1971	1.305,6	23,65	1.636,3	29,64	2.578,5	46,71	5.520,4	100
. 1972	1.745,3	22,85	2.318,5	30,35	3.575,3	46,80	7.639,1	100
. 1973	2.681,7	22,51	3.639,0	30,55	5.591,0	46,94	11.911,7	100
. 1974	4.838,3	24,12	5.792,0	28,88	9.426,8	47,00	20.057,1	100
. 1975	6.239,0	23,12	8.069,7	29,90	12.682,2	46,98	26.990,9	100
. 1976	9.740,9	22,07	13.247,0	30,01	21.154,4	47,92	44.142,3	100
. 1977	13.580,2	21,00	19.522,1	30,20	31.549,5	48,80	64.651,8	100

Fonte: Centro de Contas Nacionais - IBGE - FGV - AIE 1970

Fundação ITEP - DE 1970/1977

Elaboração: CEPA/SC.

5. Composição do Valor da Produção Agrícola

A composição dos produtos agrícolas estadual na formação do Valor Bruto de Produção Agrícola catarinense é mostrado na Tabela nº 10, na qual em 1977, o milho teve uma participação de 21,89%, seguido pela extração da madeira com 17,42% e suinocultura com 10,36%.

Destacam-se ainda na formação do VBP Agrícola Estadual, em ordem decrescente, a avicultura, a cultura da soja, a cultura do fumo, a bovinocultura de leite, a cultura do arroz e a bovinocultura de corte, com percentuais, respectivamente de, 7,48%, 6,77%, 5,63%, 5,52%, 4,87%, e 4,62%. Entretanto, devido a ocorrências de fatores climáticos adversos em 1978, a produção agrícola estadual apresentou, em determinados produtos, baixa produtividade, refletindo negativamente na formação do Valor Bruto da Produção Agrícola.

Dentre os produtos atingidos e cuja participação relativa apresentou decréscimo no Valor Bruto da Produção Agrícola em 1978 em relação a 1977, destacam-se: milho, 14,10%; arroz, 4,43%; feijão, 3,42%; trigo, 0,07%; soja, 5,48%; maçã, 0,28%; nectarina, 0,02%.

Entre as produções que apresentaram as maiores taxas de crescimento no período compreendido entre as safras - 1973/74 e 1977/78, salienta-se a maçã com uma taxa anual de cerca de 101%; avicultura com 72%; pêssigo com 63%; nectarina, com 14%; ameixa com 12% e a do fumo com 17%. Porém, tanto a produção de nectarina como a de ameixa e pêssigo tem-se caracterizado por produções muito irregulares, atribuídas a adversidades climáticas e à inexistência, ainda, de variedades adaptadas ao novo clima.

Um detalhe que chama a atenção é que estas atividades, que apresentaram elevadas taxas de crescimento, são atividades de grande densidade econômica. Duas delas - a avicultura e fumo - estão ligadas a processos de integração com a agroindústrias.

Deve-se acrescentar ainda, aos produtos já citados, o desenvolvimento da cultura do arroz e da suinocultura, que apresentaram no período considerado, taxas anuais de crescimento de 5% e 13%, respectivamente.

Entre as culturas que reduziram sensivelmente sua importância no mesmo período, destacam-se o trigo com uma queda anual de 53% e a mandioca com uma redução anual no Valor Bruto de Produção de 13%. A captura de peixes apresentou, no mesmo período, uma quebra média no Valor Bruto de Produção, de 7% ao ano. A sardinha representa a principal espécie de pescado e sua captura de forma indiscriminada vem reduzindo os cardumes, constituindo-se, pois, num dos fatores responsáveis pelo decréscimo deste subsetor.

TABELA Nº 10

Participação dos Produtos no Valor Bruto da Produção Agrícola - Período: 1974/78

PRODUTOS	VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO - Cr\$ 1.000 (A PREÇOS DE 1974)									
	1974	%	1975	%	1976	%	1977	%	1978	%
LAVOURA	3.185.169	50,52	3.204.972	49,76	3.283.190	47,48	3.635.518	48,73	2.813.357	40,97
• Milho	1.353.001	21,46	1.295.030	19,62	1.496.103	21,64	1.632.772	21,89	968.620	14,10
• Mandioca	279.611	4,43	243.320	3,69	171.199	2,48	171.420	2,30	158.619	2,31
• Fumo	267.574	4,24	297.894	4,51	346.042	5,00	420.106	5,63	493.838	7,19
• Arroz	252.226	4,00	319.043	4,83	346.929	5,02	362.916	4,87	304.123	4,43
• Feijão	244.289	3,83	323.363	4,90	189.023	2,73	256.851	3,44	235.048	3,42
• Trigo	87.280	1,30	32.923	0,50	36.258	0,52	21.954	0,29	4.314	0,07
• Batatinha	133.461	2,12	165.355	2,50	132.601	1,92	117.937	1,58	109.018	1,59
• Cana de Açúcar	25.357	0,40	28.117	0,43	25.058	0,36	26.140	0,48	47.306	0,69
• Soja	457.761	7,26	495.232	7,50	434.478	6,28	504.947	6,77	375.962	5,48
• Tomate	26.762	0,43	32.893	0,50	47.156	0,63	42.855	0,57	52.414	0,76
• Cebola	58.001	0,92	51.803	0,78	58.343	0,84	67.720	0,91	64.095	0,93
FRUTICULTURA	57.514	0,91	58.830	0,89	62.215	0,90	75.588	1,01	77.720	1,13
• Maçã	2.750	0,04	9.000	0,14	15.120	0,22	22.239	0,30	19.537	0,28
• Pêssego	260	0,01	660	0,01	1.710	0,02	1.102	0,02	1.498	0,02
• Nectarina	2.179	0,03	1.900	0,03	4.161	0,06	3.958	0,05	1.273	0,02
• Ameixa	431	0,01	70	0,001	245	0,01	708	0,01	278	0,01
• Banana	51.794	0,82	47.200	0,72	40.979	0,59	47.521	0,63	55.134	0,80
SILVICULTURA	1.409.352	23,62	1.492.000	22,60	1.493.588	21,60	1.545.809	20,72	1.566.587	22,81
• Madeira	1.204.772	20,38	1.275.716	19,34	1.266.797	18,32	1.299.338	17,423	1.305.000	19,00
• Carvão	3.486	0,05	3.432	0,05	3.444	0,05	3.506	0,4727	3.512	0,05
• Lenha	201.074	3,19	211.851	3,21	225.347	3,23	242.465	3,25	258.075	3,76
PECUÁRIA	1.432.026	22,57	1.641.107	24,86	1.970.553	28,50	2.087.351	27,98	2.277.533	33,16
• Suinocultura	527.458	8,37	551.801	8,36	777.048	11,24	772.532	10,36	849.802	12,37
• Bovinos Corte	333.503	5,20	349.856	5,30	352.378	5,10	344.902	4,62	351.754	5,12
• Leite	375.669	5,96	320.948	5,92	405.257	5,86	411.503	5,52	381.702	5,56
• Avicultura	185.996	2,95	348.501	5,28	435.870	6,30	558.414	7,48	694.275	10,11
PESCADO	149.871	2,38	124.861	1,89	103.214	1,52	116.204	1,56	132.518	1,93
• Peixes	98.570	1,47	59.100	0,90	37.070	0,54	59.375	0,79	68.687	1,00
• Crustáceos	58.483	0,93	63.977	0,97	67.440	0,97	56.331	0,76	63.585	0,92
• Moluscos e Outros	1.818	0,03	1.694	0,02	704	0,01	498	0,01	246	0,01
TOTAL	6.304.713	100	6.801.771	100	6.914.760	100	7.460.470	100	6.867.715	100

Fonte: CENP/SC

(*) - Estimativas: CENP/SC

6. Produção Agrícola

6.1. Milho

TABELA Nº 11

Área, Rendimento e Produção de Milho - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO(*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO(*) CONSTANTE	INDI CE
1946/47	205.486	100	1.722	100	353.797	100	36.799	100	104,01	100
1947/48	199.630	97	1.805	105	360.385	102	34.498	94	95,73	92
1948/49	194.890	95	1.651	96	321.690	91	28.950	79	89,99	87
1949/50	179.842	88	1.920	111	345.202	98	26.330	72	76,27	73
1950/51	200.359	98	1.875	109	375.600	106	25.039	68	66,66	64
1951/52	218.169	106	1.825	106	398.062	113	33.803	92	84,92	82
1952/53	233.241	114	1.898	110	442.800	125	42.025	114	94,91	91
1953/54	246.234	120	1.766	103	434.778	123	35.536	97	81,73	79
1954/55	245.516	119	1.863	108	457.404	129	45.892	125	100,33	96
1955/56	259.479	126	1.906	111	494.559	140	42.941	117	86,83	83
1956/57	262.587	128	1.930	112	506.790	143	42.606	116	84,07	81
1957/58	283.532	138	1.934	112	548.287	155	49.276	134	89,87	86
1958/59	295.753	144	1.931	112	571.061	161	53.171	144	93,11	90
1959/60	319.363	155	1.869	109	596.897	169	48.072	131	80,54	77
1960/61	322.608	157	1.907	111	615.218	174	47.868	130	77,81	75
1961/62	341.719	166	1.805	105	616.922	174	60.297	164	97,74	94
1962/63	374.255	182	1.791	104	670.275	189	45.537	124	67,94	65
1963/64	384.938	187	1.778	103	684.434	193	47.412	129	69,27	67
1964/65	407.614	198	1.836	107	748.442	212	50.657	138	67,56	65
1965/66	427.299	208	1.636	95	699.052	198	46.333	126	66,28	64
1966/67	488.007	237	1.839	107	897.667	254	67.338	183	75,01	72
1967/68	474.868	231	1.669	97	792.498	224	58.214	158	73,46	71
1968/69	537.455	262	1.841	107	989.626	280	68.140	185	68,85	66
1969/70	563.604	274	1.919	111	1.081.556	306	71.800	195	66,39	64
1970/71	706.077	344	1.740	101	1.228.573	347	74.580	203	60,70	58
1971/72	695.593	339	1.770	103	1.231.119	348	89.849	244	72,98	70
1972/73	800.142	389	1.950	113	1.560.276	441	136.112	370	87,24	84
1973/74	936.320	456	2.369	138	2.218.100	627	(1)281.884	766	127,08	122
1974/75	942.400	459	2.253	131	2.123.000	600	(1)287.454	781	135,40	130
1975/76	1.005.274	489	2.440	142	2.452.627	693	(1)277.549	754	113,16	109
1976/77	1.063.584	518	2.514	146	2.674.175	756	(1)263.956	717	98,71	95
1977/78	1.005.633	489	1.579	92	1.587.902	449				
1978/79 ^(*)	1.097.647	534	1.485	86	2.023.599	572				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (ICV)

(1) - Cálculos: CEPA/SC.

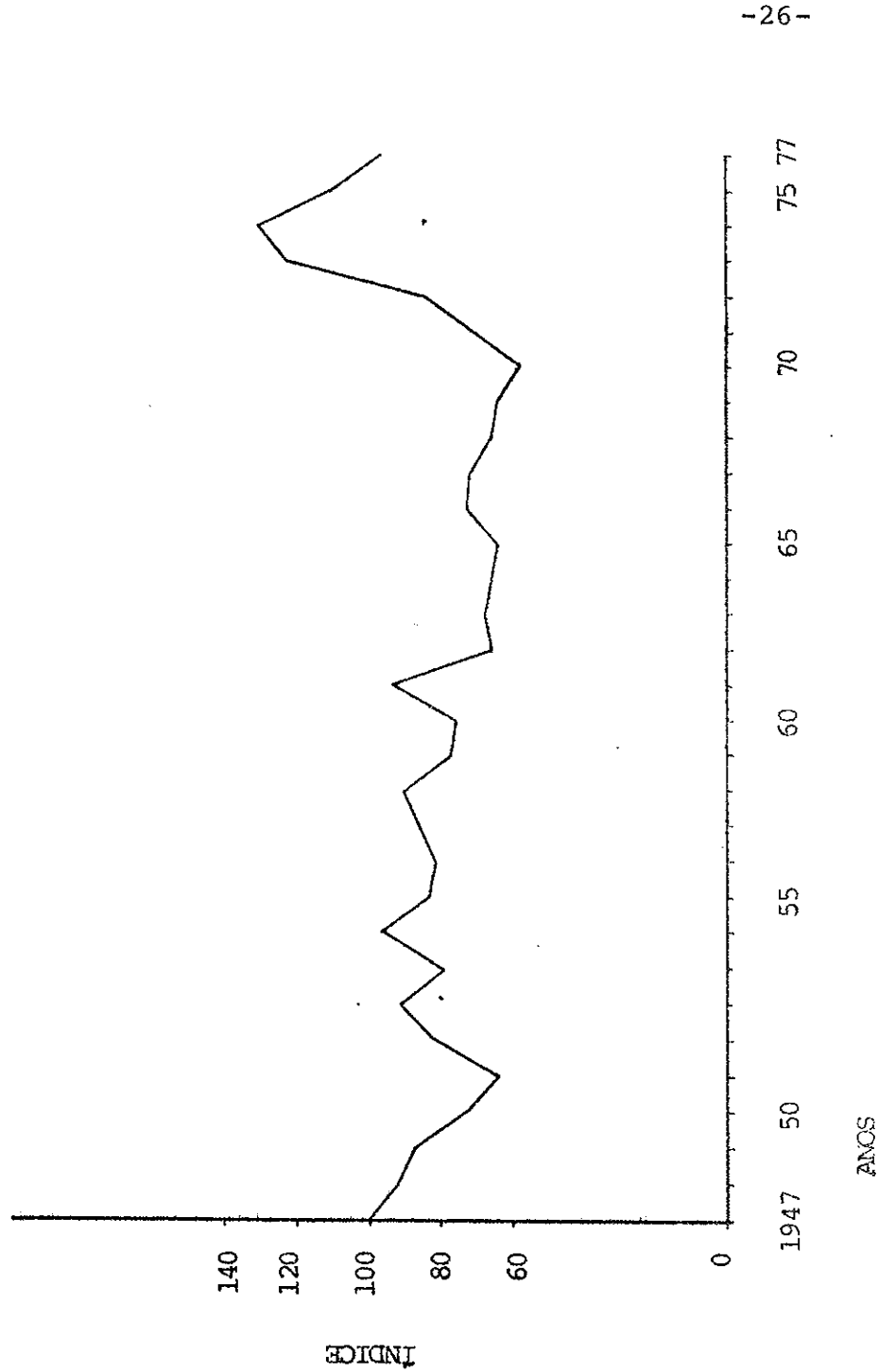
(*) - Previsão: GCEA/SC (Fév/79)

Fonte: SUPLAN/EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78).

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor Por
Tonelada de Milho

Índice 100 = 1947



Análise dos Preços

O preço do milho, no período 1968-73 apresenta uma evolução em que as curvas do gráfico que representam os tres níveis de comercialização: produtor, atacado e varejo, seguem mais ou menos paralelas, acusando que a margem de lucro dos atacadistas e varejistas permanece compatível com os preços pagos ao produtor. Em 1971, verifica-se que o atacadista obteve um lucro maior em detrimento do lucro do varejista.

Em 1974, o lucro dos atacadistas foi menor e do varejista relativamente maior. Em 1975, no atacado e principalmente no varejo, o preço do produto apresentou-se bem mais alto em virtude, talvez, da safra que apresentou uma quebra na produtividade, não sendo, portanto, atingida a produção esperada e, conseqüentemente, os preços no atacado e varejo foram majorados. Para o produtor não houve um aumento significativo no preço pago à sua produção devido, provavelmente, a falta de infra-estrutura de armazenagem e de recursos financeiros para formar estoques.

TABELA Nº 12

Preços Correntes - Produto: Milho
Cr\$/kg

PREÇO	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,09	0,11	0,13	0,17	0,19	0,22	0,32	0,39	0,61	0,83	0,98	1,22
. Atacado	-	-	0,21 ^(*)	0,23	0,29	0,40	0,45	0,55	0,80	1,10	1,18	1,33
. Varejo	-	-	0,23 ^(*)	0,28	0,38	0,42	0,54	0,66	0,94	1,58	-	-

(*) - Média dos meses de dezembro e novembro (1968)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços a Nível de Produtor e de Mercados Atacadista e Varejista - Milho

_____ PRODUTOR
 - - - - - ATACADO
 - . - . - VAREJO

Anos

66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77

FONTE: Atacado e Varejo - FIBGE - SIMA/SC
 Produtor - F.G.V.

6.2. Mandioca

TABELA Nº 13

Área, Rendimento e Produção da Mandioca - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	INDI CE	Kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE
. 1946/47	83.065	100	15.056	100	1.250.618	100	27.687	100	22,14	100
. 1947/48	80.807	97	14.896	99	1.203.701	96	25.874	93	21,50	96
. 1948/49	86.421	104	15.698	104	1.356.642	108	24.465	88	18,03	81
. 1949/50	80.777	97	16.485	109	1.331.569	106	20.643	75	15,50	70
. 1950/51	84.393	102	16.854	112	1.422.363	114	18.583	67	13,60	59
. 1951/52	91.146	110	16.665	111	1.518.946	121	24.437	88	16,09	73
. 1952/53	95.701	115	16.903	112	1.617.591	129	41.289	149	25,52	115
. 1953/54	97.823	118	16.340	109	1.598.466	128	25.749	93	16,11	73
. 1954/55	105.894	128	16.213	108	1.716.811	137	24.855	90	14,48	65
. 1955/56	95.237	115	16.205	108	1.543.276	123	26.402	95	17,11	77
. 1956/57	95.482	115	16.027	106	1.530.250	122	30.273	109	19,78	89
. 1957/58	104.756	126	16.243	108	1.701.963	136	33.995	123	19,97	90
. 1958/59	99.906	120	16.957	113	1.694.114	135	27.413	99	16,18	73
. 1959/60	106.188	128	16.340	109	1.735.165	139	26.070	94	15,02	68
. 1960/61	113.726	137	16.160	107	1.837.789	147	29.693	107	16,16	73
. 1961/62	121.235	146	15.392	102	1.866.014	149	50.870	184	27,26	123
. 1962/63	124.113	149	16.255	108	2.017.472	161	38.273	138	18,97	86
. 1963/64	131.253	158	16.782	111	2.202.675	176	27.872	101	12,65	57
. 1964/65	138.398	165	16.088	107	2.226.537	178	28.010	101	12,58	57
. 1965/66	129.822	156	18.781	125	2.438.129	195	29.477	106	12,09	55
. 1966/67	119.730	144	21.327	142	2.553.442	204	37.900	137	14,84	67
. 1967/68	130.686	157	21.670	144	2.832.020	226	38.445	139	13,58	61
. 1968/69	138.674	167	21.174	141	2.936.226	235	38.789	140	13,21	60
. 1969/70	142.816	172	21.127	140	3.017.231	241	43.976	159	14,57	66
. 1970/71	155.431	187	19.721	131	3.065.236	245	50.481	182	16,47	74
. 1971/72	152.585	184	18.354	122	2.869.240	229	51.910	187	18,09	82
. 1972/73	161.708	195	14.210	94	2.297.852	184	67.477	244	29,37	133
. 1973/74	142.174	171	14.969	99	2.128.200	170	58.082 ⁽¹⁾	210	27,29	123
. 1974/75	85.046	102	16.805	112	1.429.241	114	50.827 ⁽¹⁾	181	35,56	161
. 1975/76	80.846	97	16.129	107	1.303.973	104	91.549 ⁽¹⁾	331	70,21	317
. 1976/77	82.962	100	14.943	99	1.239.687	99	66.819 ⁽¹⁾	241	53,90	243
. 1977/78	77.528	93	15.584	104	1.208.159	97				
. 1978/79 ^(*1)	100.343	121	15.266	101	1.531.816	122				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1) - Cálculos: CEPA/SC.

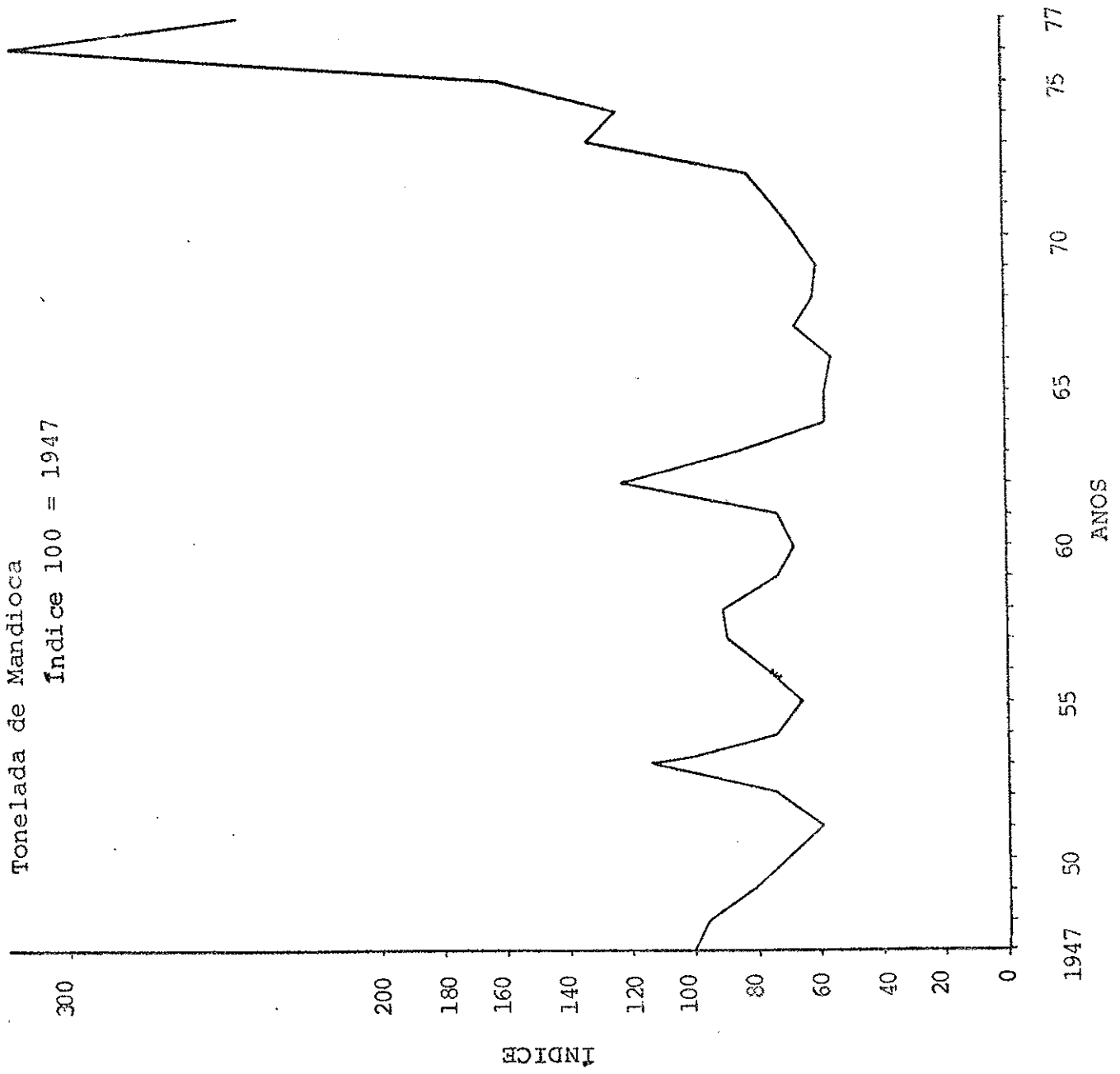
(*1) - Previsão: GCEA/SC (fev/79)

Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78).

GRÁFICO Nº 03

Evolução do Preço Real pago ao Produtor por
Tonelada de Mandioca
Índice 100 = 1947



Análise dos Preços

Ao analisar o gráfico, verifica-se que a margem de lucro entre o produtor e o atacadista é muito ampla. É necessário lembrar que este fato não representa, necessariamente, uma apropriação excessiva por parte do atacadista, pois, o preço pago ao produtor refere-se à raiz da mandioca, enquanto que no atacado e varejo é considerado o preço da farinha. Desta forma, no preço de atacado, além do lucro está agregado o valor da transformação da matéria-prima (raiz) em produto acabado (farinha).

Verifica-se, no entanto, que a partir de 1971 houve um "salto" na curva que representa o preço de atacado e, em 1976, este preço assumiu proporções muito grandes, detectando uma significativa discrepância entre o preço pago ao produtor da matéria prima e o preço de atacado.

Entre outras, duas podem ser as causas deste fenômeno:

- a. O atacadista está se apropriando de um valor demasiadamente elevado;
- b. Os custos de industrialização são cada vez mais caros.

TABELA Nº 14

Preços Correntes - Produto: Mandioca

Cr\$/t.

PREÇO	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1967
. Produtor	16,80	28,36	31,79	50,89	41,72	67,74	95,78	102,00	131,00	218,00	608,00	670,89
. Atacado	-	-	0,27 ^(*)	0,28	0,36	0,53	1,07	1,08	1,14	1,72	3,66	3,72
. Varejo	-	-	0,29 ^(*)	0,39	0,48	0,82	1,35	1,41	1,46	2,27	-	-

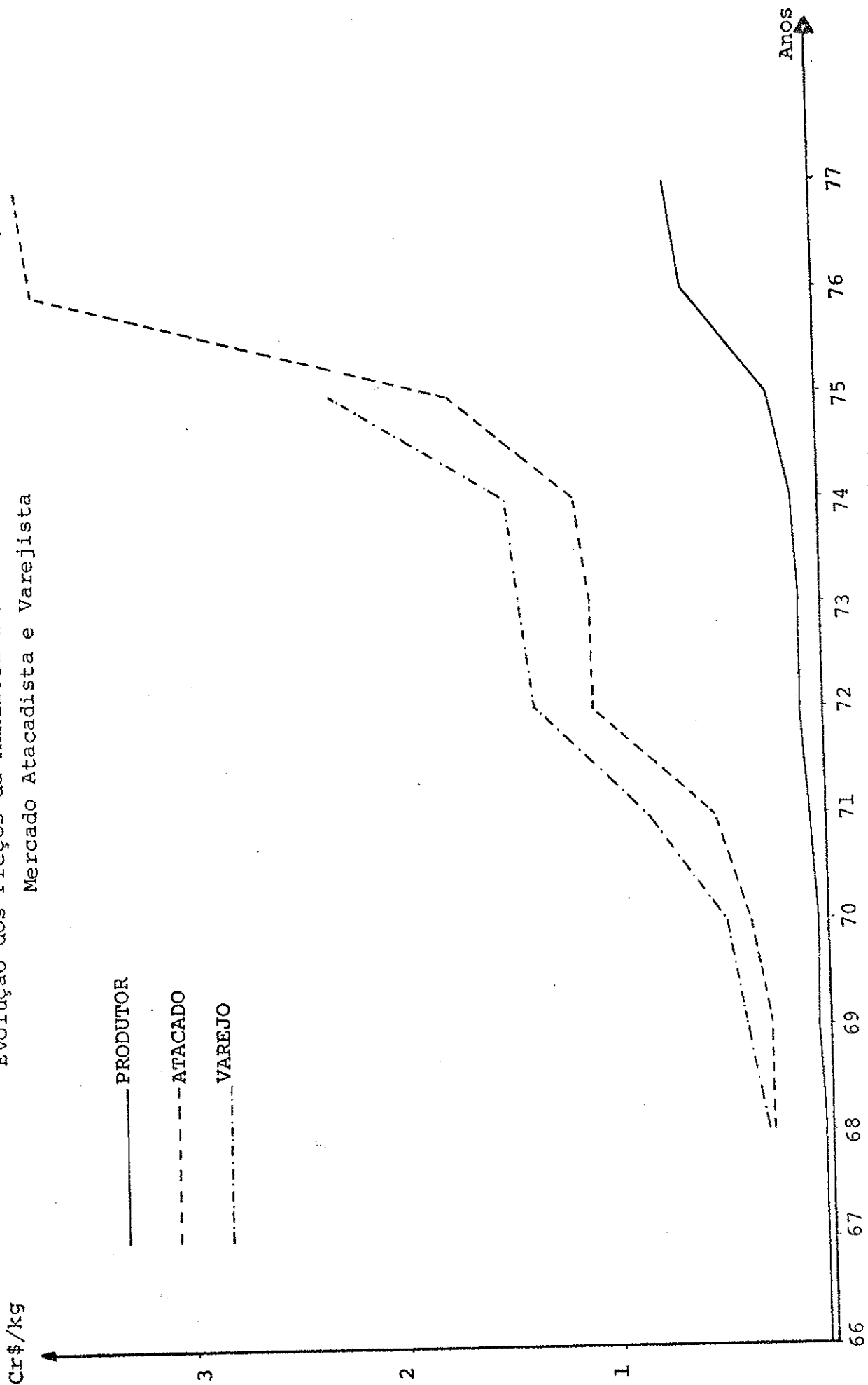
(*) - Média de dezembro e novembro (1968)

Atacado e Varejo, os preços são referentes a Farinha de Mandioca (Cr\$/kg)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços da Mandioca a Nível de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista



Varejo e Atacado refere-se à farinha de mandioca (Cr\$/Kg)

FONTE: Atacado e Varejo - SIMA/SC e FIBGE
Produtor - F.G.V.

6.3.Arroz

TABELA Nº 15

Área, Rendimento e Produção de Arroz - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE
1946/47	31.184	100	2.549	100	79.500	100	8.645	100	108,74	100
1947/48	31.765	102	2.561	100	81.349	102	11.354	131	141,60	130
1948/49	29.409	94	2.470	97	72.641	91	11.519	133	158,57	146
1949/50	33.473	107	2.455	96	82.190	103	7.982	92	97,12	89
1950/51	34.581	111	2.392	94	82.713	104	7.008	81	84,73	78
1951/52	33.153	106	2.355	92	78.062	98	8.521	99	109,16	100
1952/53	33.937	109	2.507	98	85.071	107	14.479	167	170,20	157
1953/54	40.313	129	2.136	84	86.092	108	15.314	177	177,88	164
1954/55	41.790	134	2.381	93	99.488	125	14.855	172	149,31	137
1955/56	48.951	157	2.659	104	130.179	164	17.543	203	134,76	124
1956/57	73.246	235	2.144	84	157.046	198	24.455	283	155,72	143
1957/58	59.165	190	2.267	89	134.132	169	21.394	247	159,50	147
1958/59	54.707	175	2.829	111	154.754	195	21.498	249	138,92	128
1959/60	61.627	198	2.202	86	135.698	171	18.690	216	137,73	127
1960/61	56.014	180	2.783	109	155.905	196	17.121	198	109,82	101
1961/62	59.644	191	2.294	90	136.824	172	22.000	254	160,79	148
1962/63	60.999	196	2.625	103	160.110	201	27.657	320	172,74	159
1963/64	66.467	213	2.693	106	179.012	225	26.082	302	145,70	134
1964/65	70.009	225	2.549	100	178.450	224	18.367	212	102,93	95
1965/66	71.260	229	2.411	95	171.791	216	18.689	216	108,79	100
1966/67	78.251	251	2.711	106	212.176	267	32.123	372	151,40	139
1967/68	80.316	258	2.652	104	213.016	268	33.161	384	155,67	143
1968/69	81.179	260	2.595	102	210.688	265	27.801	322	131,95	121
1969/70	86.128	276	2.486	98	214.151	269	25.140	291	117,39	108
1970/71	97.222	312	2.138	84	207.815	261	25.719	298	123,76	114
1971/72	101.896	327	2.131	84	217.161	273	33.204	384	152,90	141
1972/73	107.184	344	2.074	81	222.326	280	32.480	376	146,09	134
1973/74	101.576	326	2.278	89	231.400	291	52.547 ⁽¹⁾	608	227,08	209
1974/75	124.975	401	2.342	92	292.700	368	83.560 ⁽¹⁾	967	285,48	263
1975/76	153.593	493	2.072	81	318.283	400	60.643 ⁽¹⁾	701	190,53	175
1976/77	148.164	475	2.247	88	332.950	419	48.218 ⁽¹⁾	558	144,82	133
1977/78	133.330	428	2.093	82	279.012	351				
1978/79 ^(*1)	148.999	478	2.505	98	290.905	316				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1) - Cálculos: CEPA/SC.

(*1) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

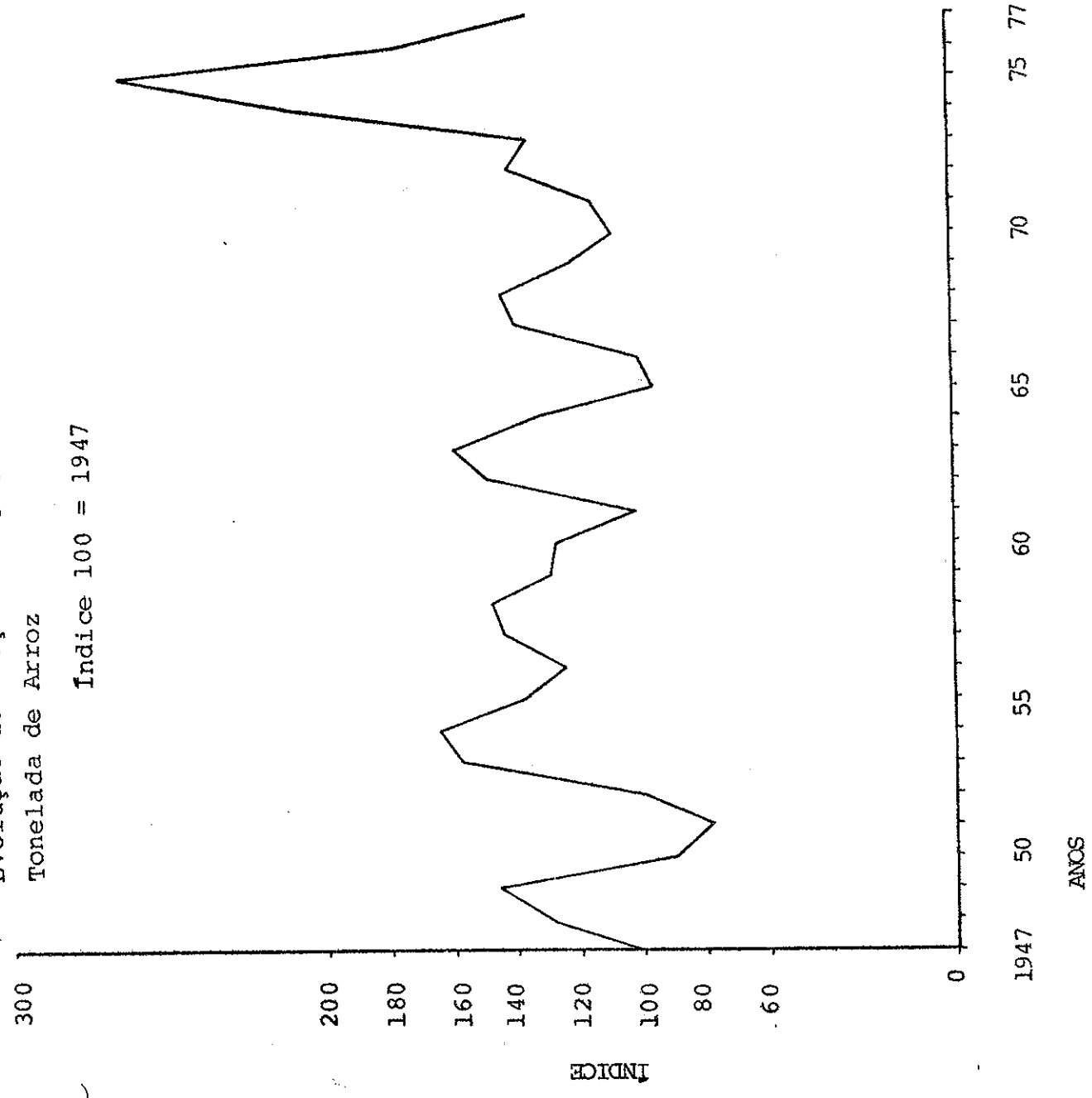
Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78).

GRÁFICO Nº 05

Evolução do Preço Real pago ao Produtor Por
Tonelada de Arroz

Índice 100 = 1947



ANOS

Análise de Preços

No período 1968-71 a margem de lucro dos atacadistas e varejistas apresenta-se constante.

De 1970 a 1973, as curvas que representam os preços no atacado e varejo, começam a se distanciar daquela que representa o preço pago ao produtor.

A partir de 1971, verifica-se que a amplitude entre o preço pago ao produtor e o preço de atacado aumentou consideravelmente, o que pode ser atribuído a um maior lucro auferido pelos atacadistas ou, à oneração dos custos de beneficiamento. Em 1976, houve uma queda no preço de atacado devido a problemas de mercado causados pelo excesso de oferta do arroz produzido em outros estados da Federação.

TABELA Nº 16

Preços Correntes - Produto: Arroz
Cr\$/kg.

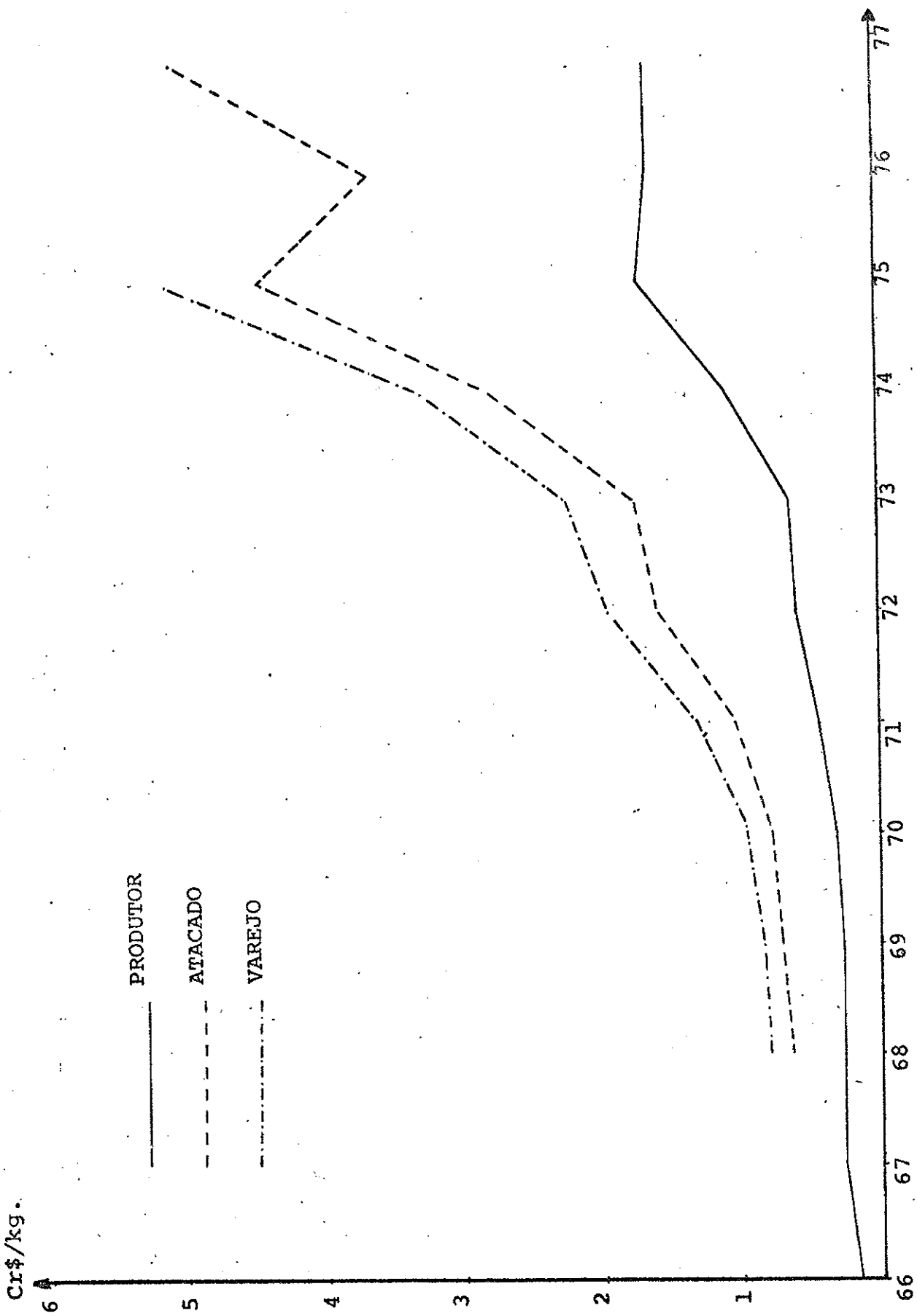
PREÇO	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,17	0,29	0,29	0,29	0,31	0,44	0,60	0,65	1,09	1,75	1,65	1,64
. Atacado	-	-	0,70 ^(*)	0,73	0,80	1,10	1,60	1,77	2,81	4,43	3,63	5,02
. Varejo	-	-	0,78 ^(*)	0,84	0,94	1,33	1,97	2,22	3,26	5,16	-	-

(*) - 1968 - Média de 2 meses (novembro e dezembro).

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE/DEICOM - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO MIELO DE CACAU
Mercados Atacadista e Varejista



FONTE: Atacado e Varejo - SIMA/SC e FIBGE
Produtor - F.G.V.

6.4. Feijão

TABELA Nº 17

Área, Rendimento e Produção de Feijão - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE
. 1946/47	44.045	100	1.220	100	53.742	100	8.762	100	163,04	100
. 1947/48	36.178	82	1.241	102	44.880	84	10.262	117	228,65	140
. 1948/49	38.759	88	1.242	102	48.145	90	8.869	101	184,21	113
. 1949/50	38.937	88	1.173	96	45.666	85	6.698	76	146,67	90
. 1950/51	47.441	108	1.006	82	47.721	89	6.693	76	140,25	86
. 1951/52	49.076	111	1.050	86	51.542	96	8.944	102	173,53	106
. 1952/53	52.288	119	1.052	86	55.012	102	11.473	131	208,55	128
. 1953/54	61.788	140	1.063	87	65.685	122	8.841	101	134,60	83
. 1954/55	65.124	148	1.127	92	73.365	137	11.951	136	162,90	100
. 1955/56	68.977	157	1.038	85	71.601	133	18.928	216	264,35	162
. 1956/57	67.830	154	1.052	86	71.323	133	18.061	206	253,23	155
. 1957/58	67.641	154	1.037	85	70.160	131	14.290	163	203,68	125
. 1958/59	70.454	160	1.057	87	74.474	139	14.514	166	194,89	120
. 1959/60	76.927	175	1.023	84	78.713	146	29.564	337	375,59	230
. 1960/61	80.927	184	1.050	86	84.953	158	16.308	186	191,96	118
. 1961/62	85.889	195	1.007	83	86.528	161	17.290	197	199,82	123
. 1962/63	92.074	209	997	82	91.785	171	20.649	236	224,97	138
. 1963/64	91.660	208	1.047	86	95.923	178	14.868	170	155,00	95
. 1964/65	95.874	218	1.068	88	102.364	190	12.356	141	120,71	74
. 1965/66	100.549	228	928	76	93.266	174	13.556	155	145,35	89
. 1966/67	113.162	257	1.058	87	119.781	223	20.605	235	172,02	106
. 1967/68	112.119	255	1.055	82	112.707	210	16.373	187	145,27	89
. 1968/69	111.607	253	935	77	104.383	194	15.120	173	144,85	89
. 1969/70	112.351	255	886	73	99.542	185	21.761	248	218,61	134
. 1970/71	159.023	361	587	48	93.346	174	22.512	257	241,17	148
. 1971/72	155.143	352	677	55	105.031	195	23.004	263	219,02	134
. 1972/73	126.450	287	725	59	91.682	171	35.268	403	384,68	236
. 1973/74	173.466	394	737	60	127.900	238	50.894 ⁽¹⁾	581	397,92	244
. 1974/75	185.065	420	915	75	169.300	315	45.294 ⁽¹⁾	517	267,54	164
. 1975/76	158.025	359	626	51	98.965	184	42.054 ⁽¹⁾	480	424,94	261
. 1976/77	188.880	429	712	58	134.477	250	58.970 ⁽¹⁾	673	438,51	269
. 1977/78	195.106	443	631	52	123.062	229				
. 1978/79 ^(*1)	212.068	481	890	79	188.763	351				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1) - Estimativas: CEPA/SC

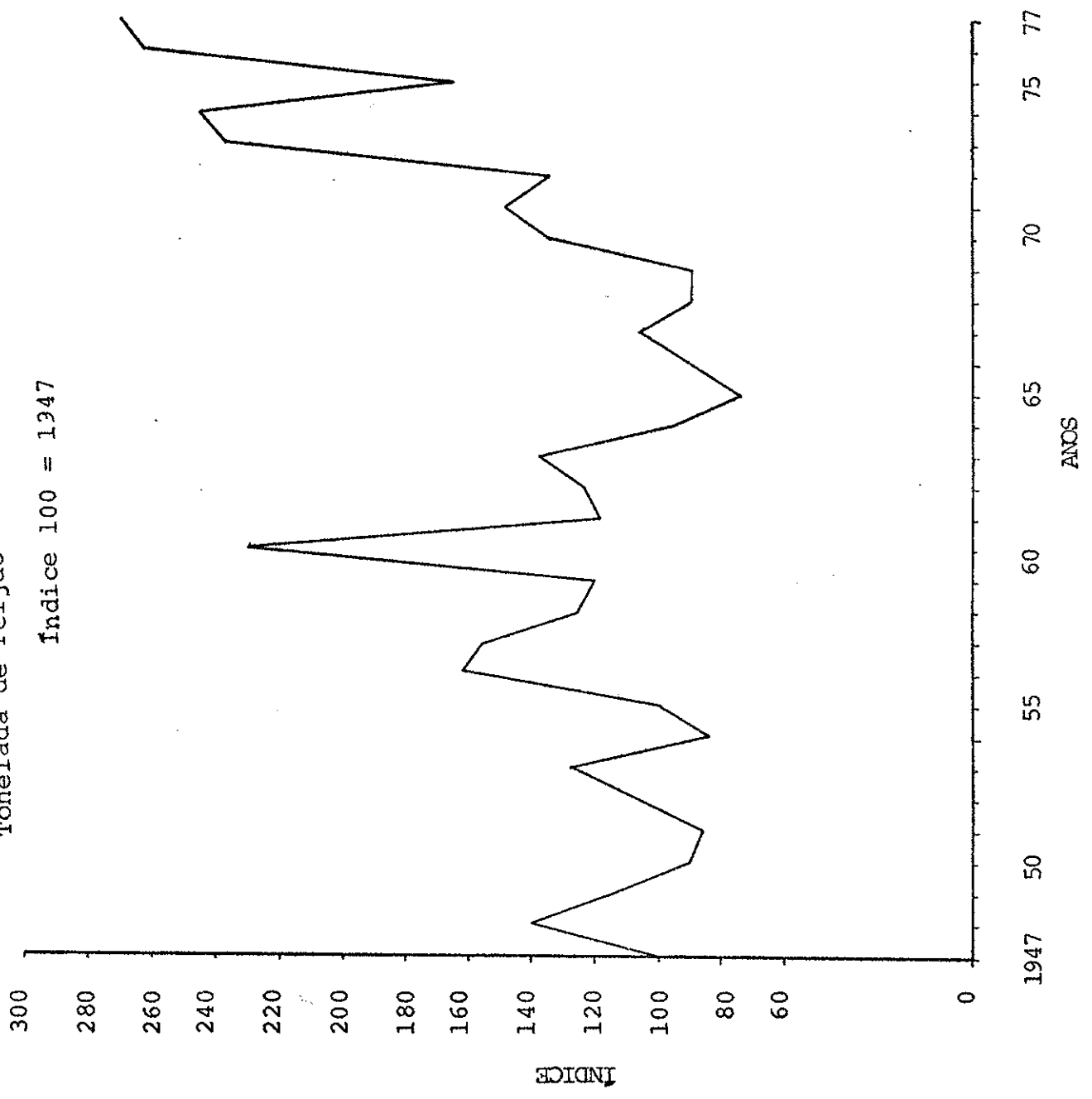
(*1) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: SUPLAN, FIBGE, SAA.

GRÁFICO Nº 07

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor Por
Tonelada de Feijão

Índice 100 = 1947



Análise dos Preços

No período 1968-72, a diferença de preços - nos tres patamares da comercialização é constante. Ao analisar os preços pagos ao produtor nos anos de 1970, 1971 e 1972, verifica-se que neste período o preço permaneceu estável desestimulando, conseqüentemente, os produtores que na safra 1972/73 reduziram drasticamente a área plantada com esta leguminosa, ocasionando uma sub-oferta e um conseqüente aumento significativo de preço.

Em 1974 e 1975, baseados nos bons preços recebidos em 1973, os produtores incrementaram sua produção e conseqüentemente, os preços novamente declinaram quando, em 1976 a área colhida foi menor do que a de 1975, bem como, a produtividade foi bem inferior a da safra anterior, provocando um substancial aumento no preço do produto. Esta situação perdurou na safra seguinte (1976/77).

Verifica-se ainda que, no período 1973-75, a margem de lucro dos atacadistas e varejistas também aumentou consideravelmente, retomando os níveis normais a partir de 1976, em virtude do tabelamento instituído pelo Governo Federal (Tabela CIP-SUNAB).

TABELA Nº 18

Preços Correntes - Produto: Feijão

Cr\$/kg

PREÇO	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,29	0,27	0,26	0,46	0,77	0,75	0,76	1,95	1,91	1,64	3,68	5,40
. Atacado	-	-	0,38*	0,54	1,09	0,96	1,04	3,12	3,13	2,68	4,48	5,70
. Varejo	-	-	0,46*	0,78	1,31	1,30	1,27	3,44	3,39	3,00	-	-

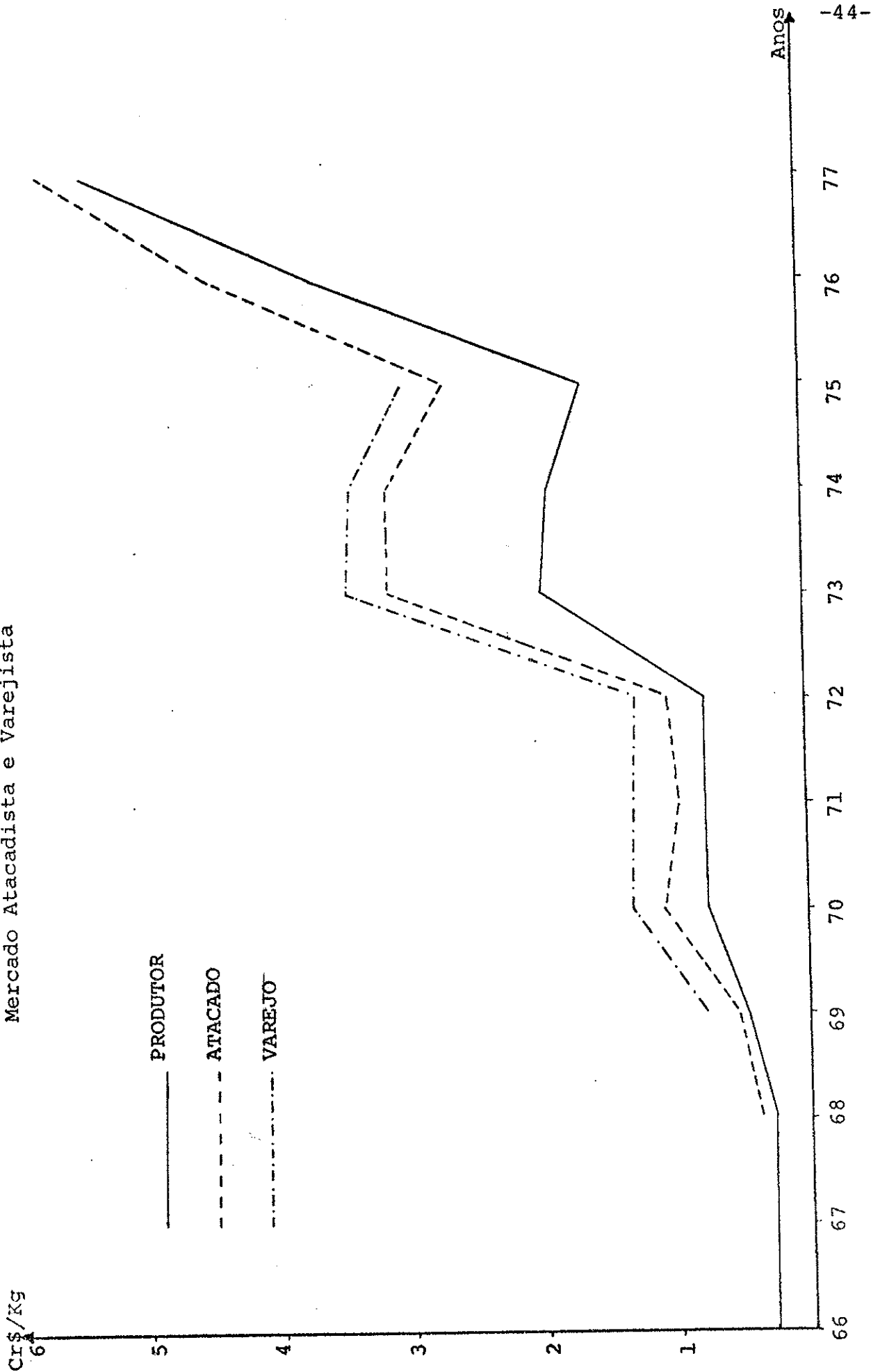
* - Média dos meses de novembro e dezembro (1968)

Fonte: Atacado e varejo : IBGE - SIMA/SC

Produtor: FGV

GRÁFICO Nº 8

Evolução dos Preços do Feijão a nível de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista



FONTE: Atacado e Varejo - FIBGE - SIMA/SC

Produtor - F.G.V.

6.5. Trigo

TABELA Nº 19

Área, Rendimento e Produção de Trigo - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	t.	ÍNDICE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDICE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDICE
. 1946/47	73.443	100	1.054	100	77.388	100	25.585	100	330,61	100
. 1947/48	88.941	121	955	91	84.908	110	24.673	96	290,59	88
. 1948/49	96.698	132	1.028	98	99.383	128	23.650	92	237,97	72
. 1949/50	101.481	138	1.060	101	107.537	139	23.578	92	219,25	66
. 1950/51	105.875	144	682	65	72.178	98	14.646	57	202,92	61
. 1951/52	135.941	185	975	93	132.548	171	26.691	104	201,51	61
. 1952/53	150.404	205	918	87	138.114	178	31.964	125	231,43	70
. 1953/54	146.438	199	764	72	111.887	145	24.638	96	220,20	67
. 1954/55	139.575	190	1.016	96	141.760	183	37.635	147	265,48	80
. 1955/56	91.453	125	1.000	95	91.471	118	21.419	84	234,16	71
. 1956/57	110.248	150	849	81	93.609	121	20.213	79	215,93	65
. 1957/58	116.790	159	830	79	96.915	125	22.655	89	233,76	71
. 1958/59	113.734	155	962	91	109.433	141	26.012	102	237,70	72
. 1959/60	111.692	152	975	93	108.949	141	25.784	101	236,66	72
. 1960/61	100.445	137	788	75	79.165	102	19.539	76	246,81	75
. 1961/62	104.097	142	1.010	96	105.098	136	30.124	118	286,63	87
. 1962/63	102.874	140	689	65	70.903	92	17.604	69	248,28	75
. 1963/64	102.277	139	933	89	95.457	123	26.397	103	276,53	84
. 1964/65	98.585	134	860	82	84.830	110	21.388	84	252,13	76
. 1965/66	77.993	106	812	77	63.311	82	15.239	60	240,70	73
. 1966/67	77.401	105	874	83	67.685	87	15.434	60	228,03	69
. 1967/68	81.087	110	890	84	72.138	93	16.853	66	233,62	71
. 1968/69	96.668	132	845	80	81.694	106	18.801	73	230,14	70
. 1969/70	119.434	163	772	73	92.203	119	19.526	76	211,77	64
. 1970/71	116.302	158	672	64	78.154	101	14.665	57	187,64	57
. 1971/72	121.500	165	510	48	61.965	80	10.674	42	172,26	52
. 1972/73	71.950	98	768	73	55.250	71	12.258	48	221,86	67
. 1973/74	99.100	135	816	77	80.820	104	18.185 ⁽¹⁾	71	225,01	68
. 1974/75	67.776	92	450	43	30.484	39	7.459 ⁽¹⁾	29	244,69	74
. 1975/76	37.522	51	542	51	20.328	26	4.530 ⁽¹⁾	18	222,85	67
. 1976/77	11.200	15	382	36	4.279	6	865 ⁽¹⁾	3	202,27	61
. 1977/78	4.059	6	857	81	3.995	5				
. 1978/79 ^(*1)	4.700	6	851	81	4.000	5				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflador Col. 2 (FGV)

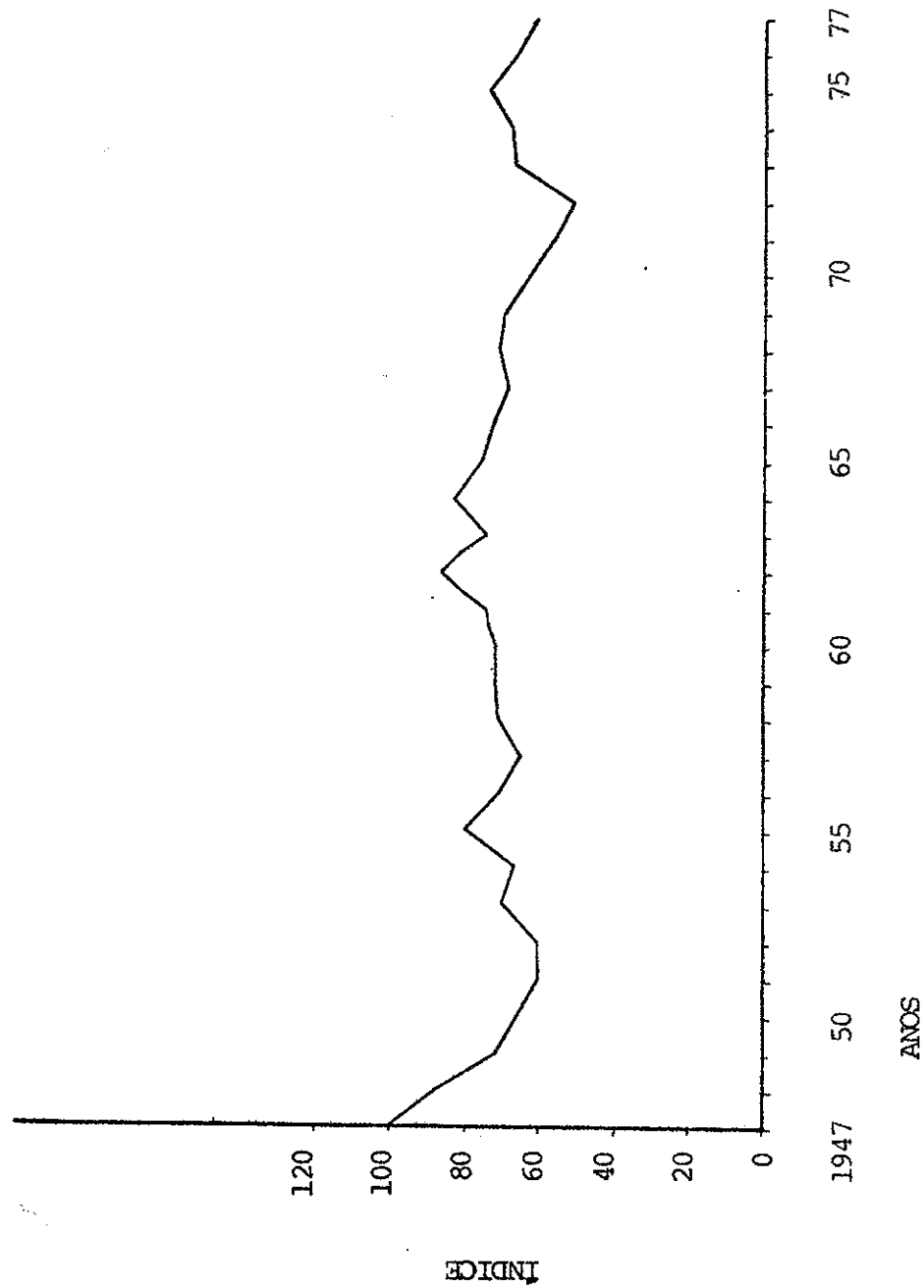
(1) - Estimativas: CEPA/SC.

(*1) - Previsão: GCEA/SC. (fev./79)

Fonte: SUPLAN, FIBGE, SAA.

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor por
Tonelada de Trigo

Índice 100 = 1947



Análise de Preços

A comercialização do trigo e da farinha é controlada pelo Governo Federal, resultando num gráfico de preços mais ou menos homogêneo no passar dos anos, sem apresentar significativas alterações.

TABELA Nº 20

PREÇOS CORRENTES - PRODUTO: TRIGO - Cr\$/Kg

PREÇO	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
.Produtor	0,20	0,25	0,31	0,38	0,45	0,50	0,53	0,66	1,08	1,50	1,86	2,49
.Atacado	-	-	0,61*	0,68	0,83	1,07	1,14	1,30	1,73	1,85	2,04	2,82
.Varejo	-	-	0,72*	0,82	1,00	1,32	1,42	1,69	2,10	2,21	-	-

Atacado e Varejo preço referente a Farinha de Trigo

* Média de dezembro e novembro (1968)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC

Produtor: FGV



6.6. Batata Inglesa

TABELA Nº 21

Área, Rendimento e Produção da Batata Inglesa - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR A PREÇO CONSTANTE (*)			
	ha	ÍNDI CE	kg/ha	ÍNDI CE	ton	ÍNDI CE	Cr\$ 1000	ÍNDI CE	Cr\$/ton	ÍNDI CE
1946/47	6.812	100	4.244	100	28.907	100	3.972	100	137,41	100
1947/48	7.241	106	4.117	97	29.810	103	4.367	110	146,49	107
1948/49	8.607	126	4.073	96	35.060	121	3.568	90	101,77	74
1949/50	9.201	135	3.836	90	35.294	122	3.762	95	106,59	78
1950/51	9.352	137	3.917	93	36.633	127	3.701	93	101,03	74
1951/52	10.271	151	3.687	87	37.870	131	3.451	87	91,13	66
1952/53	11.216	165	3.655	86	40.995	142	3.988	100	97,28	71
1953/54	12.270	180	3.480	80	41.816	145	5.363	135	128,25	93
1954/55	12.327	181	3.306	78	40.758	141	5.976	150	146,62	107
1955/56	12.639	186	3.678	87	46.485	161	5.641	142	121,35	88
1956/57	13.965	205	3.447	81	48.136	167	5.576	140	115,84	84
1957/58	14.048	206	3.656	86	51.537	178	6.435	162	124,86	91
1958/59	14.873	218	3.477	82	51.711	179	5.993	151	115,89	84
1959/60	16.790	246	3.398	80	57.056	197	7.018	177	123,00	90
1960/61	17.971	264	3.376	80	60.668	210	5.923	149	97,63	71
1961/62	19.372	284	2.966	70	57.457	199	7.362	185	128,15	93
1962/63	19.837	291	3.372	79	66.895	231	6.620	167	98,96	72
1963/64	21.390	314	3.410	80	72.950	252	6.770	170	92,80	68
1964/65	23.384	343	3.560	84	84.182	291	6.241	157	74,14	54
1965/66	23.068	339	5.854	138	135.044	467	17.182	433	127,23	93
1966/67	22.241	327	6.503	153	144.639	500	16.701	420	115,47	84
1967/68	27.328	401	6.671	157	182.313	631	16.301	410	89,41	65
1968/69	27.694	407	6.601	156	182.798	632	14.444	364	79,02	58
1969/70	25.625	376	6.697	158	171.610	594	15.545	391	90,58	66
1970/71	18.545	272	6.629	156	122.934	425	10.976	276	89,28	65
1971/72	18.665	274	6.066	143	113.221	392	10.250	258	90,53	66
1972/73	17.317	254	6.790	160	117.582	407	18.545	467	157,72	115
1973/74	18.349	269	7.737	182	141.980	491	27.804(1)	700	195,83	143
1974/75	24.000	352	7.330	173	175.910	609	26.975(1)	679	153,35	112
1975/76	17.984	264	7.844	185	141.065	488	32.090(1)	808	227,48	166
1976/77	15.474	227	8.108	191	125.468	434	22.510(1)	567	179,41	131
1977/78	15.858	233	7.315	172	115.977	410				
1978/79(*1)	19.000	279	7.500	177	142.500	493				

(*) Ano base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1) Cálculos: CEPAC/SC

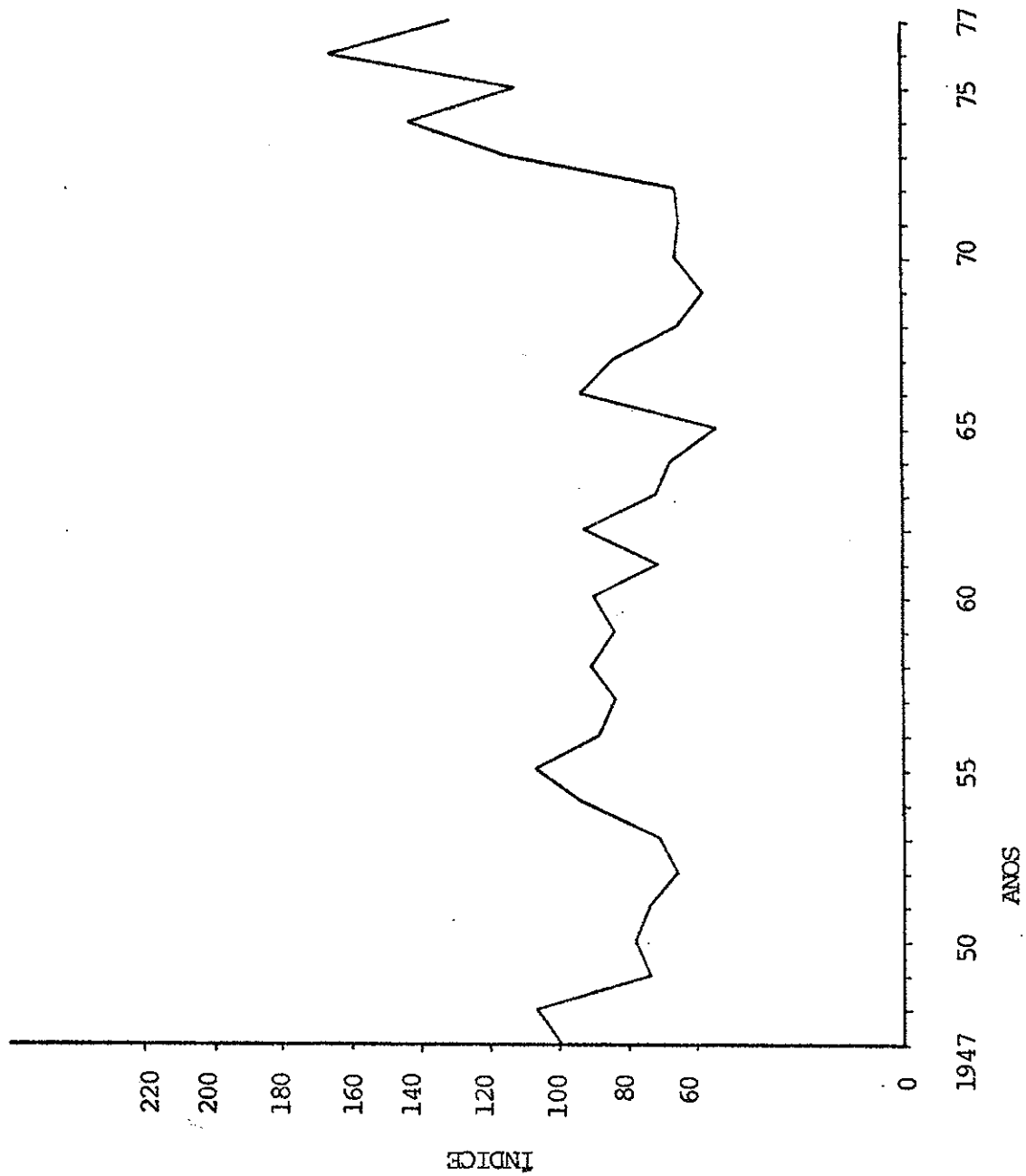
(*1) Previsão: GCEA (fev/79).

Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

IFBGE (1973/78)

GRÁFICO Nº 11

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor por
Tonelada de Batata-Inglesa



Análise dos Preços

Ao analisar o gráfico dos preços da batatinha, verifica-se que no período 1966-72 o comportamento dos preços nos tres patamares de comercialização considerados evoluem nas mesmas proporções. A partir de 1972 aumenta a distância entre as curvas, representando uma maior apropriação nos meios atacadista e varejista.

TABELA Nº 22

Preços Correntes - Batata- Inglesa

Cr\$/kg

PREÇOS	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,23	0,17	0,16	0,30	0,33	0,31	0,51	0,97	0,94	0,94	1,97	2,17
. Atacado	0,41	0,35	0,30	0,55	0,52	0,55	0,81	1,55	1,52	1,74	-	-
. Varejo	0,49	0,43	0,41	0,73	0,78	0,85	1,78	2,21	2,33	2,66	-	-

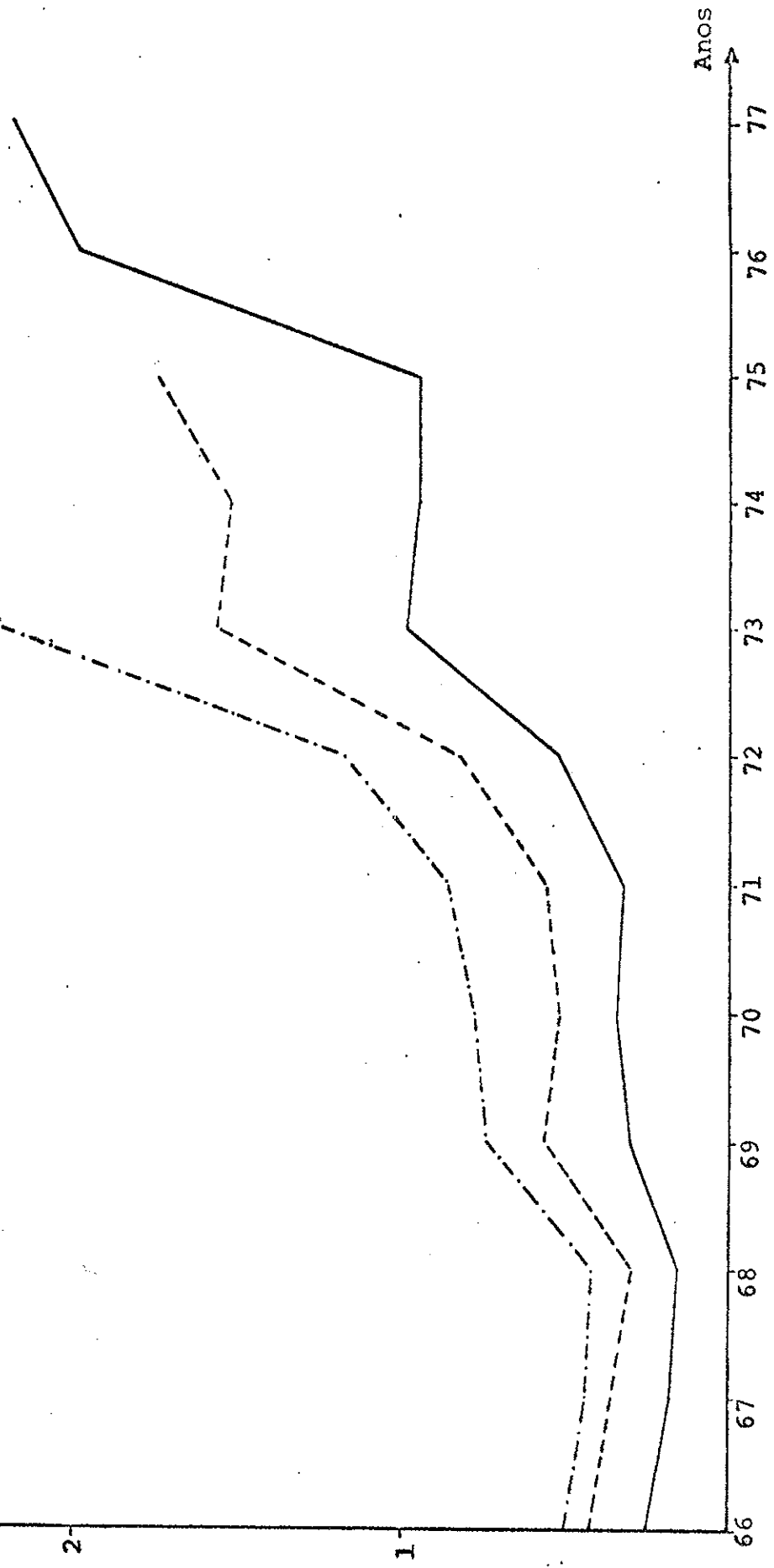
Fonte: Atacado e Varejo - IBGE

Produtor - FGV

Cr\$/Kg

Evolução dos Preços da Batata-Inglesa a Nível de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista

— PRODUTOR
- - - ATACADO
- · - · - VAREJO



FONTE: Atacado e Varejo - SIMA/SC e FIBGE
-Produtor- Anuário Estatístico do Brasil - FIBGE

6.7. Fumo em Folha

TABELA Nº 23

Área, Rendimento e Produção do Fumo - Santa Catarina

Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/ton.	
	Ha	ÍNDI CE	kg/ha	ÍNDI CE	ton.	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE
1946/47	9.624	100	821	100	7.902	100	3.621	100	458,24	100
1947/48	11.955	124	647	79	7.732	98	3.275	90	423,50	92
1948/49	14.551	151	563	69	8.193	104	3.364	93	410,59	90
1949/50	15.355	160	607	74	9.320	118	3.211	89	344,53	75
1950/51	17.827	185	586	71	10.445	132	3.386	94	324,17	71
1951/52	21.040	219	583	71	12.263	155	3.803	105	310,12	68
1952/53	27.344	284	746	91	20.303	258	6.810	188	333,94	73
1953/54	30.240	314	749	91	22.646	287	6.667	184	294,40	64
1954/55	32.439	337	734	89	23.811	301	7.635	211	320,65	70
1955/56	11.952	124	1.000	122	13.146	166	6.090	168	463,26	101
1956/57	13.290	138	1.189	145	15.800	200	9.273	256	586,90	126
1957/58	16.374	170	1.093	133	17.902	227	9.491	262	530,16	116
1958/59	16.487	171	1.191	145	19.643	249	9.553	264	486,33	106
1959/60	18.118	188	1.164	142	21.082	267	11.099	307	526,47	115
1960/61	20.762	216	1.170	143	24.293	307	12.696	351	522,62	114
1961/62	22.162	230	1.108	135	24.556	311	11.377	314	463,31	101
1962/63	26.959	280	1.116	136	30.078	381	14.500	400	482,08	105
1963/64	26.637	277	1.183	144	31.517	399	13.794	381	437,67	96
1964/65	32.291	336	1.169	142	37.751	478	16.566	458	438,82	96
1965/66	32.573	338	1.364	166	44.416	562	17.020	470	383,20	84
1966/67	31.586	328	1.517	185	47.927	607	19.988	552	417,05	91
1967/68	30.524	317	1.531	186	46.743	592	19.928	550	426,33	93
1968/69	31.943	332	1.575	192	50.326	637	26.112	721	518,86	113
1969/70	32.879	342	1.528	186	50.239	636	27.607	762	549,51	120
1970/71	34.905	363	1.549	189	54.067	684	29.924	826	553,46	121
1971/72	35.980	374	1.485	181	53.430	676	33.475	924	626,52	137
1972/73	34.727	361	1.377	168	47.819	605	35.351	976	739,27	161
1973/74	43.151	448	1.635	199	70.600	893	55.745	1.539 ⁽¹⁾	789,59	172
1974/75	49.000	509	1.603	195	78.600	995	69.112	1.909 ⁽¹⁾	879,29	192
1975/76	75.760	787	1.205	147	91.304	1.155	73.908	2.041 ⁽¹⁾	809,47	177
1976/77	80.533	837	1.488	181	119.846	1.517	96.672	2.670 ⁽¹⁾	806,64	176
1977/78	90.527	941	1.439	175	130.299	1.649				
1978/79 ^(*1)	112.569	1.170	1.549	189	174.357	2.205				

(*) - Ano Base; 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV).

(1) - Cálculos CEPA/SC.

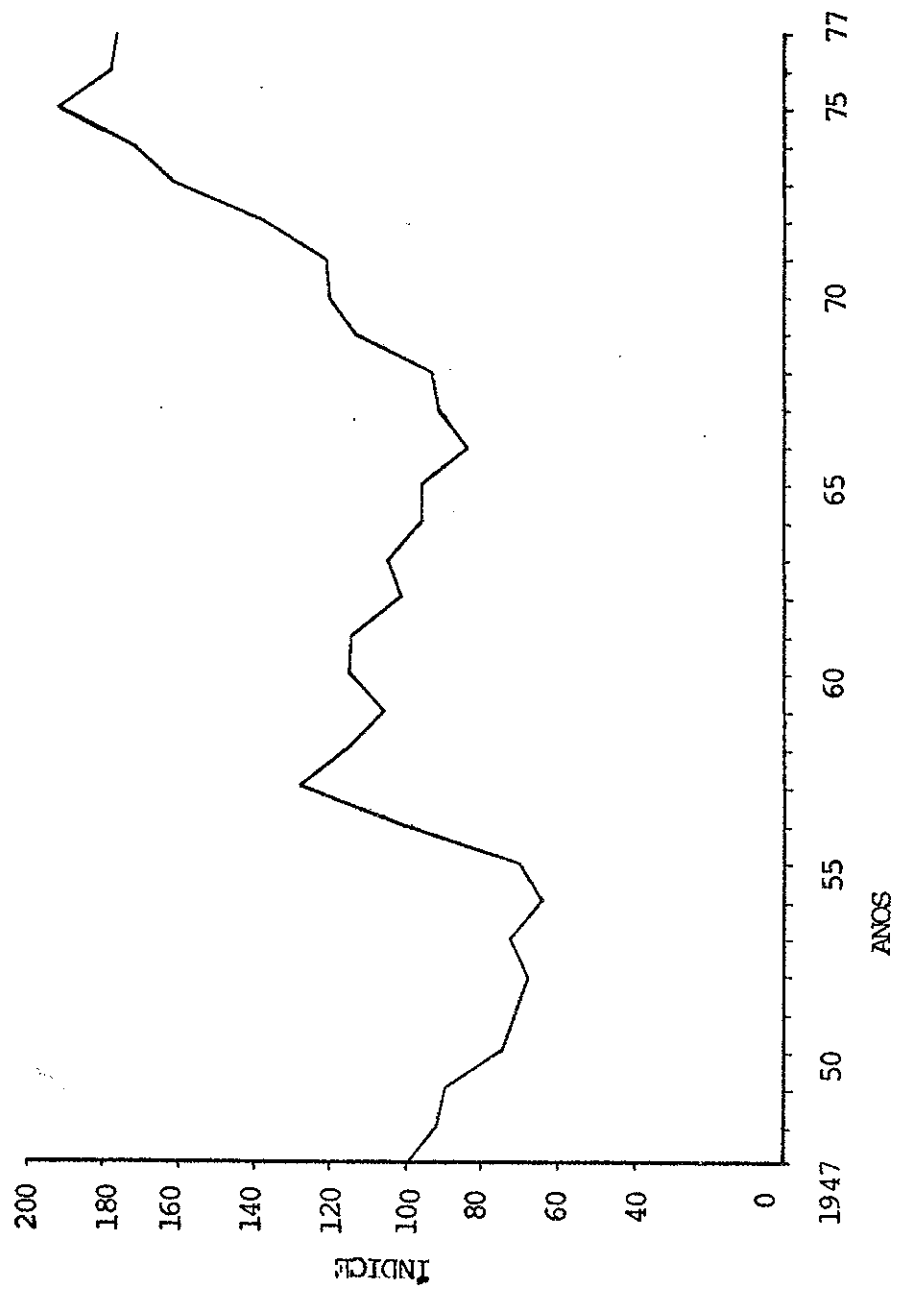
(*1) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78)

Evolução do Índice do Preço Real Pago ao Produtor por Tonelada de Fumo em Folha

Índice 100 = 1947



6.8. Cana-de-Açúcar

TABELA Nº 24

Área, Rendimento e Produção de Cana-de-Açúcar - Santa Catarina
Período: 1947/79

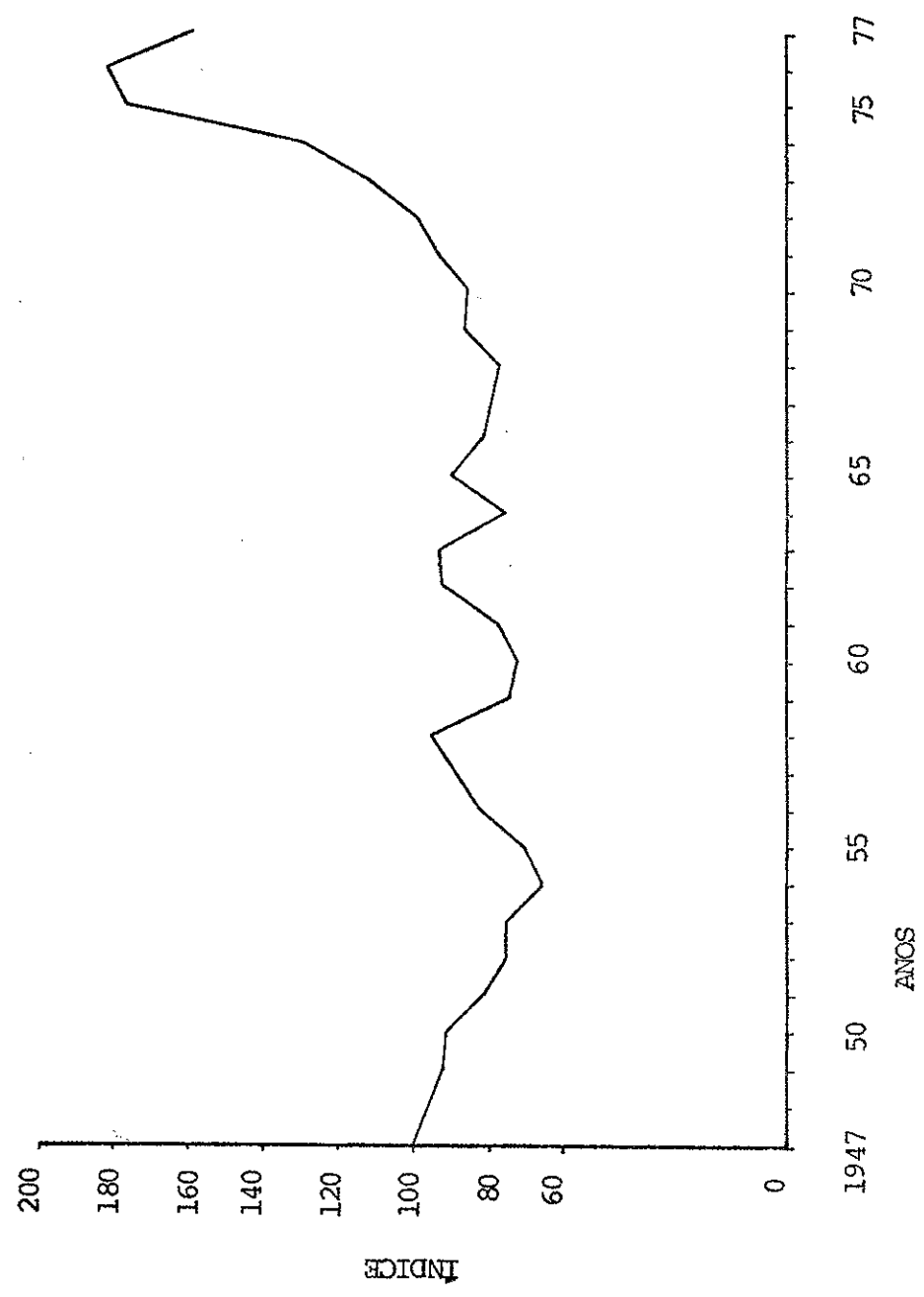
SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/ton.	
	Ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	ton.	INDI CE	PREÇO CONSTANTE	INDI CE	PREÇO CONSTANTE	INDI CE
1946/47	37.653	100	22.804	100	858.651	100	6.309	100	7,35	100
1947/48	36.338	97	23.770	104	863.741	101	6.114	97	7,08	96
1948/49	39.932	106	24.448	107	976.262	114	6.626	105	6,79	92
1949/50	39.573	105	25.596	112	1.012.905	118	6.789	108	6,70	91
1950/51	34.081	91	33.687	148	1.148.095	134	6.851	109	5,97	81
1951/52	35.100	93	34.175	150	1.199.536	140	6.620	105	5,52	75
1952/53	35.829	95	32.713	143	1.172.082	137	6.442	102	5,50	75
1953/54	31.570	84	31.473	138	993.607	116	4.783	76	4,81	65
1954/55	30.937	82	24.584	108	760.548	89	3.901	62	5,13	70
1955/56	29.022	77	28.025	123	813.334	95	4.914	78	6,04	82
1956/57	29.867	79	31.554	138	942.431	110	6.091	97	6,46	88
1957/58	28.316	75	30.755	135	870.867	101	6.086	96	6,99	95
1958/59	32.703	87	33.225	146	1.086.556	127	5.875	93	5,41	74
1959/60	32.326	86	33.652	148	1.087.822	127	5.738	91	5,27	72
1960/61	28.647	76	31.071	136	890.103	104	5.066	80	5,69	77
1961/62	31.693	84	27.702	121	877.944	102	5.950	94	6,78	92
1962/63	33.712	90	30.832	135	1.039.394	121	7.100	113	6,83	93
1963/64	32.257	86	32.611	143	1.051.925	123	5.777	92	5,49	75
1964/65	38.648	103	33.042	145	1.277.004	149	8.461	134	6,63	90
1965/66	40.126	107	35.741	157	1.434.150	167	8.510	135	5,93	81
1966/67	40.322	107	36.534	160	1.473.142	172	8.567	136	5,82	79
1967/68	38.994	104	36.523	160	1.424.175	166	8.039	127	5,64	77
1968/69	39.135	104	37.061	163	1.450.377	169	9.131	145	6,30	86
1969/70	35.060	93	40.744	179	1.428.484	166	8.968	142	6,28	85
1970/71	33.313	88	42.285	185	1.408.640	164	9.671	153	6,87	93
1971/72	31.871	85	42.437	186	1.352.509	158	9.856	156	7,29	99
1972/73	25.331	67	37.469	164	949.127	111	7.779	123	8,20	112
1973/74	13.980	37	39.994	175	559.130	65	5.283	84	9,45	129
1974/75	15.500	41	40.000	175	620.000	72	8.020	127	12,94	176
1975/76	10.626	28	52.000	228	552.552	64	7.365	117	13,33	181
1976/77	13.282	35	60.000	263	796.920	93	9.250	147	11,61	158
1977/78	20.873	55	49.975	219	1.043.126	121				
1978/79 (*)	22.000	58	49.000	215	1.078.000	126				

*) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: FIBGE.

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor por
Tonelada de Cana-de-Açúcar

Índice 100 = 1947



Análise de Preços

Trata-se de dois grupos econômicos detentores das tres usinas de açúcar instaladas no estado.

Aqui como na soja, verifica-se que o produto final (açúcar) apresenta uma majoração de preço, no período, em níveis bastante superiores aos preços pagos pela matéria prima, ou seja, o preço da cana-de-açúcar pago ao produtor, cresce mais lentamente do que aquele pago ao produto acabado.

TABELA Nº 25

Preços Correntes - Produto: Cana-de-Açúcar

Cr\$ / t.

P R E Ç O S	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
• Produtor	0,01/kg 6,02	0,01/kg 7,03	0,01/kg 11,79	0,02/kg 22,70	0,02/kg 17,38	0,02/kg 20,72	0,02/kg 24,38	0,03/kg 29,44	0,05/kg 45,35	0,08/kg 79,29	0,12/kg 115,43	0,14/kg 142,07
• Atacado	-	-	0,55*	0,62	0,75	0,91	1,03	1,16	1,53	2,01	-	-
• Varejo	-	-	0,63*	0,70	0,84	1,17	1,17	1,30	1,67	2,20	-	-

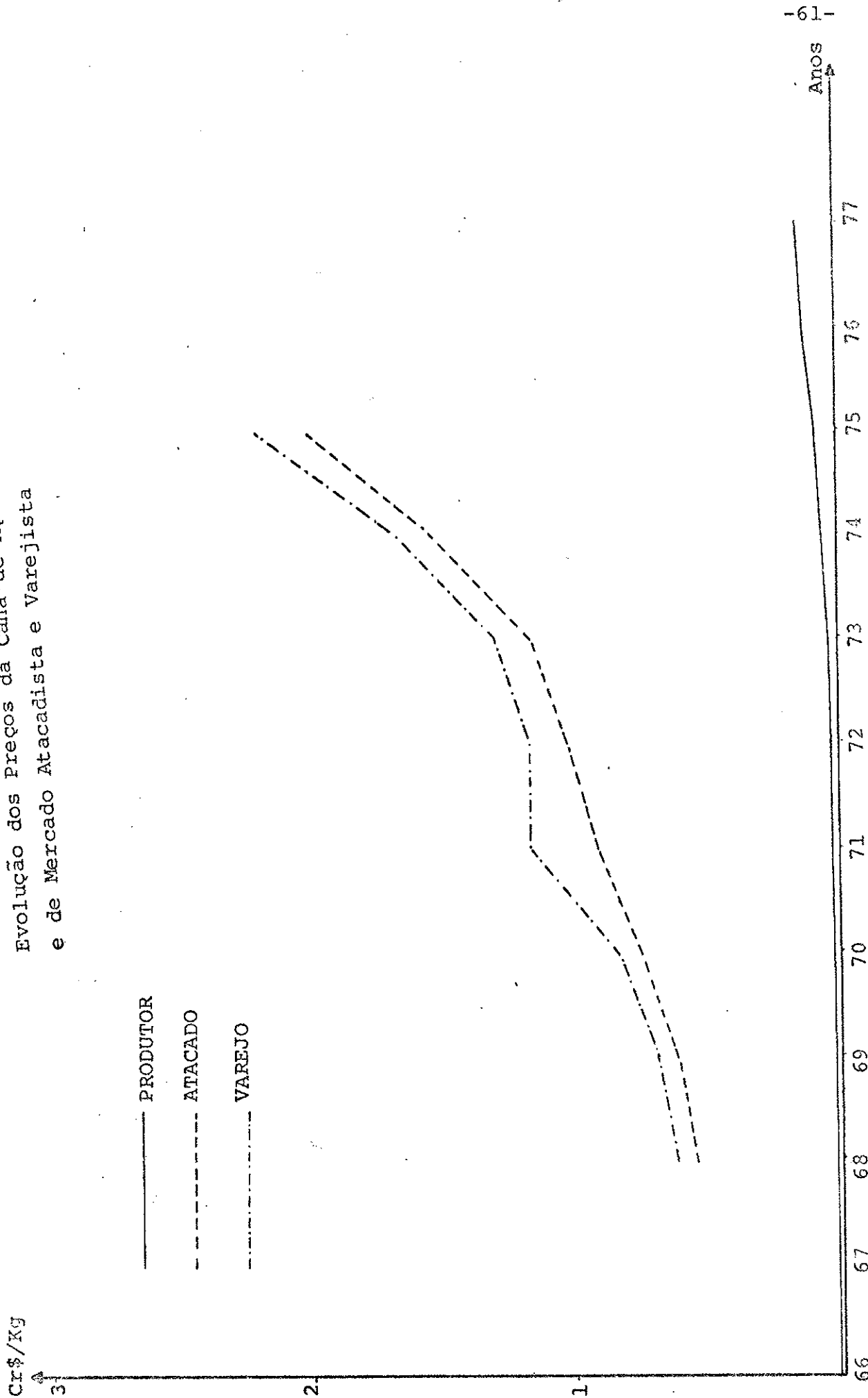
(*) - Média de dezembro e novembro (1968)

Atacado e Varejo os preços são referentes a açúcar refinado ou filtrado (Cr\$/kg)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços da Cana-de-Açúcar à Nivel de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista



Varejo e Atacado refere-se ao açúcar (Cr\$/Kg)

FONTE: Atacado e Varejo - SIMA/SC e FIBGE

-Produtor - F.G.V.

6.9. Soja

ELA Nº 26

Área, Rendimento e Produção da Soja - Santa Catarina

Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/ton	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	ton	ÍNDICE	PREÇO CONSTANTE (*)	ÍNDICE	PREÇO CONSTANTE (*)	ÍNDICE
1946/47	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1947/48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1948/49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1949/50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1950/51	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1951/52	40	100	1.275	100	51	100	0	-	-	-
1952/53	47	118	1.277	100	60	118	0	-	-	-
1953/54	2.200	5.500	1.892	148	4.162	8.161	339	100	81,45	100
1954/55	2.782	6.955	1.463	115	4.069	7.978	581	171	142,79	175
1955/56	2.026	5.065	1.297	102	2.628	5.153	346	102	131,66	162
1956/57	2.191	5.478	1.290	101	2.827	5.543	334	99	118,15	145
1957/58	3.116	7.790	1.285	101	4.003	7.849	483	142	120,66	148
1958/59	2.214	5.535	1.607	126	3.558	6.976	370	109	103,99	128
1959/60	2.220	5.550	1.694	133	3.761	7.375	437	129	116,19	143
1960/61	2.365	5.913	1.679	132	3.970	7.784	429	127	108,06	133
1961/62	2.468	6.170	1.673	131	4.129	8.096	493	145	119,40	147
1962/63	2.805	7.013	1.547	121	4.339	8.508	455	134	104,86	129
1963/64	3.002	7.505	1.577	124	4.733	9.280	441	130	93,18	114
1964/65	3.412	8.530	1.501	118	5.123	10.045	410	121	80,03	98
1965/66	5.700	14.250	1.332	104	7.595	14.892	801	236	105,46	129
1966/67	7.342	18.355	1.251	98	9.187	18.014	954	281	103,84	127
1967/68	11.507	28.768	1.289	101	14.827	-29.073	1.799	531	121,33	149
1968/69	32.049	80.123	988	77	31.650	62.059	3.462	1.021	109,38	134
1969/70	65.956	157.390	800	63	52.998	103.918	5.457	1.610	102,97	126
1970/71	101.694	254.235	760	60	77.376	151.718	10.167	2.999	131,40	161
1971/72	115.930	289.825	857	67	99.448	194.996	13.075	3.857	131,48	161
1972/73	202.000	505.000	1.287	101	260.000	509.804	72.129	21.277	277,42	341
1973/74	364.985	912.463	1.183	93	431.850	846.765	95.367	28.132	220,83	271
1974/75	361.475	903.688	1.292	101	467.200	916.078	(1)89.172	26.304	190,86	234
1975/76	339.370	848.425	1.208	95	409.885	803.696	(1)71.470	21.083	174,37	214
1976/77	350.642	876.605	1.359	107	476.365	934.049	(1)92.113	27.172	193,37	237
1977/78	408.785	1.021.963	868	68	354.681	695.453				
1978/79(*)	510.525	1.276.313	913	72	466.298	914.310				

(*)- Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1)- Cálculos: CEPA/SC

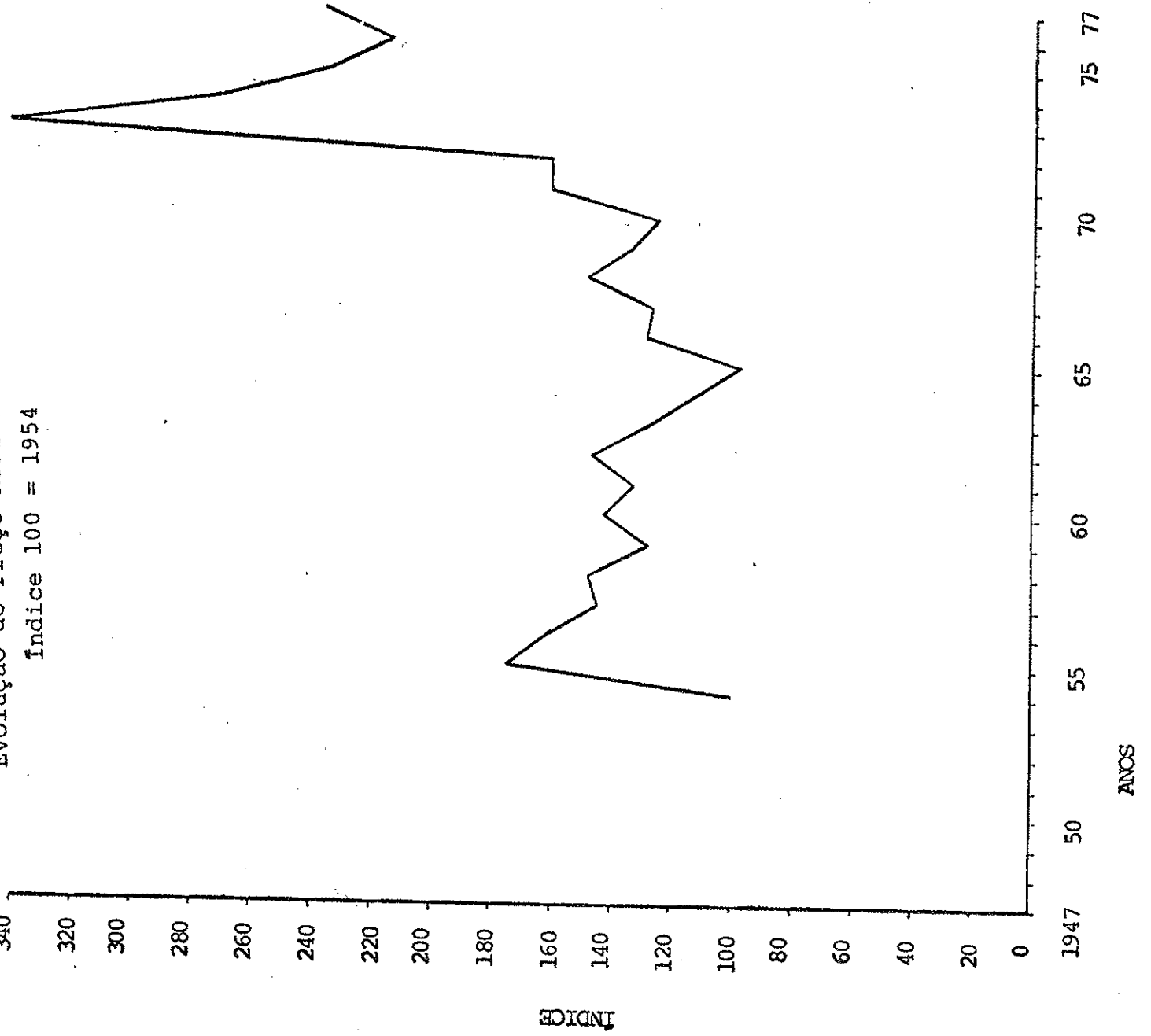
(*)- Previsão: GCEA/SC (fev/79)

Fonte: SUPL. N/EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78)

GRÁFICO Nº 16
Evolução do Preço real da Tomateira de São

Índice 100 = 1954



ANOS

Análise de Preços

Esta leguminosa, como se sabe, tem o mercado regulado pelas cotações do produto no mercado externo. Verifica-se que em Santa Catarina poucos produtores tem acesso às vias de exportação, sendo que a pequena exportação estadual (26.900 toneladas em 1977) é feita pelas Cooperativas.

Desta forma, os produtores ficam a mercê de oligopsônios e nem sempre recebem um preço justo.

Ao analisar o gráfico, verifica-se que o óleo de soja sofre no passar dos anos, aumentos muito mais significativos do que o produto "in natura".

TABELA Nº 27

Preços Correntes da Soja - Cr\$/kg

P R E Ç O S	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
Produtor	-	-	-	-	-	-	0,49	0,97	1,06	1,17	1,51	2,39
Atacado	-	-	1,96*	2,02	2,27	2,97	2,93	3,11	5,72	7,36	7,53	11,69
Varejo	-	-	2,16*	2,24	2,52	3,10	3,21	3,35	5,82	7,79	-	-

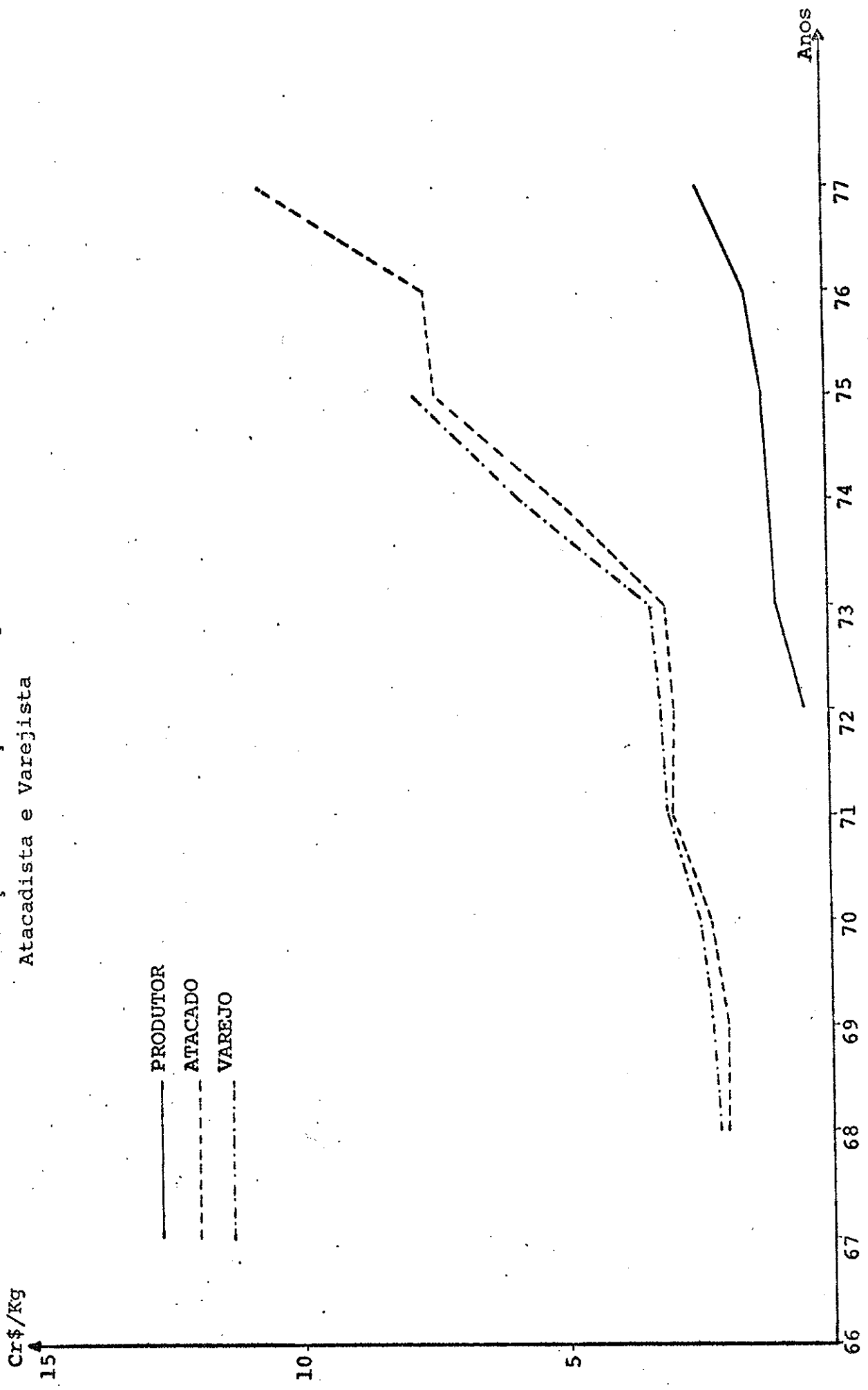
Atacado e Varejo os preços são referentes ao óleo de soja Cr\$/Lata 1 Kg

* Média de novembro e dezembro (1968)

* Fonte: Atacado e varejo: IBGE - SIMA/SC

Produtor: FGV

Evolução dos Preços da Soja a Nível de Produtor e de Mercado
Atacadista e Varejista



Atacado e varejo os preços são referentes ao óleo de soja Cr\$/lata/Kg

Fonte: Atacado e Varejo- SIMA/SC E FIBGE
- Produtor - F.G.V.

6.10. Tomate

TABELA Nº 28

Área, Rendimento e Produção de Tomate - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE
1946/47	85	100	2.941	100	250	100	117	100	468,00	100
1947/48	101	119	3.010	102	304	122	110	94	361,84	77
1948/49	125	147	2.560	87	320	128	102	87	318,75	68
1949/50	141	166	3.326	113	469	188	92	79	196,16	42
1950/51	190	224	2.547	87	484	194	158	135	326,45	70
1951/52	221	260	2.991	102	661	264	212	181	320,73	69
1952/53	233	274	3.159	107	736	294	246	210	334,24	71
1953/54	266	313	2.305	78	613	245	194	166	316,48	68
1954/55	253	298	2.455	83	621	248	166	142	267,31	57
1955/56	280	329	4.121	140	1.154	462	312	267	270,36	58
1956/57	339	399	5.050	172	1.712	685	394	337	230,14	49
1957/58	429	505	5.970	203	2.561	1.024	510	436	199,14	43
1958/59	525	618	7.048	240	3.700	1.480	565	483	152,70	33
1959/60	752	885	4.489	153	3.376	1.350	558	477	165,28	35
1960/61	694	816	5.006	170	3.474	1.390	550	470	158,32	34
1961/62	824	969	4.381	149	3.610	1.444	631	539	174,79	37
1962/63	795	935	5.162	176	4.104	1.642	591	505	144,01	31
1963/64	842	991	5.663	193	4.768	1.907	716	612	150,17	32
1964/65	749	881	8.618	293	6.455	2.582	970	829	150,27	32
1965/66	669	787	13.507	459	9.036	3.614	1.329	1.136	147,08	31
1966/67	645	759	18.312	623	11.811	4.724	1.713	1.464	145,03	31
1967/68	657	773	18.414	626	12.098	4.839	1.985	1.697	164,08	35
1968/69	881	1.036	20.624	701	18.170	7.268	3.804	3.251	209,36	45
1969/70	891	1.048	20.200	687	17.998	7.199	2.985	2.551	165,85	35
1970/71	872	1.026	19.273	655	16.775	6.710	2.757	2.356	164,35	35
1971/72	1.184	1.393	20.431	695	24.190	9.676	3.467	2.963	143,32	31
1972/73	841	989	20.892	710	17.570	7.028	3.320	2.838	188,96	40
1973/74	621	731	23.045	784	14.311	5.724	5.575	4.765 ⁽¹⁾	389,56	83
1974/75	740	871	23.770	808	17.590	7.036	7.260	6.205 ⁽¹⁾	412,73	88
1975/76	943	1.109	26.741	909	25.217	10.086	10.890	9.308 ⁽¹⁾	431,85	92
1976/77	926	1.089	24.748	841	22.917	9.167	7.602	6.497 ⁽¹⁾	331,72	71
1977/78	997	1.173	28.113	956	28.029	11.212				
1978/79 ^(*1)	982	1.155	27.800	945	27.300	10.920				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

*(1) - Cálculos CEPA/SC.

*(1) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

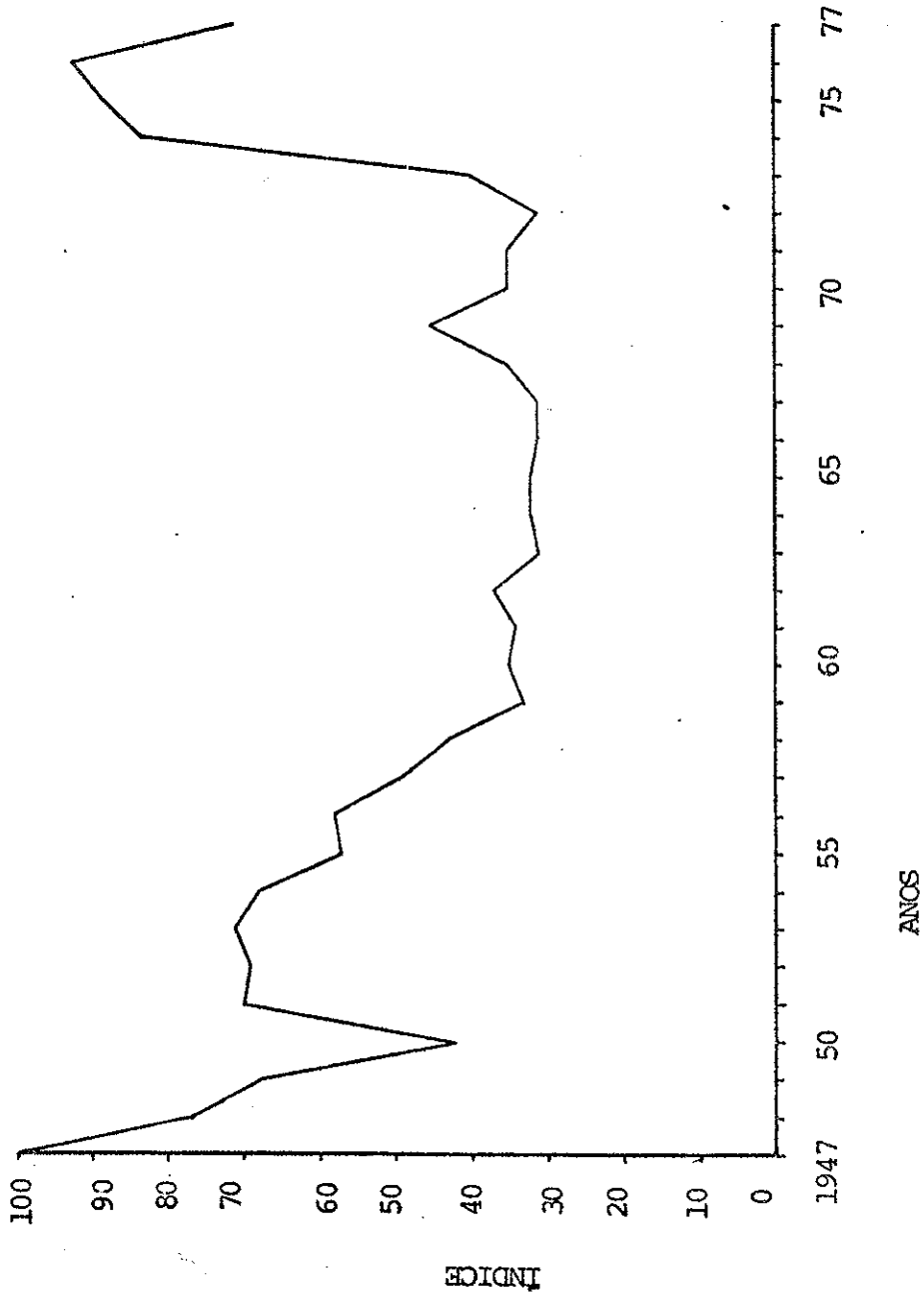
Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78).

GRÁFICO Nº 18

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor
por Tonelada de Tomate

Índice 100 = 1947



6.11. Cebola

TABELA Nº 29

Área, Rendimento e Produção da Cebola - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	ÍNDI CE	kg/ha	ÍNDI CE	t.	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE
1946/47	1.106	100	1.976	100	2.185	100	468	100	214,19	100
1947/48	1.270	115	1.880	95	2.388	109	437	93	183,00	85
1948/49	1.452	131	2.378	120	3.453	158	714	153	206,78	97
1949/50	1.614	146	5.274	267	8.513	390	1.193	255	140,14	65
1950/51	2.022	183	4.073	206	8.235	377	1.024	219	124,35	58
1951/52	2.193	198	3.683	186	8.077	370	1.338	286	165,66	77
1952/53	2.292	207	4.330	219	9.925	454	1.718	367	173,10	81
1953/54	2.283	206	2.792	141	6.373	292	1.401	299	219,83	103
1954/55	2.287	207	3.336	169	7.629	349	1.453	310	190,46	89
1955/56	2.476	224	3.533	179	8.748	400	1.454	311	166,21	78
1956/57	2.705	245	3.667	186	9.920	454	1.788	382	180,24	84
1957/58	2.662	241	3.902	197	10.388	475	2.440	521	234,89	110
1958/59	2.745	248	3.906	198	10.722	491	2.510	536	234,10	109
1959/60	2.903	262	3.890	197	11.292	517	2.274	486	201,38	94
1960/61	3.215	291	3.513	178	11.294	517	2.583	552	228,71	107
1961/62	3.317	300	3.446	174	11.432	523	2.182	466	190,87	89
1962/63	3.409	308	3.483	176	11.873	543	2.050	438	172,66	81
1963/64	3.719	336	3.527	178	13.117	600	2.493	533	190,06	89
1964/65	3.941	356	4.793	243	18.888	864	2.147	459	113,67	53
1965/66	3.681	333	6.090	308	22.418	1.026	2.887	617	128,78	60
1966/67	3.364	304	6.046	306	20.340	931	3.260	697	160,28	75
1967/68	3.405	308	6.239	316	21.244	972	2.953	631	139,00	65
1968/69	3.220	291	5.866	297	18.888	864	2.659	568	140,78	66
1969/70	3.200	289	5.828	295	18.648	853	2.308	493	123,77	58
1970/71	3.164	286	5.834	295	18.458	845	3.284	702	177,92	83
1971/72	3.138	284	5.777	292	18.129	830	3.437	734	189,59	89
1972/73	3.500	316	5.080	257	17.780	814	4.565	975	256,75	120
1973/74	5.590	505	7.629	386	42.648	1.952	5.258	1.124	123,29	58
1974/75	5.030	455	7.573	383	38.090	1.743	7.604	1.625	199,63	93
1975/76	5.934	537	7.229	366	42.899	1.963	8.044	1.719	187,51	88
1976/77	6.846	619	7.273	368	49.794	2.279				
1977/78	5.724	518	8.234	417	47.129	2.157				
1978/79 ^(*)	10.971	992	9.748	493	106.950	4.895				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

(1) - Cálculos: CEPA/SC

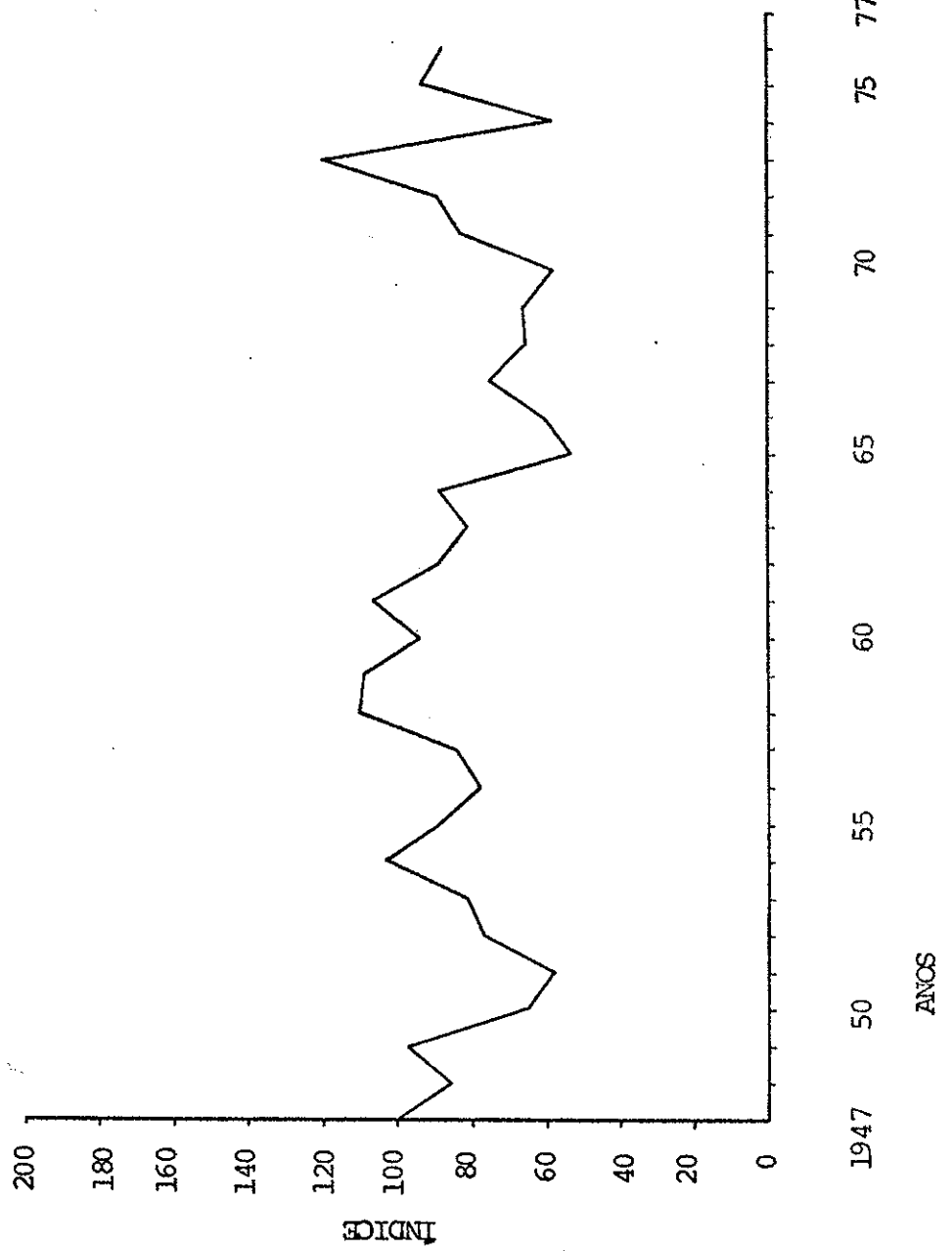
(*) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE (1973/78)

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor
por Tonelada de Cebola

Índice 100 = 1947



6.12. Alho

TABELA Nº 30

Área, Rendimento e Produção de Alho - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	ÍNDI CE	kg/ha	ÍNDI CE	t.	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	ÍNDI CE
1946/47	495	100	1.451	100	718	100	234	100	325,91	100
1947/48	561	113	1.656	114	929	129	437	187	470,40	144
1948/49	550	111	1.636	113	900	125	408	174	453,33	139
1949/50	620	125	1.366	94	847	118	367	157	433,29	133
1950/51	648	131	1.781	123	1.154	161	473	202	409,88	126
1951/52	656	133	2.020	139	1.325	185	493	211	372,08	114
1952/53	682	138	2.254	155	1.537	214	614	262	399,48	123
1953/54	769	155	2.126	147	1.635	228	580	248	354,74	109
1954/55	793	160	1.965	135	1.558	217	581	248	372,91	114
1955/56	756	153	2.066	142	1.562	218	485	207	310,50	95
1956/57	788	159	1.896	131	1.494	208	485	207	324,63	100
1957/58	800	162	1.948	134	1.558	217	805	344	516,69	159
1958/59	847	171	1.943	344	1.646	229	798	341	484,81	149
1959/60	878	177	1.998	138	1.754	224	738	315	420,75	129
1960/61	938	189	1.887	130	1.770	247	715	306	403,95	124
1961/62	1.003	203	2.034	140	2.040	284	957	409	469,12	144
1962/63	1.085	219	2.273	157	2.466	343	943	403	382,40	117
1963/64	1.075	217	2.023	139	2.175	303	842	360	387,13	119
1964/65	1.065	215	2.016	139	2.147	299	627	268	292,04	90
1965/66	975	197	2.298	158	2.241	312	676	118	301,65	93
1966/67	900	182	2.270	156	2.043	285	760	325	372,00	114
1967/68	877	177	2.177	150	1.909	266	826	353	432,69	133
1968/69	867	175	2.144	148	1.859	259	929	397	499,73	153
1969/70	859	174	2.192	151	1.883	262	895	382	475,31	146
1970/71	824	166	2.149	148	1.771	247	917	392	517,79	159
1971/72	832	168	2.155	149	1.793	250	936	400	522,03	160
1972/73	670	135	1.958	135	1.312	183	816	349	621,95	191
1978/79 (*1)	526	106	4.025	277	2.117	295				

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

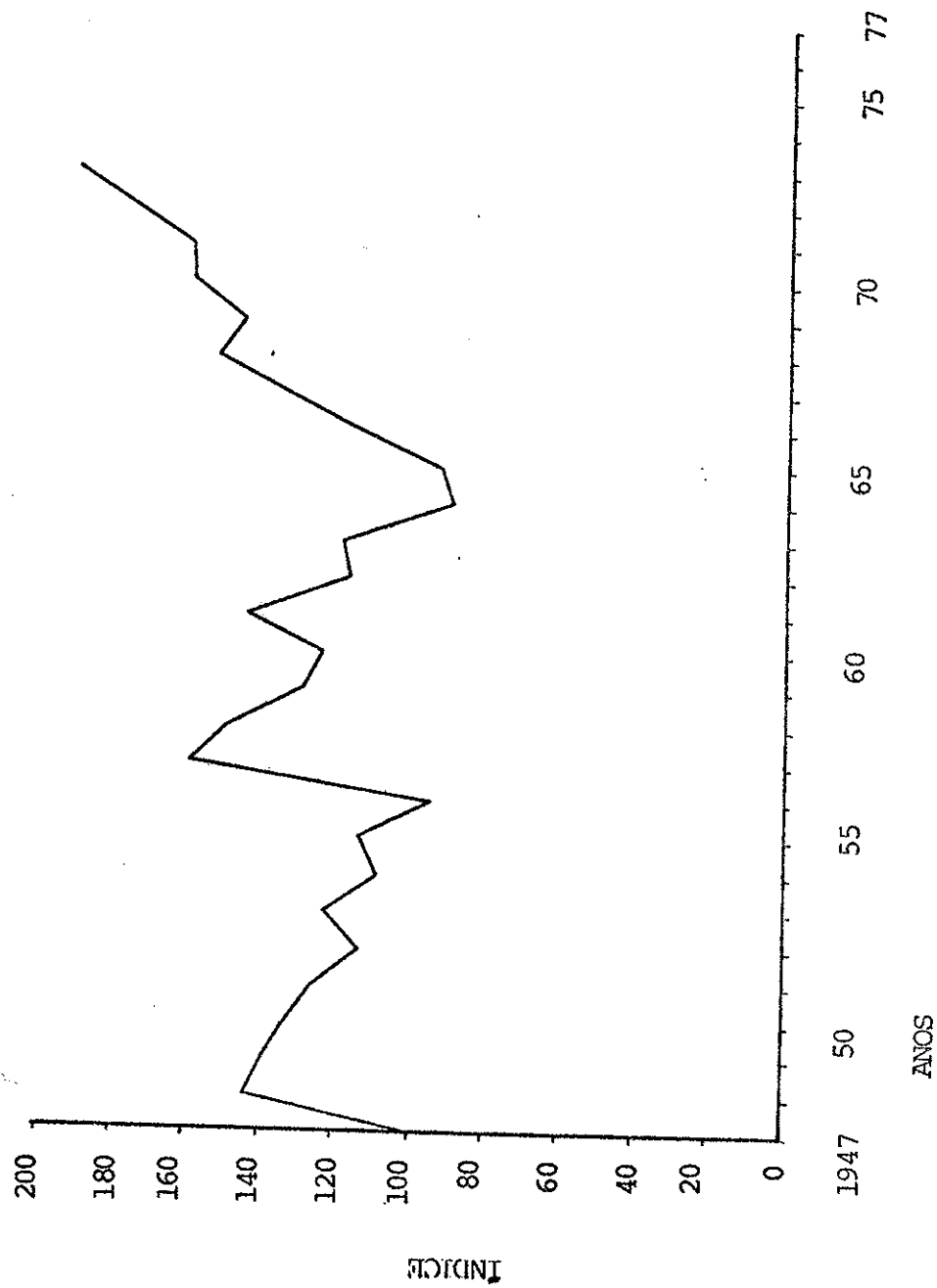
(*1) - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: SUPLAN - EAGRI (1947/72)

FIBGE - (1978)

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor
por Tonelada de Alho

Índice 100 = 1947



6.13. Banana

TABELA Nº 31

Área, Rendimento e Produção da Banana - Santa Catarina
Período: 1947/79

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO		VALOR Cr\$ 1.000		VALOR Cr\$/t.	
	Ha	INDI CE	kg/ha	INDI CE	t.	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE	PREÇO (*) CONSTANTE	INDI CE
1946/47	4.433	100	6.739	100	29.872	100	1.986	100	66,48	100
1947/48	4.558	103	6.891	102	31.408	105	2.511	126	79,95	120
1948/49	6.428	145	10.881	161	69.944	234	4.893	246	69,96	105
1949/50	7.628	172	10.059	149	76.728	257	4.771	240	62,18	94
1950/51	4.427	100	13.747	204	60.856	204	3.465	174	56,94	86
1951/52	5.672	128	12.089	179	68.568	230	4.014	202	58,54	88
1952/53	6.305	142	10.398	154	65.560	219	4.049	204	61,76	93
1953/54	6.536	147	10.990	163	71.832	240	4.010	202	55,82	84
1954/55	6.871	155	7.721	115	53.048	178	3.444	173	64,92	98
1955/56	6.274	142	11.278	167	70.760	237	5.122	258	72,39	109
1956/57	6.912	156	10.926	162	75.520	253	5.364	270	71,03	107
1957/58	6.747	152	11.453	170	77.272	259	5.175	265	66,97	101
1958/59	7.233	163	11.692	173	84.568	283	4.631	233	54,76	82
1959/60	8.086	182	10.980	163	88.784	297	4.443	224	50,04	75
1960/61	8.283	187	10.812	160	89.552	300	3.912	197	43,68	66
1961/62	8.367	189	10.704	159	89.560	300	3.906	197	43,61	66
1962/63	9.455	213	10.279	153	97.184	325	4.302	217	44,27	67
1963/64	8.971	202	9.237	137	82.864	277	4.126	208	49,79	75
1964/65	8.788	198	9.729	144	85.496	286	4.262	215	49,85	75
1965/66	6.286	142	11.985	178	75.336	252	3.427	173	45,49	68
1966/67	6.967	157	11.313	168	78.816	264	3.620	182	45,93	69
1967/68	6.511	147	13.222	196	86.088	288	3.968	200	46,09	69
1968/69	6.792	153	13.286	197	90.240	302	4.649	234	51,52	77
1969/70	7.285	164	12.957	192	94.392	316	5.115	258	54,19	82
1970/71	7.836	177	14.252	211	111.680	374	5.944	299	53,22	80
1971/72	8.508	192	13.946	207	118.656	397	5.782	291	48,73	73
1972/73	12.926	292	10.400	154	134.432	450	10.194	512	75,83	114
1973/74	13.056	295	13.679	203	178.600	598	10.790	543	60,41	91
1974/75	11.690	264	14.046	208	164.200	550	13.929	701	84,83	128
1975/76	13.842	312	10.200	151	141.308	473	15.338	772	108,54	163
1976/77	14.998	338	10.940	162	164.072	549	21.671	1.091	132,08	199
1977/78	17.134		11.093		190.072					
1978/79 (*)	20.000		11.104		220.800					

(*) - Ano Base: 1965/67 - Deflador Col. 2 (FGV)

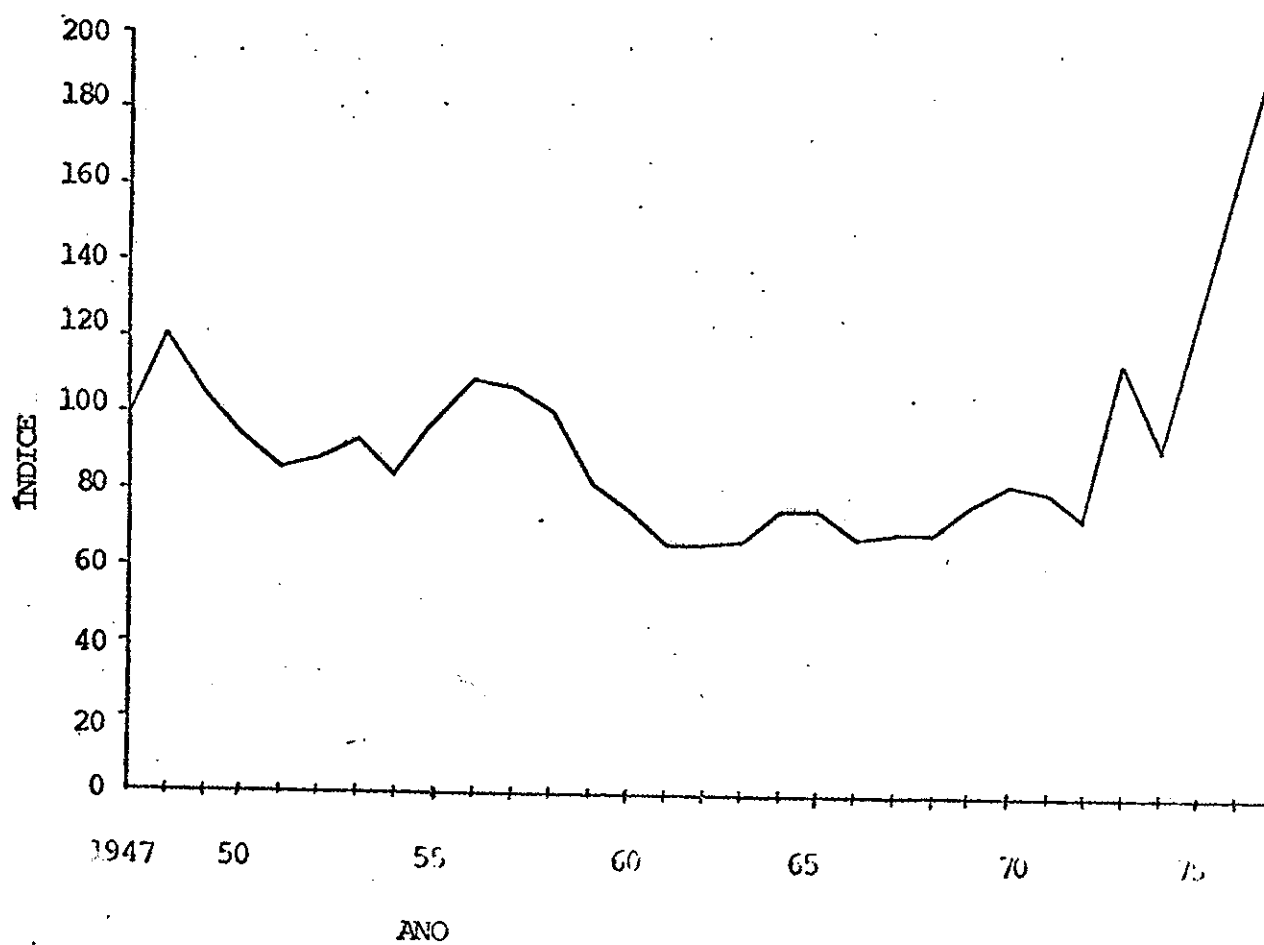
(*)1 - Previsão: GCEA/SC (fev./79)

Fonte: FIBGE - SAA - SUPLAN - ACARESC.

GRÁFICO Nº 21

Evolução do Preço Real Pago ao Produtor por Tonelada de Banana

Índice 100 = 1947



Análise de Preços

No período 1967-72 as curvas do gráfico que representam os preços pagos ao produtor, no atacado e no varejo, correm mais ou menos paralelas. De 1973 em diante as curvas referentes aos mercados atacadista e varejista distanciaram-se consideravelmente daquela que representa o preço recebido pelo produtor, evidenciando que, ou os intermediários estão se apropriando de valores cada vez maiores, ou então, os custos de comercialização estão sendo cada vez mais elevados, concorrendo para isto, os constantes aumentos nos preços do combustível que tem onerado, em muito, os transportes.

Preços Correntes - Produto: Banana
Cr\$ / kg.

P R E Ç O	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,04	0,05	0,07	0,08	0,12	0,12	0,15	0,22	0,29	0,52	0,94	1,62
. Atacado	-	-	-	-	-	0,34	-	-	-	-	2,31	2,35
	(0,22)	(0,28)	(0,35)	(0,41)	(0,55)	(0,63)	(0,94)	(1,36)	(1,80)			
. Varejo	-	-	0,23*	0,27	0,37	0,61	0,44	0,81	1,58	2,34	-	-
	(0,29)	(0,37)	(0,49)	(0,62)	(0,79)	(0,94)	(1,31)	(1,92)	(2,72)			

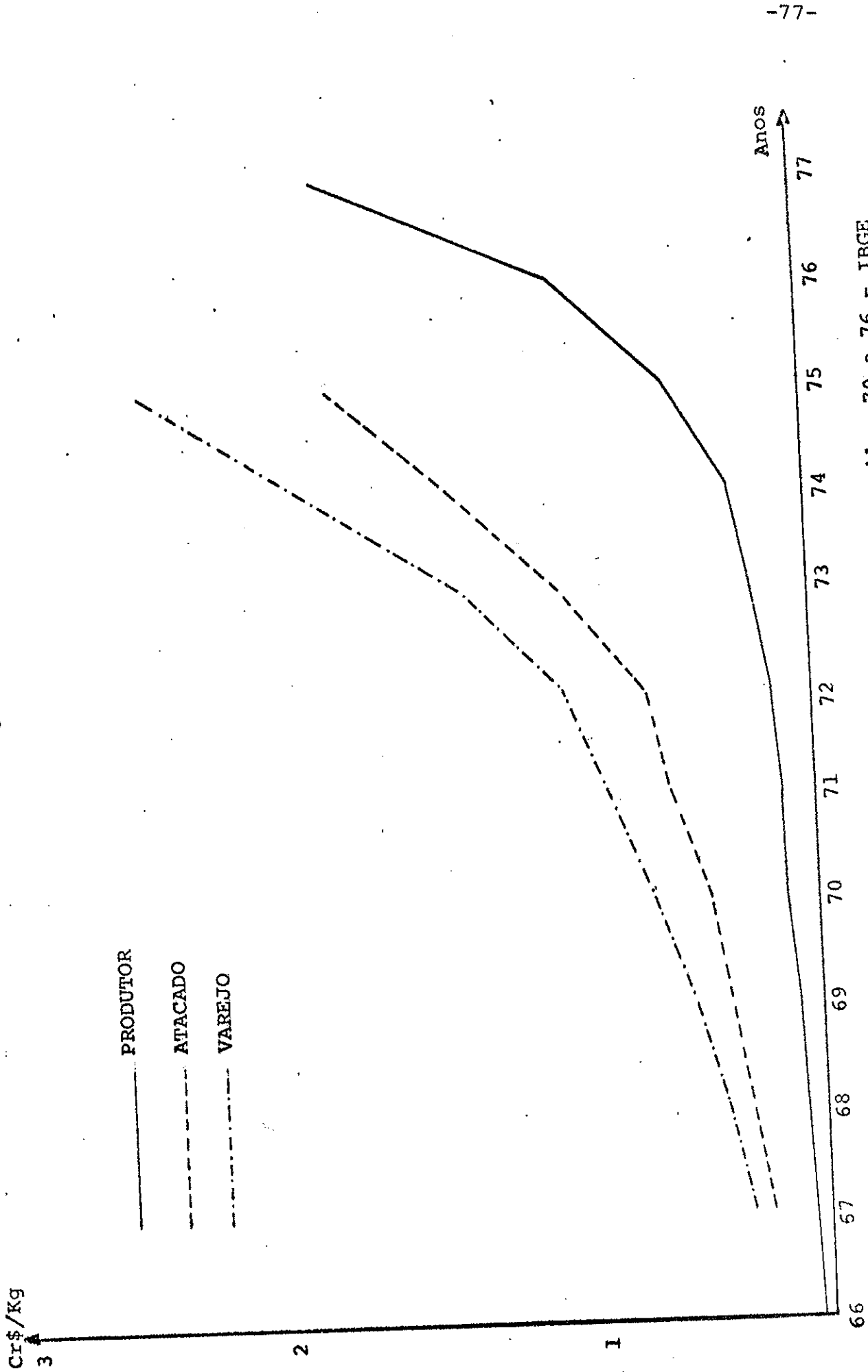
Cr\$/dz - Em atacado e varejo.

* - Somente os meses de dezembro e novembro (1968)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços da Banana a Nível de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista



FONTE: Atacado e varejo - Anuário Estatístico do Brasil - 70 a 76 - IBGE
Produtor - F.G.V.

6.14. Fruticultura de Clima Temperado

TABELA Nº 33

Área e Produção de Maçã (PROFIT)
Santa Catarina - Período: 1970/79

S A F R A	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t.)
. 1969/70	265	-
. 1970/71	555	-
. 1971/72	797	-
. 1972/73	1.375	-
. 1973/74	1.965	1.528
. 1974/75	2.668	5.000
. 1975/76	3.816	8.400
. 1976/77	5.287	12.355
. 1977/78	6.337	10.854
. 1978/79 (*)	7.500	20.000

(*) - Estimativa.

Fonte: PROFIT - ACARESC.

TABELA Nº 34

Área e Produção de Pêssego (PROFIT)
Santa Catarina - Período: 1970/79

S A F R A	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t.)
. 1969/70	65	-
. 1970/71	155	-
. 1971/72	292	-
. 1972/73	385	-
. 1973/74	429	600
. 1974/75	521	1.100
. 1975/76	533	2.850
. 1976/77	648	1.836
. 1977/78	733	2.550
. 1978/79 (*)	733	5.000

(*) - Estimativa.

Fonte: PROFIT - ACARESC.

TABELA Nº 35

Área e Produção de Nectarina (PROFIT)
Santa Catarina - Período: 1970/79

S A F R A	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t.)
. 1969/70	110	-
. 1970/71	311	-
. 1971/72	578	-
. 1972/73	711	-
. 1973/74	721	1.147
. 1974/75	797	1.000
. 1975/76	816	2.190
. 1976/77	607 (*)	2.083
. 1977/78	607	726
. 1978/79 (*1)	607	1.000

(*) - Redução de área devida a erradicação de alguns pomares.

(*1) - Estimativa.

Fonte: PROFIT - ACARESC.

TABELA Nº 36

Área e Produção de Ameixa (PROFIT)
Santa Catarina - Período: 1970/79

S A F R A	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t.)
. 1969/70	219	-
. 1970/71	340	-
. 1971/72	395	-
. 1972/73	423	-
. 1973/74	427	615
. 1974/75	427	100
. 1975/76	450	350
. 1976/77	303	1.012
. 1977/78	316	371
. 1978/79 (*)	316	800

(*) - Estimativa.

Fonte: PROFIT - ACARESC.

TABELA Nº 37

Área e Produção de Uva Vinífera (PROFIT)
Santa Catarina - Período: 1970/79

S A F R A	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t.)
. 1969/70	124	-
. 1970/71	169	-
. 1971/72	209	-
. 1972/73	271	-
. 1973/74	307	693
. 1974/75	323	1.000
. 1975/76	377	2.450
. 1976/77	433	1.805
. 1977/78	517	1.557
. 1978/79 (*)	600	2.500

(*) - Estimativa.

Fonte: PROFIT - ACARESC.

6.15. Bovinocultura de Corte

TABELA Nº 38

composição do Rebanho Bovino Catarinense por Classe Animal - 1971/1978

ANO	TOURINHOS	%	VACAS	%	NOVILHOS	%	NOVILHAS	%	BOIS	%	TERNEIROS	%	TOTAL
. 1971	56.166	3,04	526.415	32,37	269.147	14,56	369.802	24,91	260.437	14,09	296.429	16,04	1.848.378
. 1972	64.355	3,06	678.710	32,24	312.971	14,87	426.696	20,27	279.349	13,27	343.133	16,30	2.105.214
. 1973	64.846	3,09	683.397	32,54	317.774	15,13	416.730	19,84	277.892	13,23	399.600	16,17	2.100.239
. 1974	66.857	3,09	708.248	32,74	315.739	14,60	425.113	19,65	286.230	13,23	360.996	15,69	2.163.183
. 1975	74.586	3,34	721.274	32,26	395.288	17,68	454.406	20,32	241.511	10,80	348.782	15,60	2.235.847
. 1976	75.533	3,29	738.420	32,16	387.926	16,89	451.085	19,64	242.991	10,58	400.262	17,43	2.296.220
. 1977	67.878	3,08	709.183	32,17	387.828	17,60	450.772	20,45	223.118	10,12	365.435	16,58	2.204.213
. 1978	66.678	3,04	704.216	32,13	383.978	17,52	451.717	20,61	217.927	9,94	366.912	16,74	2.191.457

Fonte: CODESA e GECOFA/SC.

TABELA Nº 39

Bovinos Abatidos, Peso das Carcaças e Abate de
Bovinos/Habitantes
Santa Catarina - 1945/1979

A N O	BOVINOS ABATIDOS		PESO DAS CARÇAÇAS (t)	POPULA- ÇÃO CA- TARINEN SE (hab)	RELAÇÃO HA- BITANTES / BOVINOS A- BATIDOS
	(1000 Cab)	ÍNDICE			
. 1945	85	100			
. 1946	97	114			
. 1947	107	126			
. 1948	112	132			
. 1949	121	142			
. 1950	129	152		1.560.502	12,10
. 1951	136	160			
. 1952	140	165			
. 1953	136	160			
. 1954	144	169			
. 1955	146	172			
. 1956	146	172			
. 1957	149	175			
. 1958	166	195			
. 1959	178	209	31.885		
. 1960	173	204	30.783	2.146.909	12,41
. 1961	175	206	31.306		
. 1962	180	212	34.740		
. 1963	181	213	35.041		
. 1964	181	213	35.136		
. 1965	179	211	35.046		
. 1966	182	214	35.163		
. 1967	199	234	38.485		
. 1968	216	254	41.986		
. 1969	221	260	43.283		
. 1970	216	254	47.507	2.901.734	13,43
. 1971	220	259	48.483	2.979.900	13,55
. 1972	232	273	50.946	3.069.700	13,23
. 1973	231	272	50.826	3.161.100	13,68
. 1974	234	275	51.578	3.254.700	13,91
. 1975	246	289	54.107	3.351.400	13,62
. 1976	248	292	54.497	3.450.700	13,91
. 1977	242	285	53.341	3.553.400	14,68
. 1978	248	292	54.480	3.659.500	14,76
. 1979 (*)	255	300	56.100	3.768.700	14,78

(*) - Estimativas CEPA/SC.

Fonte: Serviço de Estatística da Produção do MA (1945/69)
Fundação IBGE. GECOFA/MA (1970/78).

6.16. Bovinocultura de Leite

TABELA Nº 40

Produção de Leite
Santa Catarina - Período: 1971/79

A N O	Nº TO- TAL DE VACAS	Nº DE VA- CAS EM LACTAÇÃO	PRODUÇÃO (1.000 l.)	ÍNDICE
. 1971	682.104	341.052	373.452	100
. 1972	678.355	339.355	371.594	99,5
. 1973	683.397	341.698	374.159	100,2
. 1974	693.455	346.727	379.666	101,7
. 1975	721.274	360.637	394.898	105,7
. 1976	747.673	373.836	409.350	109,6
. 1977	759.197	379.598	415.660	111,3
. 1978	704.216	352.108	385.558	103,2
. 1979 (*)	742.714	371.357	406.636	108,9

(*) - Produção: Estimativas CEPA/SC.

Fonte: Nº de Vacas - GEPA - MA.

Análise de Preços

Os preços nos três patamares de comercialização considerados, apresentam um gráfico bastante homogêneo, em virtude do tabelamento dos preços, nos três estágios.

TABELA Nº 41

Preços Correntes - Produto: Leite
Cr\$ / litro

P R E Ç O S	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,14	0,18	0,20	0,25	0,33	0,41	0,51	0,64	0,99	1,42	1,80	2,81
. Atacado	-	-	0,39*	0,42	0,50	0,56	0,69	0,88	1,30	1,87	-	-
. Varejo	-	-	0,41*	0,45	0,54	0,61	0,76	0,91	1,35	1,92	-	-

(*) - Média dos dois meses (dezembro e novembro de 1968)

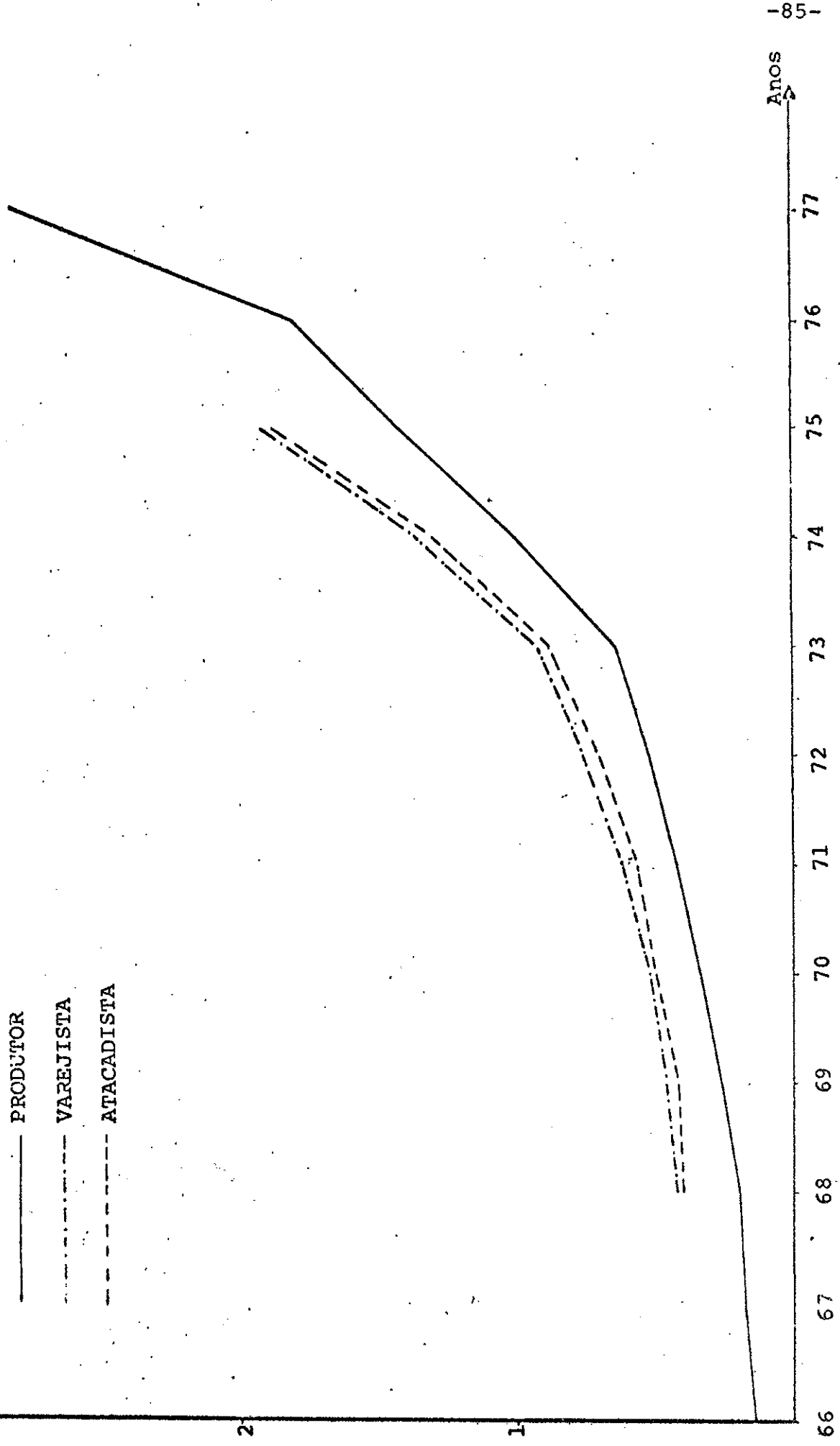
Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Gráfico de linhas mostrando a evolução da produção de leite em toneladas por ano, dividido em três segmentos: Produtor, Varejista e Atacadista.

e Varejista do Leite

- PRODUTOR
- - - VAREJISTA
- - - ATACADISTA



FONTE: Atacado e Varejo - FIBGE
Produtor - F.G.V.
Elab: F.E. - CEPIS/SC

6.17. Suinocultura

TABELA Nº 42

Efetivo Catarinense de Suínos - 1940-1979

A N O	EFETIVO SUÍNO (Em 1.000 CABEÇAS)
. 1940	1.124
. 1950	1.639
. 1960	2.393
. 1970	3.145
. 1975	3.506
. 1976	3.652
. 1977	3.242
. 1978	3.242
. 1979 (*)	3.242

(*) - Estimativa CEPA/SC.

Fonte: Anuários Estatístico do Brasil (1940/75)
CEPA/SC (1976/79) - Dados estimados.

Análise de Preços

Verifica-se que no período 1968-70 a margem de lucro do varejista é muito pequena. De 1970 a 1973, as curvas de preço pago ao produtor e do mercado atacadista correram mais ou menos paralelas, enquanto que no mercado varejista há uma queda no ano de 1972. No período 1974-76, a amplitude entre as duas primeiras curvas aumenta consideravelmente e, a distância entre a segunda e a terceira curva também aumenta. Fica, assim, bem evidenciada a instabilidade reinante no mercado de suínos, através de uma série histórica.

TABELA Nº 43

Preços Correntes - Suínos para Corte

Cr\$ / 15 kg.

P R E Ç O S	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	7,60	10,04	11,74	15,74	19,13	22,49	33,13	42,41	67,47	71,56	87,75	145,45
. Atacado	-	-	2,28*	-	3,58	4,07	5,29	6,89	12,01	12,60	13,33	15,25
				(2,69)								
. Varejo	-	-	2,38*	2,81	3,65	5,74	6,10	8,51	13,80	14,72	-	-

(*) - Média dos meses de novembro e dezembro (1968)

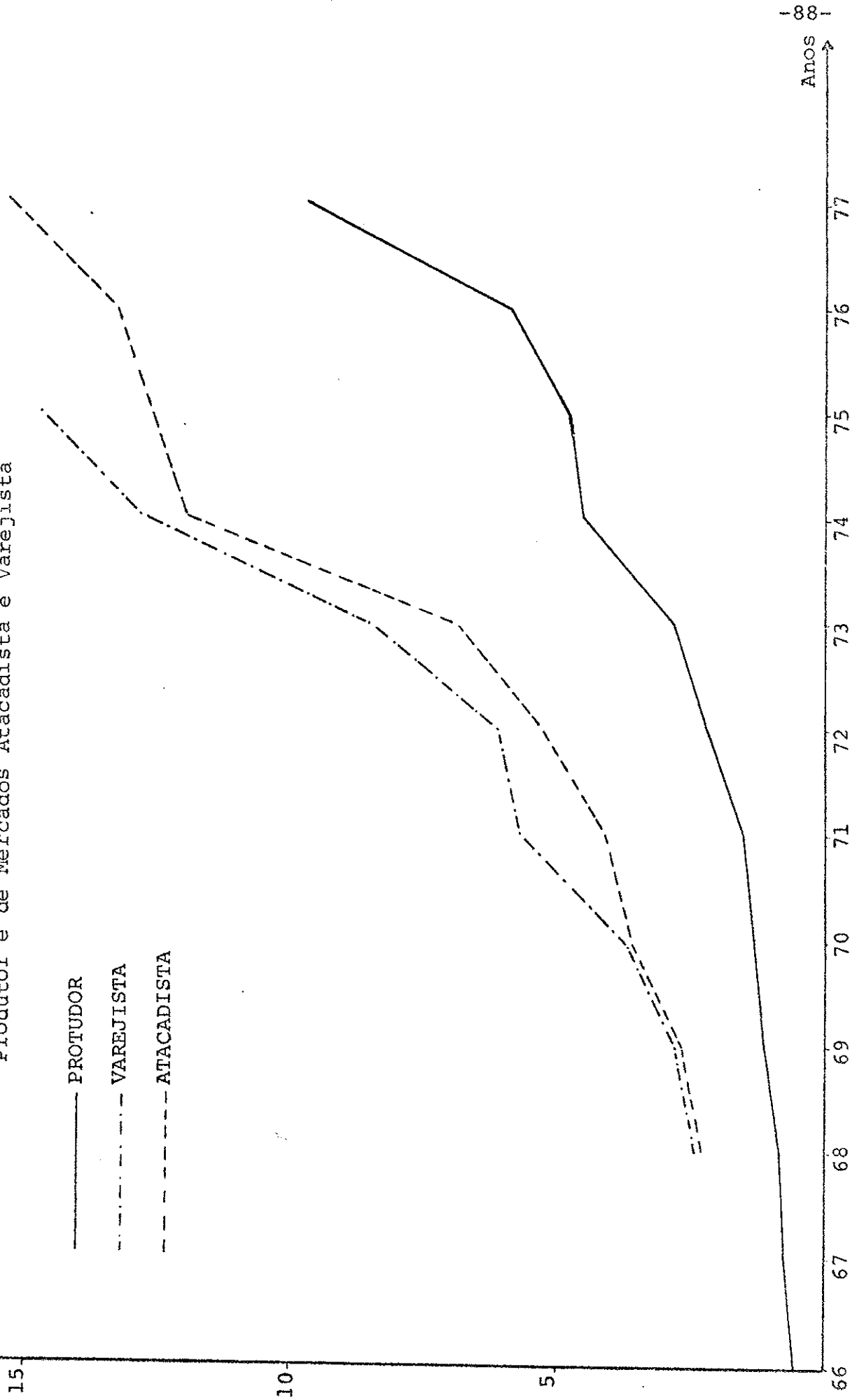
Atacado e Varejo - preços referentes carne - Cr\$/kg

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços da Carne de Suínos a Nível de Produtor e de Mercados Atacadista e Varejista

- PROTUDOR
- · - · - VAREJISTA
- - - - - ATACADISTA



FONTE- Atacado e varejo - FIBGE - Boletim Informativo - SIMA/SC
-Produtor - Instituto Brasileiro de Economia - F.G.V.

TABELA Nº 44

Abate Total de Suínos e Peso das Carcaças
Santa Catarina - 1945/1979

A N O	SUÍNOS ABATIDOS		PESO DAS CARCAÇAS (t)
	(1.000 CAB.)	ÍNDICE	
. 1945	480	100	
. 1946	484	101	
. 1947	534	111	
. 1948	449	94	
. 1949	357	74	
. 1950	440	92	
. 1951	576	120	
. 1952	589	123	
. 1953	572	119	
. 1954	609	127	
. 1955	276	58	
. 1956	631	131	
. 1957	717	149	
. 1958	744	155	
. 1959	719	150	47.912
. 1960	617	129	56.680
. 1961	918	191	63.954
. 1962	973	203	62.687
. 1963	832	173	54.042
. 1964	844	176	54.897
. 1965	858	179	59.799
. 1966	964	201	66.839
. 1967	1.001	209	67.685
. 1968	1.091	227	73.715
. 1969	1.118	233	76.480
. 1970	1.261	263	77.884
. 1971	1.388	289	79.380
. 1972	1.545	322	88.400
. 1973	1.735	361	99.225
. 1974	2.050	427	117.265
. 1975	2.145	447	112.677
. 1976	2.688	560	172.754
. 1977	2.684	559	171.750
. 1978 (*)	2.819	587	188.845
. 1979 (*)	2.800	583	187.600

(*) - Previsão: CEPA/SC.

Fonte: Serviço de Estatística da Produção -
Serviço de Inspeção de Produto Animal -
Secretaria da Fazenda e CEPA/SC (1978/1).

6.18. Avicultura

TABELA Nº 45

Abate de Aves e Peso das Carcaças
Santa Catarina - 1959/79

A N O	ABATE (1.000 AVES)	PESO DAS CARCAÇAS (t.)
. 1959	25	31
. 1960	72	105
. 1961	153	70
. 1962	198	231
. 1963	271	328
. 1964	366	452
. 1965	490	604
. 1966	676	882
. 1967	1.003	1.521
. 1968	1.260	1.929
. 1969	2.031	3.334
. 1970	3.322	4.650
. 1971	5.779	8.091
. 1972	9.437	13.211
. 1973	15.587	21.821
. 1974	26.518	37.125
. 1975	49.687	69.561
. 1976	62.142	87.000
. 1977	79.615	111.460
. 1978	98.984	138.578
. 1979 (*)	128.680	180.151

(*) - Estimativa: CEPA/SC.

Fonte: Serviço de Estatística da Produção - MA (1959/1969)

DIPOA - Indústrias Frigoríficas - 1970 a 1978.

O plantel de matrizes de frangos de corte , tem acompanhado a evolução da avicultura conforme pode ser visto na tabela a seguir. As microrregiões Colonial Oeste e Vale do Rio do Peixe detêm cerca de 84% deste plantel.

TABELA Nº 46

Plantel de Matrizes de Frango e Perú

A N O	FRANGOS (cab.)	PERÚS (cab.)
. 1973	127.550	
. 1974	463.000	
. 1975	526.400	
. 1976	976.521	63.500

Fonte: CEPA/SC.

Análise de Preços

O comportamento nos tres patamares de comercialização apresenta-se de uma forma semelhante em decorrência do efetivo controle de mercado realizado pela indústria absorvedora desta matéria-prima.

TABELA Nº 47

Preços Correntes - Frango de Corte
Cr\$ / kg.

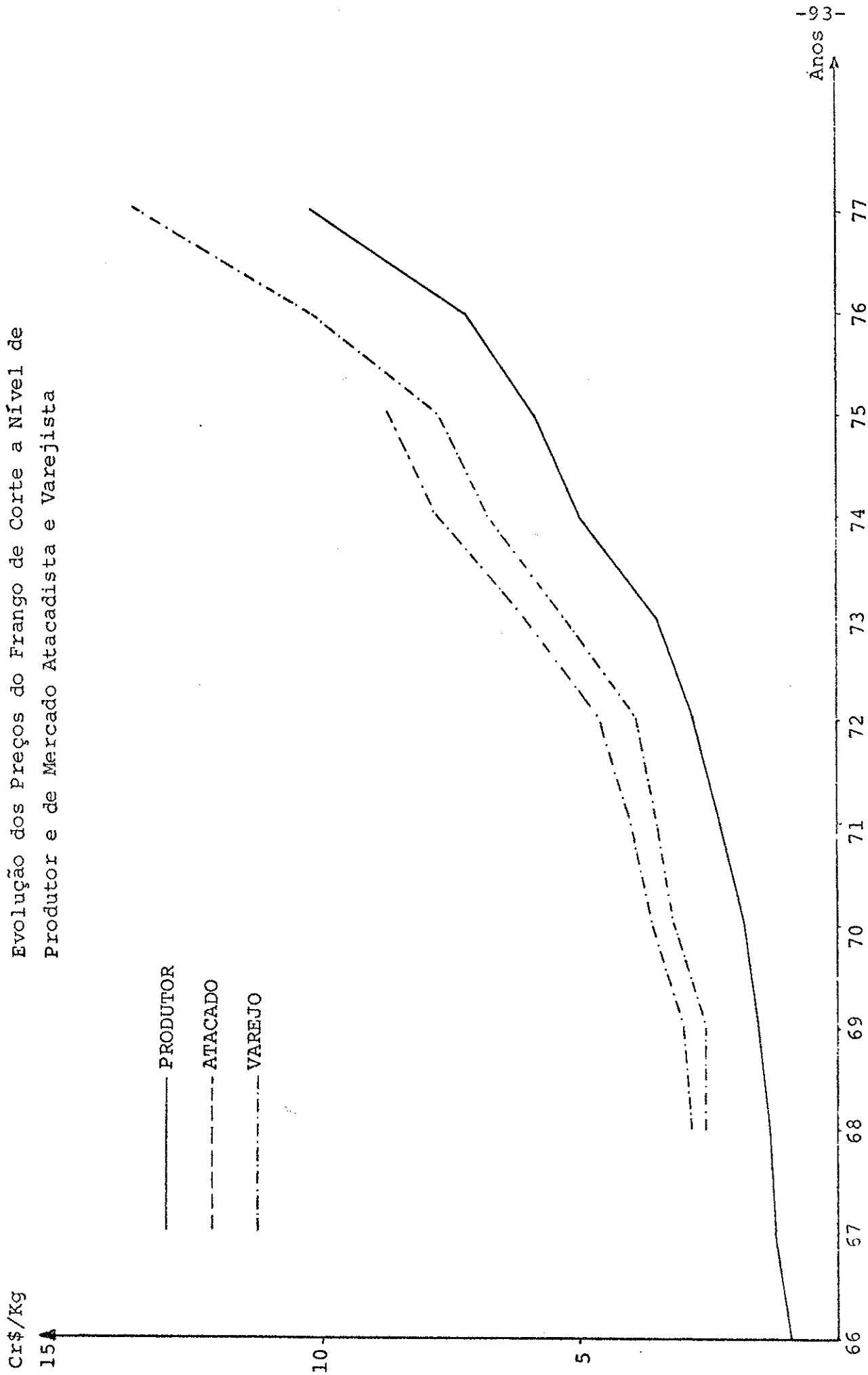
P R E Ç O S	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977
. Produtor	0,92	1,22	1,32	1,48	1,80	2,28	2,79	3,48	5,01	5,83	7,20	10,20
. Atacado	-	-	2,53*	2,56	3,18	3,51	3,91	5,28	6,76	7,68	10,20	13,62
. Varejo	-	-	2,84*	3,02	3,60	4,01	4,60	6,03	7,73	8,68	-	-

(*) - Média dos meses de novembro e dezembro (1968)

Fonte: Atacado e Varejo: IBGE - SIMA/SC.

Produtor : FGV.

Evolução dos Preços do Frango de Corte a Nível de Produtor e de Mercado Atacadista e Varejista



FONTE: Atacado e Varejo - SIMA/SC e FIBGF
Produtor - F.G.V.

6.19. Extrativa Vegetal

TABELA Nº 48

Produção Extrativa Vegetal
Santa Catarina - 1960/1974

A N O	QUANTIDADE (1.000 m3)			VALOR A PREÇO CONSTANTE Cr\$ 1.000 (**)		
	MADEIRA	CARVÃO VE GETAL (*)	LENHA	MADEIRA	CARVÃO VE GETAL	LENHA
. 1960		18	13.426		557	25.994
. 1961		15	11.184		396	24.934
. 1962	342	15	11.238	486	312	22.341
. 1963	354	13	11.165	554	302	17.872
. 1964	504	13	11.297	738	321	20.783
. 1965	377	11	11.325	650	260	19.798
. 1966	422	12	11.458	823	403	22.713
. 1967	326	11	11.468	630	432	25.016
. 1968	286	10	11.601	761	447	26.257
. 1969	379	10	11.598	1.123	419	26.579
. 1970	336	10	11.844	880	432	27.605
. 1971	3.469	10	12.287	86.561	523	28.352
. 1972	5.143	6	12.642	171.618	348	28.084
. 1973	5.650	32	13.028	303.878	642	40.148
. 1974	5.202	7	11.608	223.542	579	41.213

(*) - Em toneladas.

(**) - Ano Base: 1965/67 - Deflator Col. 2 (FGV)

Fonte: 1947/72 - EAGRI/SUPLAN/MA

1973/74 - Fundação IBGE.

TABELA Nº 49

Evolução da Produção Pesqueira em Santa Catarina
Período de 1970 - 1978, Em Toneladas

A N O	P R O D U Ç Ã O D E P E S C A D O									
	P E I X E S		C R U S T Á C E O S		M O L U S C O S E O U T R O S		T O T A L			
	PR O D U Ç Ã O	Í N D I C E	PR O D U Ç Ã O	Í N D I C E	PR O D U Ç Ã O	Í N D I C E	PR O D U Ç Ã O	Í N D I C E	PR O D U Ç Ã O	Í N D I C E
. 1970	37.997,9	100	8.695,0	100	92,6	100	46.786,3	100		
. 1971	49.918,8	131	8.093,7	93	138,1	149	58.150,7	124		
. 1972	56.633,1	149	7.833,9	90	230,6	249	64.697,6	138		
. 1973	108.573,1	286	8.999,6	103	640,4	692	118.213,1	253		
. 1974	116.468,4	307	8.766,6	101	1.582,8	1.709	126.817,8	271		
. 1975	74.471,5	196	10.106,6	116	1.474,9	1.593	86.053,0	184		
. 1976	46.640,2	123	10.653,4	123	612,4	661	57.906,0	124		
. 1977	75.158,0	198	8.822,0	102	433,0	468	84.490,0	181		
. 1978	86.945,8	229	10.045,1	116	213,6	231	97.204,4	208		

Fonte: SUDEPE/BDP - Dados Primários.

Elaboração: CEPA/SC.

TABELA Nº 50

Valor da Produção de Pescado em Santa Catarina no
período de 1970 a 1978 - Preços Correntes

A N O	VALOR DA PRODUÇÃO A PREÇOS CORRENTES - Em Cr\$ 1.000									
	PEIXES		CRUSTÁCEOS		MOLUSCOS E OUTROS		TOTAL			
	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE		
. 1970	15.444,3	100	18.143,0	100	94,5	100	33.681,7	100		
. 1971	20.629,0	134	31.956,1	176	252,8	268	52.837,9	157		
. 1972	28.527,8	185	50.562,3	279	406,5	430	79.496,5	236		
. 1973	63.557,1	412	36.423,4	201	1.126,3	1.192	101.106,7	300		
. 1974	92.570,0	599	55.482,8	306	1.818,0	1.924	149.871,0	445		
. 1975	101.242,8	656	77.693,0	428	2.698,5	2.856	181.634,3	539		
. 1976	113.807,9	737	114.043,2	629	1.886,6	1.996	229.737,7	682		
. 1977	209.686,9	1.358	158.768,4	875	2.050,6	2.170	370.505,9	1.100		
. 1978	334.022,6	2.163	269.520,1	1.486	1.709,8	1.809	605.252,5	1.797		

Fonte: SUDEPE/PDP - Dados Primários

Elaboração: CEPA/SC.

TABELA Nº 51

Valor da Produção de Pescado em Santa Catarina no
Período de 1970 a 1978 - Preços Constantes

A N O	VALOR DA PRODUÇÃO A PREÇOS DE 1974 - Em Cr\$ 1.000,00									
	PEIXES		CRUSTÁCEOS		MOLUSCOS E OUTROS		TOTAL			
	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE	VALOR	ÍNDICE		
. 1970	30.200,7	100	55.044,6	100	106,5	100	85.351,8	100		
. 1971	39.675,4	131	51.233,4	93	158,8	149	91.067,6	107		
. 1972	45.012,0	149	49.588,8	90	265,2	249	94.866,0	111		
. 1973	87.088,7	288	56.967,7	103	732,9	688	144.789,3	170		
. 1974	92.570,0	307	55.483,0	101	1.818,0	1.707	149.871,0	176		
. 1975	59.190,0	196	63.977,0	116	1.694,0	1.591	124.861,0	146		
. 1976	37.070,0	123	67.440,0	123	704,0	661	105.214,0	123		
. 1977	60.126,4	199	56.320,9	102	497,4	467	116.944,7	137		
. 1978	68.687,0	227	63.585,0	116	246,0	231	132.518,0	155		

Fonte: SUDEPE/PDP - Dados Primários.

Elaboração: CEPA/SC.

7. Comercialização Agrícola

A comercialização se constitui, na maioria dos casos, no principal ponto de estrangulamento ao crescimento do setor. Em função de uma excessiva intermediação, os preços recebidos pelos produtores atingem valores aquém do número necessário para rentabilizar a atividade, enquanto que se eleva exorbitantemente o custo da alimentação nos centros consumidores.

As cooperativas, por sua vez, que num Estado onde predominam as pequenas propriedades deveria desempenhar um importante papel, por uma série de fatores internos e externos tem se mostrado pouco eficientes na melhoria das condições de comercialização dos produtos agrícolas.

A apropriação de uma grande parcela dos excedentes econômicos pelos agentes de comercialização tem frustrado o poder de aquisição notadamente dos pequenos produtores, impedindo-os de participar do mercado nacional de insumos agrícolas e de bens de consumo industrial e reduzindo sua capacidade de efetivar investimentos produtivos.

A par dos problemas de transferência de renda, através das operações de comercialização, a estacionalidade da produção gera problemas de congestionamento das estruturas de armazenagem nas épocas de colheita, representando também um ponto de estrangulamento na comercialização.

A organização dos produtores, a efetivação de estoques reguladores e estratégicos, a compra antecipada da produção pelo Governo, são medidas que poderão resultar numa melhor transparência na comercialização e numa melhoria da distribuição de renda no setor agrícola.

8. Recursos de Armazenagem

Comparando-se a capacidade dinâmica de estocagem (total granel + sacaria) com a produção de cereais, verifica-se que essa é praticamente suficiente para atender às necessidades.

Verifica-se, no entanto, "déficit" na capacidade de estocagem em algumas microrregiões, notadamente nos Campos de Lages e de Curitibanos, na Colonial Oeste Catarinense, na Colonial do Rio do Peixe e no Planalto de Canoinhas.

O cadastro das unidades armazenadoras levantadas pela CIBRAZEM refere-se apenas às unidades com capacidade de acima de 120 toneladas (2.000 sacas), não contemplando, pois, a estocagem a nível de propriedade, uma vez que são raras estas com esse volume de produção. Sabe-se que no Oeste Catarinense, cerca de 80% da produção de milho e soja permanece na propriedade e desta forma pode-se afirmar que a atual rede de armazenagem atende às necessidades.

O mesmo não ocorre, todavia, com a estocagem a frio. A produção de frutas de clima temperado, de batata-semente e de carnes não conta com uma infra-estrutura de pós-colheita.

Capacidade de Estocagem de Cereais, segundo as Microrregiões

MICRORREGIÃO	PRODUÇÃO DE CEREAIS EM 1975 -- EM TONELADAS					CENTEIO	PRODUÇÃO TOTAL DE CEREAIS-T	PRODUÇÃO DE FARINHA E FÉCULA DE MANIÓCA (t)	CAPAC. EST. DE 1976*	CAPAC. DINÂMICA DE ESTOCAGEM DE CEREIS-T	DEFICIT COM SUPERAÇÃO DE VITIM DE ESTOC. DE CEREIS-T	
	MILHO	ARROZ	FEIJÃO	TRIGO	SOJA							CEVADA
1. Col. Joinville	13.470	39.226	200	-	26	-	52.922	-	71.120	184.912	+ 131.990	
2. Lit. Itajaí	851	7.806	356	-	-	-	8.813	-	41.936	109.033	+ 100.221	
3. Col. Blumenau	32.412	47.542	1.725	-	533	-	82.312	-	51.000	132.600	+ 50.288	
4. Col. Itajaí Norte	15.162	1.690	1.516	144	1.165	-	19.786	109	2.200	5.720	- 17.707	
5. Col. Alto Itajaí	61.697	20.910	4.258	61	3.204	-	90.130	37.076	34.832	90.563	+ 36.643	
6. Florianópolis	2.759	4.555	820	-	168	-	8.302	5.856	13.219	34.369	+ 20.211	
7. Col. Serrana Catar.	16.367	1.162	2.306	3	135	-	19.973	6.973	6.053	21.480	+ 29.832	
8. Litoral Laguna	912	2.650	446	-	-	-	3.982	2.827	28.200	73.320	+ 66.511	
9. Carbonífera	38.722	13.586	7.293	216	1.120	-	55.937	17.014	84.682	220.173	+ 137.222	
10. Litoral Sul Catar.	16.305	30.124	3.171	115	574	-	49.989	32.125	32.125	45.015	+ 34.925	
11. Col. Sul Catarin.	38.112	30.662	3.813	340	486	-	82.413	7.827	64.126	166.727	+ 76.487	
12. Campos Lages	29.109	690	4.532	606	792	-	35.729	-	4.037	10.496	- 25.233	
13. Campos Curitibanos	106.764	4.644	9.688	5.835	23.044	178	150.153	-	32.799	85.277	+ 64.876	
14. Col. Rio do Peixe	558.776	12.128	8.650	8.322	85.843	1.859	675.828	300	176.557	459.048	- 216.780	
15. Col. Caste Catar.	1.087.412	39.345	103.912	11.615	331.451	-	1.573.735	-	362.262	941.896	- 631.838	
16. Planalto Capoinhas	108.594	22.135	16.648	3.227	18.619	1.581	174.602	3.758	20.503	53.207	- 97.894	
TOTAL ESTADO	2.127.124	292.735	169.328	30.484	467.150	3.566	3.094.647	112.419	1.062.732	2.763.732	- 443.334	

Fonte Primária: IBGE e CIPRAZEM

Elaboração: CEPA/SC.

(*) - Considerando um coeficiente de rotatividade de 2,6

(**) - Granel-Sacaria (t).

A capacidade estática de armazenagem a frio disponível para a safra 78/79 é de apenas 10.862 toneladas, conforme pode ser visto a seguir.

TABELA Nº 53

Capacidade de Estocagem a Frio para Frutas

MUNICÍPIO	CAPACIDADE ESTÁTICA P/ 78/79 (t)	PRODUÇÃO NA SAFRA 77/78 (t)
. Fraiburgo	8.400	7.275
. Videira	2.460	701
. Florianópolis	2	-
SUB-TOTAL	10.862	7.976
. Outros Municípios	-	5.946
T O T A L	10.862	13.922 ^(*)

(*) Exceto a produção de uvas.

Fonte: Dados Primários: CIBRAZÉM e ACARESC (PROFIT)

Elaboração : CEPA/SC.

Para as frutas de caroço, cuja safra antecede à da maçã, o problema não se apresenta tão grave, uma vez que a produção deve ser comercializada quase de imediato. A frigorificação tem função de manter determinadas características do fruto e o período de frigorificação é muito breve.

Apenas as frutas tardias é que podem vir a ser armazenadas em período maior (cerca de 15 dias).

Quanto à produção de maçã é necessário que sejam estocadas as produções, notadamente das variedades tardias, por períodos superiores a 4 - 6 meses, de forma a obter melhores preços e compensar os custos de armazenagem. E as projeções de produção situam-se em níveis bem acima da capacidade de armazenagem atualmente existentes: 51.800 toneladas em 1980 e 99.605 toneladas em 1985, contra uma capaci-

de estática existente de 10.862 toneladas.

Problema idêntico ocorre com a estocagem de batata-semente. Atualmente não existem câmaras para estocagem a frio de batatas, e de acordo com técnicos do Projeto de Sementes e Mudanças da Secretaria da Agricultura, a capacidade de estocagem necessária é estimada em 200.000 caixas.

Quanto a estocagem de carnes, embora não se tenham levantamentos, sabe-se que um dos mais importantes pontos de estrangulamento dos frigoríficos é a sua reduzida capacidade de estocagem a frio.

9. Financiamentos

No período 1970-1976, o número de financiamentos concedidos aos produtores e cooperativas, no Estado de Santa Catarina, cresceu a uma taxa de 15% ao ano. O crédito rural tem significação, como um dos instrumentos mais importantes do processo de introdução de técnicas modernas e está relacionado com grande parte das atividades do setor agropecuário ou a ele diretamente ligadas, tal como, a comercialização da produção.

A tabela nº 54, mostra o total de financiamentos concedidos a produtores e cooperativas de Santa Catarina, para custeio, comercialização e investimentos, no período de 1970 a 1977, à preços de 1970, onde se constata que o sub-setor lavoura mantém uma participação uniforme no número de financiamentos, em torno de 67%, até 1974 e nos dois anos seguintes, essa participação cresceu para 76%. No período, a taxa média de crescimento anual desse número foi de 17,5%. Quanto ao valor, a participação para lavouras é crescente até 1973 e em seguida apresenta uma tendência declinante, atingindo em 1976, nível de percentual próximo ao primeiro ano da série. A taxa média de crescimento anual do valor dos financiamentos situa-se próximo de 32%. A maioria dos recursos destina-se primeiramente para custeio, em seguida para investimentos e em terceiro lugar para comercialização. Nota-se no período, em relação a participação relativa de cada modalidade de crédito, algumas variáveis. Assim, o ano de 1971 parece atípico em relação a investimento para lavouras. Nos demais anos, há variações para mais e menos na participação de cada modalidade, sendo que nos anos de 1975 e 1976, os tres se aproximam em torno dos percentuais, para o item valor. Ainda no período, identifica-se um mínimo em 1971 e um máximo em 1975, tanto para o número de financiamentos como para valor. Os valores médios dos financiamentos para lavoura, são inferiores aos valores médios para pecuária, tendendo a uma aproximação em 1972 a 1974 e diferenciando acentuadamente em 1975 e 1976.

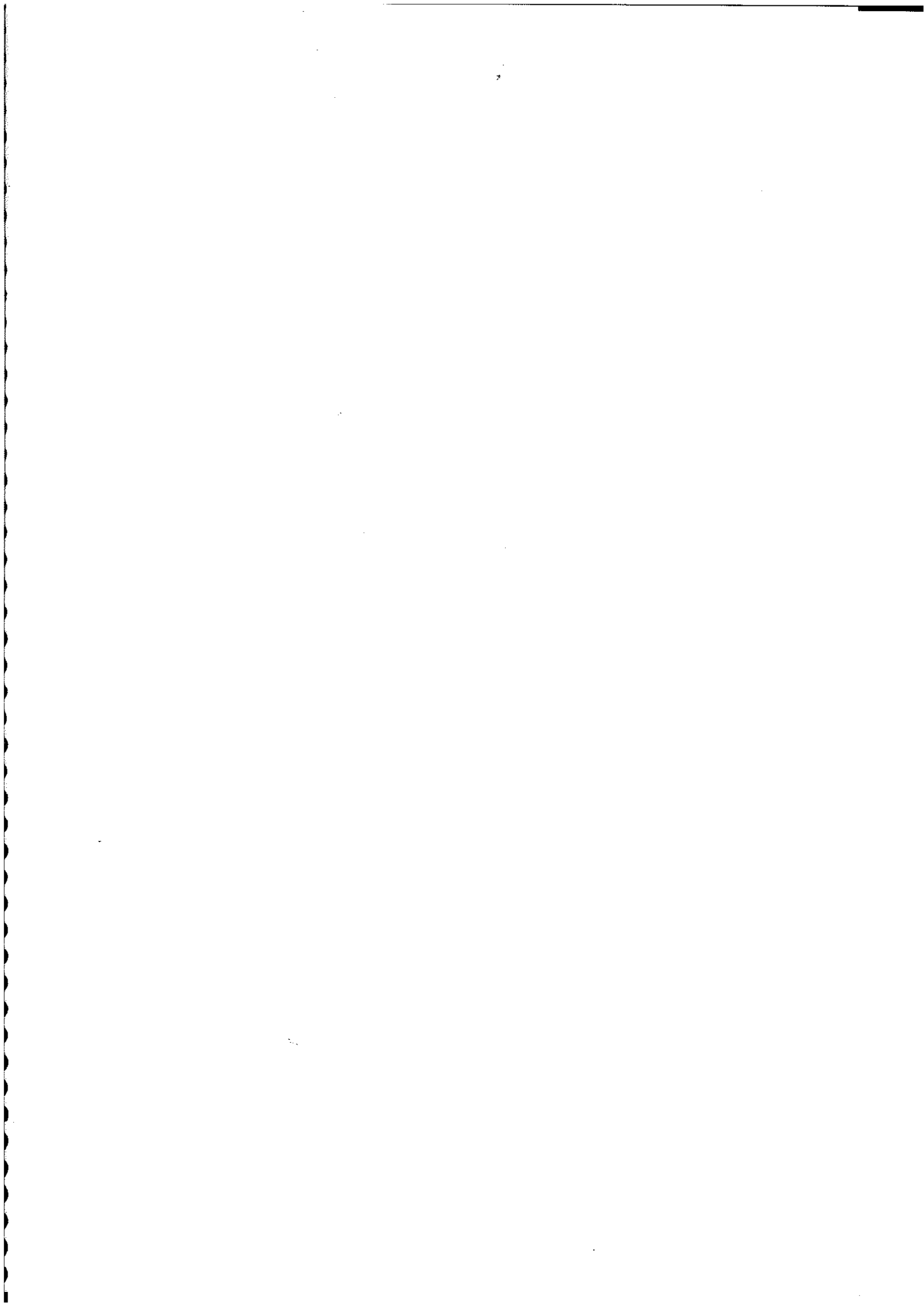


TABELA Nº 54

Total de Financiamentos Concedidos a Produtores e Cooperativas de Santa Catarina
no Período de 1970-1977 (Em Cr\$ 1.000,00) À preços de 1970

ATIVIDADE	C O N T R A T O S											
	1 9 7 0		1 9 7 1		1 9 7 2		1 9 7 3					
	NÚMERO	VALOR	VALOR MÉ DIO POR CONTRATO	NÚMERO	VALOR	VALOR MÉ DIO POR CONTRATO	NÚMERO	VALOR	VALOR MÉ DIO POR CONTRATO	NÚMERO	VALOR	VALOR MÉ DIO POR CONTRATO
<u>1. Lavourea</u>												
. Custeio	31.029	63.256	2,0	28.988	69.911	2,3	30.637	75.022	2,4	32.671	99.342	3,0
. Comercialização	1.520	21.996	14,5	510	19.230	37,7	677	30.683	45,3	1.716	70.770	41,2
. Investimentos	17.264	48.554	2,8	10.986	4.301	0,4	12.453	62.587	5,0	15.393	108981	7,1
Sub - Total	49.813	133.606	2,7	40.484	90.442	2,2	42.767	168292	3,9	49.780	279075	5,6
<u>2. Pecuária</u>												
. Custeio	5.941	12.869	2,2	4.109	12.277	3,7	7.925	31.120	3,9	6.172	47.816	7,7
. Comercialização	2.420	13.776	5,7	1.487	4.537	3,1	1.711	5.347	3,1	1.795	6.792	3,8
. Investimentos	16.080	62.284	3,9	12.011	50.365	4,2	14.698	64.499	4,4	14.526	81.811	5,6
Sub - Total	22.441	88.929	3,6	17.607	70.179	4,0	24.334	100966	4,1	22.493	136419	6,1
TOTAL (1 + 2)	74.254	222.535	3,0	58.091	160.621	2,8	68.701	269258	4,0	72.273	415494	5,7

Fonte: DERUR/DIPLA/SECON

Elaboração: CEPA/SC.

Total de Financiamentos Concedidos a Produtores e Cooperativas de Santa Catarina

no Período de 1970-1977 (Em Cr\$ 1.000,00) À preços de 1970.

ATIVIDADES	C O N T R A T O S											
	1 9 7 4		1 9 7 5		1 9 7 6		1 9 7 7 (*)		1 9 7 7 (*)		1 9 7 7 (*)	
	NÚMERO	VALOR	VALOR ME DIO POR CONTRAT.	NÚMERO	VALOR	VALOR ME DIO POR CONTRAT.	NÚMERO	VALOR	VALOR ME DIO POR CONTRAT.	NÚMERO	VALOR	VALOR ME DIO POR CONTRAT.
1. Lavoura												
. Custeio	34.904	182.165	5,2	99.821	261.028	2,6	105.206	278.885	2,7	2.544	6.189	2,4
. Comercial.	1.381	69.470	50,3	3.541	196.121	55,4	3.886	198.099	51,0	326	17.087	52,4
. Investim.	24.462	182.718	7,5	30.961	268.129	8,7	22.621	232.086	10,3	3.275	25.266	7,7
. Sub-Total	60.747	434.353	7,3	134.323	725.278	5,4	131.713	709.070	5,4	6.145	48.542	7,9
2. Pecuária												
. Custeio	9.038	71.296	7,9	18.607	152.603	8,2	18.118	173.185	9,6	2.148	17.339	8,1
. Comercial.	2.771	14.530	5,2	6.784	72.772	10,2	11.354	157.644	13,9	1.719	23.203	13,5
. Investim.	16.161	138.692	8,6	19.106	171.134	9,0	11.442	166.295	14,5	2.593	20.446	7,9
. Sub-Total	27.970	224.518	8,0	44.497	396.509	8,9	40.914	497.124	12,2	6.460	60.988	9,4
TOTAL(1 + 2)	88.717	658.871	7,5	178.820	1.121.787	6,3	172.627	1.206.194	7,0	12.605	109.530	8,7

(*) - Referente ao primeiro trimestre.

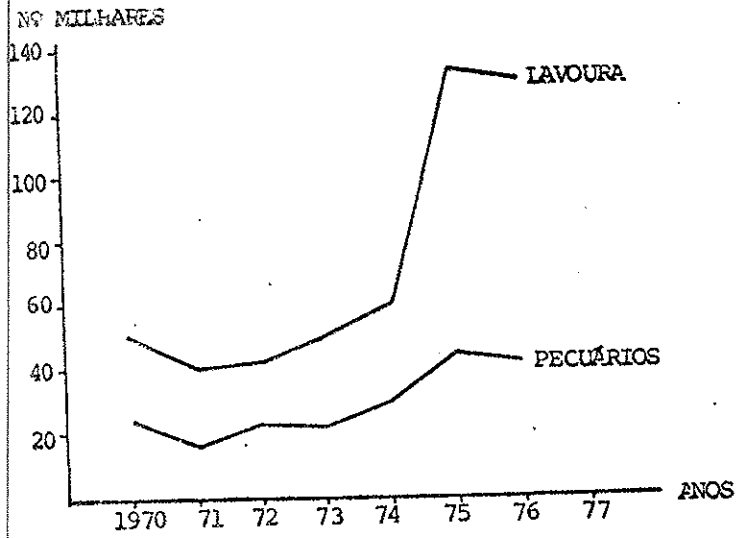
Fonte: DERUR/DIPIA/SECON

Elaboração: CEPA/SC.

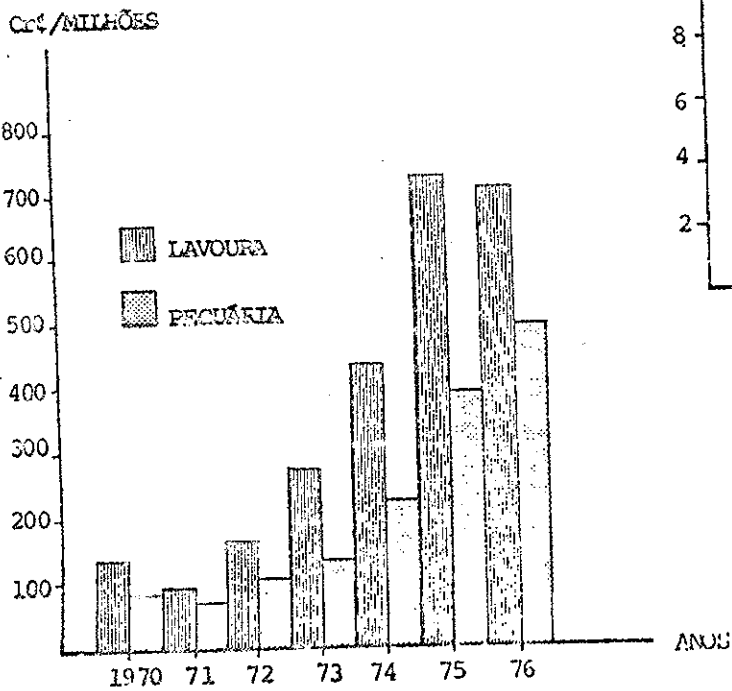
Contrariamente ao que se pode observar em relação ao outro sub-setor, na pecuária, o item "investimento" foi o mais importante em número e valor dos financiamentos. Essa posição tendeu a baixar no decorrer do período, acontecendo de forma acentuada em relação a valor, e em ambos, número e valor, nos dois últimos anos da série, beneficiando as posições dos financiamentos para custeio e comercialização.

Fazendo um destaque nesta análise, para os financiamentos destinados aos investimentos, observa-se que as taxas de crescimento foram modestas no período, quando se trata do número de financiamentos e, poucos reais, quando se trata do montante de recursos aplicados. Assim, o sub-setor lavoura apresenta 4,6% para número e 30,0% para valor; o sub-setor pecuária tem uma taxa negativa para número (-6,0%) e de 17% para o montante de recursos.

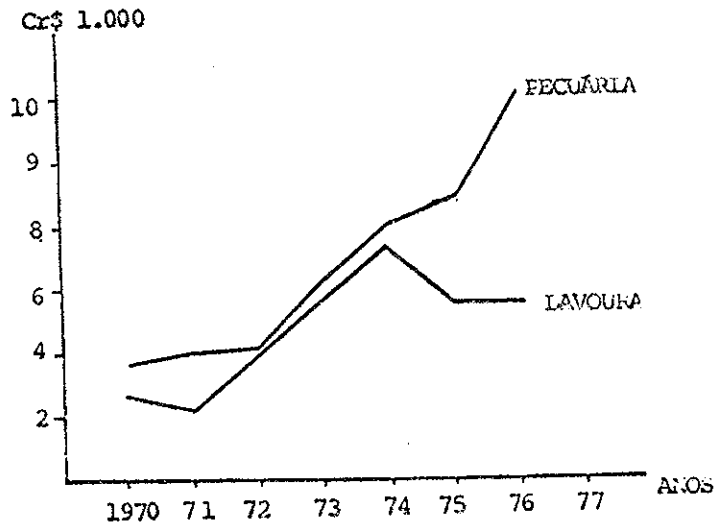
Se se toma em consideração os percentuais - prováveis de inflação, com as taxas geométricas de crescimento dos recursos, também visualiza-se uma situação desfavorável. Se é possível admitir as taxas inflacionárias indicadas nos índices de publicações oficiais ou para-oficiais, ocorre crescimento real de recursos na primeira metade do período, porém, na segunda metade, não teria havido aporte de maiores recursos para o crédito rural mas, o montante superior em termos de valores correntes, não chegou a recuperar o desgaste inflacionário.



NÚMERO DE FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA.



VALOR DOS FINANCIAMENTOS CONCEDIDOS A PRODUTORES E COOPERATIVAS DE SANTA CATARINA.



VALOR MÉDIO DOS CONTRATOS

II- PERSPECTIVAS DAS SAFRAS

II - PERSPECTIVAS DAS SAFRAS

1- Milho

Segundo a revista "Agroanálisis" da Fundação Getúlio Vargas referindo-se ao plantio de milho norte americano safra 1978/79 e informações fornecidas pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) dão conta de que a área plantada com milho deverá sofrer uma redução em torno de 5%, comparando-se aos 33,47 milhões de hectares da safra anterior, decréscimo este ocasionado pelas possíveis adversidades climáticas (prolongado período de chuvas durante a primavera (abril/junho)), pela implementação a partir de 1978 pelo Governo americano do programa denominado de "set-aside" (redução de áreas de plantio) e pela diversificação do plantio de variedades de ciclo mais curto.

Quanto a produção brasileira de milho para safra 1978/79, conforme o documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira para 1978/79" - SUPLAN, estará em torno de 20,3 milhões de toneladas, contra 14,2 toneladas produzidas na safra de 1977/78, ocasionando um acréscimo de 36,8% na produção em relação a safra anterior, e um incremento de 7,7% em relação a área plantada resultando numa produtividade de 1.601 kg/ha, o que será suficiente para normalizar o abastecimento inteiro e gerar um excedente exportável de aproximadamente 1 milhão de toneladas.

O consumo nacional de milho para 1979, deverá alcançar 17 milhões de toneladas.

O milho em Santa Catarina é cultivado por cerca de 166 mil agricultores, é o principal produto da agricultura estadual, contribuindo em 1977 com 24,9% do Valor Bruto da Produção Agrícola.

Na safra 1976/77, foram colhidas 2.674.195 toneladas, com o maior rendimento médio do país, 2.514 kg/ha.

A prolongada estiagem que assolou a principal região produtora no princípio do semestre de 1978, provocou uma redução de 1 milhão de toneladas, na safra 1977/78, quando foram colhidas 1.587.902 toneladas.

Em dezembro, a estimativa para a safra 1978/79 era de 1.097.647 ha, com um aumento previsto de 8,38% na área plantada, e uma produção de 2.727.590 toneladas com um acréscimo de produção de 1,96% em relação a safra 1976/77.

Com a estiagem que se repetiu nos primeiros meses de 1979, houve uma quebra de 25,8% (situação em fevereiro/79) na produção, prevendo-se um volume de 2.023.599 toneladas, verificando-se novamente, a exemplo da safra 1977/78, um decréscimo, que desta vez foi da ordem de 32,15%, em relação à safra 1976/77.

2- Mandioca

Para a safra 1977/78, a produção nacional de mandioca foi estimada em 26.507 mil toneladas, conforme estimativa da Comissão Especial de Planejamento, Controle e Avaliação das Estatísticas Agropecuárias - CEPAGRO, verificando-se um acréscimo de 2,57% em relação à safra anterior, enquanto a área colhida deverá situar em 2.221.493 ha, resultando num rendimento médio de 11.930 kg/ha, superior em 1,8% a safra 1976/77.

A implantação do PROALCOOL, visando a fabricação de álcool anidro para misturar carburente deverá a médio prazo, contribuir para melhores resultados na cultura da mandioca, com possibilidades de abertura de novas linhas de crédito e financiamento específicos, podendo inclusive ocorrer um incremento na demanda do produto, que poderá determinar maiores preços pagos aos produtores e possibilitará a adoção de técnicas mais modernas de cultivo. Também é de salientar a criação do Centro Nacional de Pesquisa da Mandioca da EMBRAPA, que provavelmente trará resultados positivos para a cultura da mandioca.

A produção da mandioca no Brasil, na quase totalidade, é destinada ao abastecimento interno, visando o consumo humano, sob a forma de "in natura", consumo industrial para fabricação de raspa e de farinha de mesa, e finalmente, consumo animal. Estima-se que 60% da produção destina-se ao consumo humano e industrial e os restantes 40% para alimentação animal. Para a safra 1978/79, as perspectivas indicam uma produção de 28.611 mil toneladas, com uma área colhida de 2.410 mil ha, com um rendimento médio nacional e de 11,9 toneladas/ha.

Em Santa Catarina, a produção de mandioca, a partir da safra 1971/72, mostrou uma tendência decrescente, embora a área plantada continuasse aumentando até a safra 1973/74. A partir de então, vem se verificando um declínio que perdurou até a safra 1977/78. Já para a safra 1978/79, está sendo esperada uma reação positiva, estimando-se um aumento na área plantada e um acréscimo de 26,79% na quantidade produzida, que de 1.208.159 toneladas (safra 77/78) passa para 1.531.816 toneladas, na presente safra (GCEA/SC- fevereiro/79).

Tem-se como áreas de concentração da produção da mandioca as regiões do Vale do Itajaí, onde predominam as fecularias; o Litoral, mais especificamente no Sul do Estado, onde o produto é transformado em farinha industrial e comestível e, finalmente, a região da Grande Florianópolis, onde é consumida "in natura" nas propriedades, tanto na alimentação humana, como na animal, bem como, é utilizada na transformação em farinha.

3- Arroz

Segundo estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de arroz, safra 1977/78 é de 362,2 milhões de ton, representando um acréscimo de 3,8% comparado com a safra 1976/77, destacando-se os países maiores produtores:

- China 126,3 milhões de toneladas, contra 125,5 milhões na safra 1976/77;

- Índia, 74,3 milhões de toneladas, 10 milhões a mais que na safra anterior;
- Bangladesh, 18,8 milhões de toneladas, superior em 1 milhão de toneladas, comparado com a safra anterior;
- Japão, 16,3 milhões de toneladas, com 1,5 milhões de toneladas superior a safra 1976/77, podendo resultar num estoque de cerca de 4,5 milhões de ton. Cabe salientar que países como a Tailândia, Indonésia, Filipinas, Vietnã, Camboja e Laos, tendo em vista a seca prolongada, tiveram suas produções reduzidas. Quanto ao mercado internacional de arroz, poderá haver uma retração na demanda, podendo o produto transacionado situar-se em torno de 9,3 milhões de toneladas (1978), contra 10,0 milhões (1977).

A nível nacional, as perspectivas para a safra 1978/79, indicam uma produção provável de 9,6 milhões de toneladas, com um acréscimo de 24% em relação a safra anterior (7,5 milhões), cujo volume dependerá, fundamentalmente, das condições climáticas junto as regiões produtoras do arroz sequeiro, dependendo inclusive, de custos estimados tais como preços mínimos e preços recebidos pelos produtores na safra anterior, pois esse desempenha papel importante de incentivo junto ao agricultor.

Cabe menção também, conforme citação da revista "Agroanalysis" (FGV), que "os danos causados pela seca à safra 1977/78, induzirão os produtores à substituição do plantio em regiões na quais as condições edafo-climáticas e tecnológicas o permitam".

O consumo nacional do produto está estimado em 8.600 mil ton, atendida portanto, pela produção prevista, dando condições ao Governo, em formar um estoque regulador.

A orizicultura catarinense é caracterizada, também, pela exploração do arroz irrigado (região Sul, Vale do Itajaí e Litoral Norte) e de sequeiro (região Colonial do Rio do Peixe, Colonial D'Oeste Catarinense e Planalto de Canoinhas), onde o produto na safra 1977/78, se ressentiu do problema da baixa precipitação, principalmente o de sequeiro, caindo consideravelmente o rendimento médio (irrigado + sequeiro) de 2.247 kg/ha na safra

1976/77, para 2.093 kg/ha, na safra seguinte. Para a safra 1978/79, a área cultivada com o arroz é de 148.999 ha, equiparando-se com a área plantada na safra 1976/77.

As perspectivas de mercado, já no final de 1978, mostravam-se amplamente favoráveis para o produto. A procura deverá aumentar, ainda mais, em decorrência das estiagens que castigaram determinadas regiões produtoras, diminuindo consequentemente a oferta.

A previsão feita em dezembro/78, para Santa Catarina, era de 373.225 toneladas de arroz, porém, em virtude da seca, houve uma quebra de 32,77% (situação em fevereiro/79), estimando-se portanto 250.905 t de produção.

4- Feijão

Segundo estimativa da FAO, a produção mundial de feijão, safra 1977/78 deverá atingir 13.430 mil toneladas, verificando-se um acréscimo em relação a safra anterior de 7%, resultante de uma área plantada de 25.136 mil ha, contra 23.833 mil (safra 1976/77).

Os principais produtores são Índia, China, Brasil, México, contribuindo com cerca 64% da produção total.

Quanto a transação do produto junto ao mercado mundial é pouco expressivo, tendo em vista, que países produtores possuem um consumo interno bastante expressivo.

A nível nacional, apesar das adversidades climáticas constatadas durante a safra 1977/78, principalmente na região Sul, a Comissão de Financiamento da Produção- CFP, estima uma produção de cerca de 2.400 mil toneladas.

Para a safra de 1978/79, conforme menção do documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira para 1978/79" da SUPLAN, prevê-se uma produção em torno de 2.613 mil, para uma área plantada correspondente a 4.865 mil hectares, na qual a região Sul participará com 35% da produção, seguida pela região Nordeste, 33,5% e região Sudeste com 22%.

Diz o documento, que além das condições climáticas que efetivamente influenciam na lavoura feijoeira, esta produção está ainda condicionada a determinados estímulos, como preços mínimos e preços recebidos pelos produtos na safra anterior.

Em dezembro/78, as previsões para Santa Catarina acusavam para a safra 1978/79, uma área cultivada com feijão das águas de 172.068 ha e uma produção de 164.763 toneladas, enquanto que para o feijão das secas era esperada uma produção de 52.030 toneladas, numa área de 54.337 ha, totalizando as duas safras 226.405 ha com uma produção prevista de 216.793 toneladas.

Porém, com a incidência das secas, a cultura do feijão (águas+secas) sofreu uma quebra de produção de 12,93% (situação em fevereiro/79), em relação a previsão de dezembro, esperando-se uma produção de 188.763 toneladas para a safra 1978/79.

5- Trigo

Segundo estimativa feita pela FAO e Conselho Internacional do Trigo, indicam uma produção mundial de trigo para a safra 1977/78 da ordem de 450 milhões de toneladas, contra 430 milhões de toneladas verificada na safra anterior.

O Prognóstico⁽¹⁾ indica um crescimento da produção tritícola em todas as regiões produtoras, exceto os Estados Unidos. Neste país o trigo de inverno que representa 70% do total, apresentou uma redução de 14% na semeadura, enquanto o trigo de primavera tem uma previsão de redução de semeadura da ordem de 5%, mantida as condições climáticas favoráveis, o trigo norte-americano deverá atingir 48 milhões de toneladas, inferior em 12% às 55,1 milhões de toneladas obtidas na safra 1976/77. Produção da área ocasionada pela existência de grandes estoques americanos e as baixas cotações no mercado internacional em 1977.

Segundo a FAO, na Rússia está prevista uma produção entre 93 e 105 milhões de toneladas, na Comunidade Europeia - CEE o clima está favorecendo o desenvolvimento da cul

(1) Conforme indicação do documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira para 1978/79 - SIPRIAN"

tura de primavera, com previsão de expansão de área, cerca de 9% em relação a safra anterior, enquanto a Argentina e Austrália também deverá ocorrer aumento de produção.

Quanto ao volume de produto transacionado junto ao mercado internacional em 1978, é de aproximadamente 69,3 milhões de toneladas, 10,6 milhões de toneladas inferior ao total vendido no ano anterior.

A nível nacional, conforme citação do documento "Prognóstico 1978/79", do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, "... a triticultura nacional vem experimentando sucessivas frustrações a partir de 1975, em decorrência de adversidades climáticas.

A geada em 1975, temperaturas elevadas em 1976 e a estiagem em 1977, foram os principais causadores do insucesso da cultura nesses anos, ocasionando por outro lado, pela falta de política objetiva, um clima de incerteza entre os agricultores.

A fixação de preços de aquisição não tem sido feita com antecedência suficiente a permitir tempo hábil para a tomada de decisões...".

As perspectivas para a safra 1978/79, indicam uma produção de 3.548 mil toneladas, para uma área plantada de 3.398 mil hectares superior portanto, em 36,4% aos 2.491.200 ha da safra 1977/78 e inferior em 4.21% aos 3.547 mil ha plantados na safra 1975/76, na qual os maiores estados produtores são Paraná com uma previsão de área plantada de 1.650 mil ha e Rio Grande do Sul, com 1.500 mil ha plantados.

Mesmo considerando os prováveis estoques e uma produção de 2.534 mil toneladas na safra 1977/78, descontando quebra e sementes, o consumo interno previsto de 6.115 mil toneladas em 1979, terá de ser atendido com importações aproximadamente iguais às 4.200 mil previstas para 1978.

A nível estadual a cultura do trigo é feita em pequenas propriedades como lavouras de subsistência e em algumas propriedades maiores (Planalto de Canoinhas e Colonial do Oeste

Catarinense, na região limítrofe com o Paraná e na região dos Campos de Curitiba), em sucessão com a soja.

Ultimamente esta cultura vem apresentando baixo rendimento por área, provocando constantes frustrações de safra, ocasionado por fatores climáticos adversos durante o ciclo vegetativo. A perspectiva de produção para a safra 1978/79 é de 4.000 toneladas para uma área plantada de 4.700 hectares.

6- Batata Inglesa

A produção mundial de batata inglesa, segundo o documento "Prognóstico 1978/79", do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, nos últimos anos encontra-se praticamente estabilizada em torno de 290 milhões de toneladas, participando o Brasil com 1,8 milhões de toneladas. Quanto ao comércio internacional, está em expansão, com cifras totais de 4,4 milhões de toneladas resultando num montante de aproximadamente 1,3 milhões de dólares.

A nível nacional, a batata inglesa é atualmente o 11º produto agrícola em importância relativa no Valor Bruto da Produção Agrícola.

Para a safra 1978/79 estima-se uma produção de 1.904 mil toneladas para uma área plantada de 199 mil ha, cujo rendimento médio poderá alcançar 9,7 ton/ha, produtividade essa baixa, comparada com outros países produtores, tendo como principal causa, a qualidade do material de plantio empregado (batata-semente certificada).

Quanto aos preços pagos ao produtor, diz o documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira para 1978/79", da SUPLAN, haver uma grande variação sazonal, constatando maiores índices na safra "das águas" colhida no mês de outubro, enquanto os menores índices são observados na safra "das secas", oxilação estas provocadas por dificuldades de comercialização e pela deficiente rede de armazenagem, na qual o Brasil é carente.

No que tange ao consumo "per capita" de batata inglesa é de aproximadamente 12,5 kg/hab, considerado baixo, comparado com países como a Alemanha, Bélgica e Polônia, que apresentam um consumo "per capita" de 200 kg/hab.

A nível estadual a batata inglesa também apresenta duas safras: a primeira, a "das águas", é explorada no Alto Vale do Itajaí, Sul do Estado, Campos de Lages e Planalto de Canoinhas. A segunda, a "das secas", nas regiões do Oeste, Sul e Planalto de Canoinhas, predominantemente.

No que tange a comercialização do produto, não existe no Estado um sistema de estocagem da produção de maneira satisfatória, havendo apenas uma estocagem precária a nível de produtor.

Cabe ressaltar também, o aspecto referente ao sistema de limpeza e classificação do produto, onde no Estado, não existe um organismo especializado neste tipo de trabalho.

A produção total (águas + secas) esperada é de 142.500 k, para a safra 1978/79, numa área plantada de 19.000 hectares.

7- Fumo em Folha

Segundo informações extraídas do documento "Análise das Oportunidades de Exportação de Fumo do Brasil", do Ministério da Agricultura - 1977 (versão preliminar), a produção mundial do fumo em 1974 foi de 5,2 milhões de toneladas, resultando num acréscimo em relação ao ano anterior de 5,3%, na qual 39,5% foram produzidos por países em desenvolvimento, 31,5% países desenvolvidos e 29,0% por países de economia centralizada.

No período 1970-74, o rendimento médio da cultura fumageira no mundo foi de 1.160 kg/ha, sendo que os Estados Unidos e o Japão apresentaram uma produtividade de cerca de 2.500 kg/ha.

Segundo estudos da FAO⁽¹⁾, a produção mundial aumentará nos próximos anos a uma taxa de 3,5% ao ano, com maior destaque, o fumo do tipo claro (com uso para cigarros), enquanto que o fumo do tipo escuro (com uso para charutos, etc), conservarão sua participação percentual atual na produção mundial.

O fumo é um produto dos mais importantes no contexto do comércio mundial, onde aproximadamente um quarto da produção mundial tem sido comercializada no mercado internacional, notando-se inclusive, uma tendência crescente desse comércio, tanto em volume como em valor, destacando-se, as variedades do fumo com destino à fabricação principalmente de cigarros, embora o fumo com utilização para charutos, rapé de mascar, esteja sofrendo pequena restrição no mercado.

Deve-se ressaltar, que o fumo é um dos poucos produtos primários que mantêm preços ascendentes no mercado internacional.

A nível nacional, o fumo em folha apresentou uma produção de 300 a 287 mil toneladas em 1974 e 1975, respectivamente, gerando empregos para milhões de pessoas, tanto no campo como nas indústrias, além de importante fonte geradora de renda do setor agrícola e de divisas para o país. O Brasil coloca-se entre o 5º maior produtor de fumo, destinando-se cêrca de 30% de sua produção ao comércio internacional (1975).

A produção brasileira de fumo em folha está concentrada nos Estados da Bahia e Alagoas (Região Nordeste), Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (região Sul) e em Minas Gerais.

A participação brasileira no mercado internacional de fumo em folha não manufaturado é de aproximadamente 5% .

A nível estadual a cultura é explorada através da integração, produtor/indústria, onde é prestada assistência técnica integral durante o cultivo do produto.

(1) FAO- Comitê de Problemas de Produtos Básicos - CCP 74/3 - dezembro/1973

Cultura típica de pequena propriedade, requerendo o uso abundante de mão-de-obra em todas as fases de seu cultivo e no período de pós-colheita.

Nas safras 1969/70 a 1972/73, a lavoura do fumo apresentou uma área mais ou menos constante, sendo que nas safras 1973/74 e 1974/75, houve um considerável aumento de área plantada.

Já nas safras 1975/76, 1976/77, 1977/78, verificou-se um acréscimo significativo na área colhida, que passou de 49.000 ha (1974/75) para 90.527 (1977/78) com um incremento de 85% em relação a safra anterior.

Cabe salientar que a estiagem, não causou maiores problemas à cultura na safra 1977/78, quando foram colhidas 130.299 toneladas, com um rendimento médio de 1.439 kg/ha.

Para a safra 1978/79, está previsto um aumento de área da ordem de 19,6%, passando de 90.527 ha, safra 1977/78, para 112.569 ha e de 25,3% na produção, atingindo uma produção de 174.357 toneladas, contra 130.299 toneladas da safra anterior.

8- Cana de Açúcar

Conforme o documento "Prognóstico 1978/79", do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo-1978, a produção mundial de açúcar, nos últimos anos vem crescendo acentuadamente, entretanto, as cotações deste produto, vem apresentando um declínio acentuado a partir de 1975, onde o consumo aparente, apesar de estar em ascensão, não acompanhou a evolução da produção. Os estoques mundiais previstos para temporada 1977/78 poderão situar-se em torno de 30 milhões de toneladas. Quanto aos níveis de preços alcançados junto ao mercado internacional, deixa muito a desejar.

A nível nacional, a produção da cana de açúcar é destinada às usinas de açúcar e destilarias de álcool anexas ou autônomas. Entretanto, uma parte da produção é utilizada para o fabrico de outros produtos, como rapaduras e aguarden -

tes, bem como para alimentação animal.

Para a safra 1978/79, segundo metas estabelecidas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA, são de produzir 7,2 milhões de toneladas de açúcar (120 milhões de sacas de 60 kg), das quais 1,7 milhões de toneladas são de açúcar demerara para exportação e 2,1 milhões de toneladas de açúcar, para transformação de álcool direto.

Tal redução de safra, comparada com a safra anterior, é consequência direta dos baixos preços em vigor no mercado mundial.

As exportações brasileiras para 1979, deverão alcançar os mesmos volumes de 1978.

No Estado, a lavoura canavieira é desenvolvida no Litoral Centro-Norte Catarinense e consiste numa atividade ligada à indústria açucareira do Estado. Cerca de 4 mil famílias têm na cultura da cana sua principal fonte de renda.

A ocorrência de cheias periódicas nos rios que banham a região canavieira do Estado e as dificuldades de obtenção de mão-de-obra por ocasião da época de corte do produto, tem causado alguns problemas no que tange a produção.

Cabe salientar que as lavouras próprias de usinas de maior extensão, já estão utilizando a colheita mecânica.

A área plantada com cana de açúcar na safra 1978/79 é de 22.000 ha, para uma produção esperada de 1.078.000 toneladas, segundo informações do GCEA/SC (fevereiro/79).

9- Soja

A nível mundial, segundo estimativa feita pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), a produção da soja poderá atingir cerca de 80,4 milhões de toneladas, 8% acima dos 74,1 milhões de toneladas verificadas na safra anterior.

Para a safra brasileira a previsão oxila entre 13 e 14 milhões de toneladas, baseada na estimativa de um

aumento de área de 4% ano plantio, que teria crescido de 7,5 milhões de hectares em 1977/78, para 7,8 milhões em 1978/79.

A safra norte-americana está estimada em 49,3 milhões de toneladas, contra 47,9 milhões da safra 1977/78, para uma área plantada de 25,6 milhões de toneladas.

Na Argentina, a safra deverá situar-se entre 2,9 milhões e 3,5 milhões de toneladas. Por outro lado, a produção mundial de todos os tipos de farelo está projetada em 84 milhões de toneladas (equivalente farelo de soja), com uma expansão de 7% sobre o nível anterior. O farelo de soja deverá representar 65% da produção mundial de farelo, comparados com os estimados 63% da safra 1977/78.

A produção mundial de farelo de soja está estimada em 55 milhões de toneladas, com um aumento de 4,5 milhões sobre o nível de 1977/78.

As perspectivas da soja para a safra 1978/79 a nível nacional são otimistas, tanto em expansão de área, quanto aos níveis de produção e de mercado.

Por outro lado, a capacidade de esmagamento das indústrias tem evoluído de forma mais acentuada que a produção de grãos. Entretanto, o consumo nacional de óleo e farelo tem aumentado com taxas mais modestas, possibilitando ao abastecimento do mercado interno um volume mínimo de cerca de 6.111 mil toneladas.

No que tange especificamente a produção de soja, (safra 1978/79) foram estimadas 14.439 mil toneladas, contra 10.010 mil toneladas, safra 1977/78⁽¹⁾.

A maior concentração da produção está na região Sul, com participação em 85% do total produzido no Brasil, configurado pelos estados do Rio Grande do Sul, 52%; Paraná 43%, e Santa Catarina com 5%.

O produto tem como entrave o sistema de comercialização, onde os custos são elevados e como consequência, diminui a competitividade no mercado internacional.

(1) Conforme estimativas da Fundação IBGE.

No Estado, a soja é cultivada por aproximadamente 62.200 agricultores, em pequenas e médias propriedades, com área de concentração da produção nas regiões do Vale do Rio do Peixe e Oeste Catarinense.

Observa-se em Santa Catarina, quanto a capacidade de processamento desta oleaginosa, a existência de uma ociosidade na parte das indústrias produtoras de óleo de soja e rações, não sendo o Estado autossuficiente na produção de soja, obrigando as indústrias a importar a matéria-prima principalmente dos estados vizinhos, Rio Grande do Sul e Paraná.

Por outro lado, o mercado para os derivados da soja é favorável, no que se refere ao farelo e ao óleo, especialmente no mercado externo.

Estimativas realizadas pelo GCEA/SC, em dezembro de 1978, previam para a safra 1978/79, o plantio de 510.525 hectares, contra 408.785 hectares da safra anterior, representando um aumento de área de 24,9%.

Na produção as perspectivas indicavam um acréscimo de cerca de 88%, ou seja, de 354.681 toneladas da safra 1977/78, para 666.140 toneladas.

Entretanto, em virtude da ocorrência da estiagem, estima-se uma quebra na produção de soja de 30%, com uma produção prevista de 466.298 toneladas (situação em fevereiro/79).

10- Tomate

A nível nacional, as perspectivas para a safra 1978/79, indicam uma produção de cerca de 1.503 mil toneladas em uma área aproximada de 53,6 mil hectares.

Quanto ao centro produtor e mercado consumidor está concentrado mais na região Sudeste, mais especificamente São Paulo, onde o consumo ocorre tanto em forma de industrialização como "in natura".

O consumo "per capita" para 1979, deverá si -

tuar-se em torno de 12,55 kg⁽¹⁾, contra 12,0 kg habitante/ano em 1978.

A nível estadual, 70% da produção de tomate é proveniente das microrregiões de Florianópolis, Colonial Serrana Catarinense, Carbonífera e Campos de Lages, destacando-se o município de Urubici.

A área cultivada tem expandido com certa regularidade, porém, tem sido limitada em função de entraves na comercialização.

Para a safra 1978/79, as perspectivas indicam um pequeno decréscimo de área plantada, reduzindo-se de 997 ha na safra 1977/78 para 982 ha, o mesmo ocorrendo com a produção, denotando-se uma queda de 2,7% com um volume produzido na safra anterior 28.029 toneladas, podendo atingir na safra atual 27.300 toneladas.

11- Cebola

Segundo o documento "Prognóstico 78/79", do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, a produção mundial de cebola no último triênio atingiu a média anual de 16,1 milhões de toneladas.

Por outro lado, o comércio internacional, absorveu cerca de 1,2 milhões de toneladas.

O Brasil deverá importar em 1978, segundo informações da CACEX, a cifra aproximada de 18,6 toneladas, procedentes principalmente da Argentina, Chile e Espanha.

A produção brasileira para 1978, segundo estimativas de fontes oficiais, estará em torno de 462,1 mil toneladas para uma área colhida de 59,2 mil hectares, contra 487,5 mil toneladas e 61 mil hectares, respectivamente, da safra 1976/77.

As perspectivas para a safra 1978/79, segundo

(1) Conforme documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira 1978/79"-
SUPLAN.

o documento "Perspectivas da Agricultura Brasileira 1978/79", da SUPLAN, considerando como principal diretriz o pleno abastecimento interno, estima-se uma produção de 512,2 mil toneladas para um total de 70,8 mil hectares plantados, podendo atingir um rendimento médio de 7.232 kg/ha.

A nível de Santa Catarina, a exploração da cebola tem sua maior concentração nas microrregiões Colonial do Alto Itajaí e Colonial Serrana Catariense, com participação na produção total estadual, respectivamente de 53,8% e 22,7%.

Santa Catarina situa-se entre os quatro estados de maior produção no Brasil.

Sendo um produto altamente perecível, o produtor comercializa sua produção logo após a colheita, visando diminuir as perdas decorrentes de podridão e brotação.

Conseqüentemente, uma maior oferta, do produto no mercado, vai refletir negativamente nos níveis de preços. No entanto, quando o produto desaparece do mercado, ocorre uma maior procura, os preços tendem a aumentar, havendo muitas vezes necessidade de importar o produto de outros estados. Tudo isso é reflexo da inexistência de um eficiente sistema de armazenagem do produto, obrigando o produtor a manter a cebola armazenada junto a sua propriedade, sem as condições mínimas.

Para a safra 1978/79, em função do comportamento de preços favoráveis na última safra, o plantio cresceu em 91,17%, passando de 5.724 ha, safra 1977/78, para 10.971 ha, enquanto que a produção deverá aumentar em cerca de 127,0%, de 47.129 toneladas na safra 1977/78, para 106.950 toneladas (GCEA/SC- fev/79).

Quanto a comercialização do produto, além de abastecer o mercado estadual, supre principalmente o mercado do Rio de Janeiro.

12- Alho

A perspectiva de produção nacional de alho para a safra 1978/79 é de 49,2 mil toneladas, com um aumento de produção de aproximadamente 17%, em relação a safra 1977/78.

Por outro lado, as importações do produto deverão decrescer em 1979, em cerca de 68%, passando de 29,1 mil toneladas em 1978, para 17,3 mil.

A nível estadual, face às condições edafo-climáticas serem favoráveis, tem-se um grande potencial a ser explorado, onde as áreas de produção encontram-se bastante pulverizadas, destacando-se as microrregiões de Campos de Curitiba - nos, na qual se desenvolve um projeto de alho, da variedade denominada CHONAN, de alta produtividade, Campos de Lages e Planalto de Canoinhas.

As perspectivas para a safra 1978/79, baseadas em levantamentos efetuados em fevereiro/79, eram de 526 hectares plantados para uma produção esperada de 2.117 toneladas.

13- Fruticultura de Clima Temperado

No Brasil, características específicas necessárias ao cultivo da fruticultura de clima temperado são encontradas em áreas de concentração restritas às regiões Sul e Sudeste, basicamente. Muito se tem feito no sentido de dotar o setor de um crescimento acelerado, introduzindo modificações no processo produtivo e comercial, visando atender a demanda interna.

A agilização da produção nacional trará reais vantagens em relação à redução da saída de divisas, substituindo gradativamente parte ponderável das exportações.

A comercialização de frutas "in natura", vem apresentando taxas de crescimento positivas nos últimos anos, graças à criação de instrumentos de apoio à comercialização, principalmente a constituição de redes integradas de mercados atacadistas nos principais centros consumidores, tais como, Centrais de Abastecimento, Companhias de Entrepósitos, e outros.

A sazonalidade é marcante e são inúmeras as dificuldades encontradas no que tange a manutenção da qualidade das frutas para consumo humano após a estocagem.

Em função da reduzida capacidade de estocagem, a maçã nacional é comercializada, obrigatoriamente, num curto período de tempo (de fevereiro a maio).

Cabe salientar que durante este período de comercialização a maçã importada da Argentina concorre com a nacional e o produtor brasileiro, que produz a um custo bem mais elevado do que o produtor da Argentina, é mal remunerado pela sua produção.

Com relação ao consumo nacional, a produção interna atende apenas à 10% do total consumido.

A nível estadual, a fruticultura de clima temperado é explorada nas regiões do Planalto de Lages e Vale do Rio do Peixe, através do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado-PROFIT, onde são cultivadas, maçãs, pêssegos, nectarinas, uvas viníferas e ameixas.

Segundo informações do PROFIT (Programa de Fruticultura de Clima Temperado) em 1978, 412 produtores efetuaram o plantio de 1.365,3 hectares de fruteiras de clima temperado, sendo que deste total de produtores, 205 iniciaram sua atividade na fruticultura naquele ano.

O número de mudas plantadas superou a 1,5 milhões, destacando-se a macieira, que já atingiu 5,4 milhões de plantas no Estado.

As nectarinas e as ameixas que estão apresentando grandes problemas de conservação pós-colheita, além das dificuldades de comercialização, pois o mercado para estas frutas é muito restrito, tem levado os produtores a erradicar, total ou parcialmente, os pomares com estas frutíferas.

Os municípios de Fraiburgo, Lages, Videria, Caçador e São Joaquim, foram por ordem, os municípios que mais expandiram suas áreas com frutíferas, em 1978.

Os volumes de produção das diversas espécies sofreram sérias reduções, na safra 1977/78, em decorrência da deficiência de horas de frio do inverno de 1977, somando ao longo período de seca da primavera/verão, e a ocorrência de intensos granizos na fase de frutificação, especialmente da maçã, ocasionando consideráveis perdas à fruticultura e limitando o rendimento do produtor catarinense.

As perspectivas para safra 1978/79, segundo a mesma fonte, são de aumento da área em relação a safra anterior para as culturas de maçã e uva vinífera, de 18,35% e 16,05%, respectivamente, enquanto que, pêssigo, nectarina e ameixa conservarão as mesmas áreas da safra anterior.

Na produção, comparada com a safra 1977/78, deverá ocorrer incremento em todas as espécies existentes no Estado, quais sejam: maçã, 100%; pêssigo, 96%; nectarina, 37,74%; ameixa, 115,63%; e uva vinífera, 60,57%.

14- Bovinocultura de Corte

Segundo a FAO, a produção mundial de carne bovina em 1977, foi de 46,6 milhões de toneladas. Os Estados Unidos, principal país produtor apresentou um rebanho de 122.897 mil cabeças, com um decréscimo de 4% em relação a 1976, com um abate de 46.560 mil cabeças, para uma produção de 11.692 mil toneladas.

"O rebanho bovino na Comunidade Comum Europeia -CEE, que vinha decrescendo desde 1975, praticamente se estabilizou em 1977, quando se estimou o número de cabeças em 76,8 milhões, tendo entretanto os abates e a produção de carne sofrido decréscimo de 3,5% e 3,8%, respectivamente. Com a melhoria na produção de alimentos para o gado em 1978, estima-se um incremento no rebanho de 1,3% em relação a 1977.

Na Austrália, a tendência de redução do rebanho parece ter-se acentuado em 1977, devido a um aumento de 5,8% nos abates, o que resultou num incremento de 6,8% na oferta de carne em relação ao período anterior.

Na Argentina, os abates apresentaram taxas de 2,2% em 1977, enquanto a produção de carne cresceu 4%.

Quanto ao mercado internacional de carne bovina, as exportações totais da Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Uruguai atingiram em 1976, 1.610 mil toneladas, aumentando para 1.706 mil toneladas em 1977. O principal fator determinante desse aumento foi o crescimento das importações dos países exportadores de petróleo (Irã, Egito, Arábia Saudita, Kweit, Iraque e Líbia), juntamente com a Europa Oriental e União Soviética.

Por outro lado houve redução de 1.141 mil toneladas, em 1976, para 1.121 mil toneladas em 1977, quando se consideram as importações globais realizadas pelos Estados Unidos, CEE, Canadá e Japão, tradicionais países importadores.

Quanto aos preços no mercado internacional, os mesmos não tiveram um comportamento uniforme, tendo os países do Oriente Próximo e de economia centralizada adquirindo o produto por preços superiores ao pagos pelos países tradicionalmente importadores, principalmente Estados Unidos. Por outro lado, considerando que a maior concentração do valor das exportações ocorreu em 1977, parece confirmar as expectativas de que se caminha para a recuperação dos preços mundiais do produto⁽¹⁾.

A nível nacional "... a produção de carne bovina tem uma natureza cíclica e cada ciclo se completa em aproximadamente sete anos, possibilitando que o comportamento futuro do mercado desfrute de maior grau de confiabilidade. O ano de 1977 marcou o fim do ciclo pecuário iniciado em 1969. Assis-tiu-se naquele ano (1977) a inversão da tendência dos preços até então em baixa. O rebanho passava por uma fase de liquidação caracterizado pelo abate de matrizes acima da taxa normal de reposição de fêmeas⁽²⁾.

Entretanto em 1978, a situação não é a mesma, onde ocorre uma redução nos abates, ocasionando pela expectativa de preços em alta.

A nível estadual, o rebanho bovino está distribuído por todo o Estado, com maior concentração nas regiões do Planalto e Norte.

O plantel de animais puros existentes em Santa Catarina é bastante reduzido, predominando a raça holandesa preto e branco, seguido pela raça charolesa.

Segundo a Secretaria da Agricultura, através da Coordenação de Defesa Sanitária Animal- CODESA, em 1978 o rebanho bovino foi de 2.191.457 cabeças, na qual foram abatidos 248.000 bovinos, resultando numa produção de carne da ordem de 54.480 toneladas.

(1) "Prognóstico 1978/79", elaborado pelo Instituto de Economia Agrícola de São Paulo - 1978.

(2) AGROANALYSIS, Diagnóstico Precursor 1978/79, vol.2 -nºs 13-14, de 24 de julho de 1978 - FGV.

Cabe salientar que a produção de carne ofertada pelo Estado não atende a demanda existente, tornando necessário a importação de outros estados, principalmente do Paraná e Rio Grande do Sul.

15- Bovinocultura de Leite

A nível mundial, para 1978, espera-se uma produção de leite aproximada de 404 milhões de toneladas, contra 398,7 milhões de toneladas verificada no ano anterior, com destaque os países da Comunidade Comum Européia-CCE e Rússia, com produções crescentes, enquanto a Austrália e Nova Zelândia poderão apresentar índices de crescimento decrescente.

Quanto a produção de leite em pó desnatado e manteiga, apresentarão taxas de crescimento positivas com participação de 2% e 4%, respectivamente.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos- USDA, o consumo de leite nas regiões produtoras deverá permanecer constante.

A nível nacional, a produção leiteira na última década apresentou índice de crescimento de 56,2%, passando de 6.703,4 milhões de litros em 1967 para 10.469,1 milhões de litros em 1977.

Do total produzido em 1977, estima-se que 5.285,3 milhões de litros foram distribuídos à população consumidora sob várias formas e sem controle da inspeção federal.

Em 1977, foram importados cerca de 550,4 milhões de litros de leite, representando um aumento de 23%, comparado com 1967, para um montante de 38,9 milhões de dólares (624,5 milhões de cruzeiros).

A disponibilidade de leite foi de 95,4 litros "per capita"/ano, considerado muito baixo, se comparado com outros países consumidores.

Para 1978, mesmo que se repita a tendência de crescimento da produção de leite, verificada nos últimos anos, esta ainda não conseguirá atender amplamente a demanda do mercado a curto prazo, seja sob a forma de produto "in natura" ou industrializado⁽¹⁾, havendo portanto novas importações, porém em um menor volume do que o constatado em 1977.

Por outro lado, em 1978, ocorreu, em determinadas regiões do País, excesso de produção. Todavia, devido aos baixos preços alcançados pelo produtor no mercado e em virtude da falta de uma política mais agressiva junto às indústrias produtoras, o produto deixou de ser aproveitado integralmente, dificultando mais uma vez o auto-abastecimento de leite no Brasil.

A nível estadual, a produção leiteira está concentrada nas áreas do Litoral Norte, Alto e Baixo Vale do Itajaí, Grande Florianópolis, Tubarão e Lages.

O índice de produtividade da bovinocultura de leite no Estado é considerado baixo (1.095 litros/vaca), ocasionado principalmente pelo manejo inadequado, alimentação deficiente, precário estado sanitário em determinadas propriedades, com ocorrência de endo e ectoparasitas; de doenças carenciais e da esfera reprodutiva, provocando baixos índices de fertilidade e natalidade.

Existem no Estado, 29 indústrias de laticínios, sendo que somente três destas empresas, encarregam-se da industrialização de cerca de 56% do total de leite absorvido pelas mesmas.

Quanto ao leite "in natura" ou é comercializado diretamente entre produtor-consumidor ou destinam-se às indústrias de laticínios.

A produção de leite no Estado em 1978 foi de 385.558 mil litros, contra 415.660 mil litros verificados no ano anterior, apresentando taxas de crescimento negativo de -7,81 %, ocasionado pelo problema de estiagem e geada que, em

(1) Segundo citações do documento "Prognóstico 1978/79", do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo - 1978.

consequência, fez com que o gado sofresse uma carência alimentar, com reflexos na produtividade do rebanho (litros de leite por vaca) e, inclusive culminou com o envio de matrizes para o abate.

Os preços pagos aos produtores tem-se apresentado desestimulantes, verificando-se aumentos médios ao redor de 30% nos últimos anos (Cr\$ 1,42 (1975); Cr\$ 1,80 (1976); Cr\$ 2,75 (1977) e Cr\$ 3,30 (1978).

As perspectivas de produção para 1979 são de 406.636 mil litros, para um consumo animal (bezerro) de aproximadamente 130.124 mil litros (32%), enquanto os restantes 276.512 mil litros se destinam para o consumo humano na forma de "in natura" e industrializado.

16- Suinocultura

A nível mundial, os países detentores dos maiores rebanhos são a China, com mais de um terço do efetivo mundial, seguido pela URSS, Estados Unidos e Brasil. Esses quatro países em conjunto detinham em 1976, aproximadamente 59,17% do total do rebanho.

O rebanho mundial atingiu o ápice em 1974, com 661,2 milhões de cabeças, decaindo em 1975, para 659,5 milhões e em 1976 para 644,5 milhões.

A China atingiu em 1976, um rebanho de 238,3 milhões de cabeças. A União Soviética alcançou o maior rebanho em 1975, com 72,3 milhões e, os Estados Unidos, em 1974, com 61,1 milhões. Tanto os Estados Unidos como a União Soviética reduziram sensivelmente seus rebanhos em 1976, o que se atribui, nos Estados Unidos, a uma relação de preços porço/milho desfavorável para o suinocultor, com desestímulo para a atividade. Na União Soviética, a causa da queda do efetivo em 1976, foi o expressivo abate de 1975.

Quanto ao abate, em 1976 verificou-se um volume de 616,3 milhões de cabeças de suínos, 7,9 milhões a menos do que em 1975, e 11,6 milhões a menos do que em 1974, na qual a

China participou com 181 milhões de cabeças, ou seja, 29,45% do total mundial.

Os Estados Unidos, que se encontra em terceiro lugar no que se refere ao rebanho, ocupa normalmente o segundo em número de suínos sacrificados, apresentou em 1974, um abate de 83 milhões de cabeças, decaindo em 1975 para 69 milhões. Em 1976, este número ampliou-se para 75 milhões não atingindo ainda os níveis de 1973 e 1974. As oscilações ocorridas no abate e no rebanho norte-americano, decorrem da maior ou menor disponibilidade e preço do milho, influenciando nos custos de produção bem como, do preço da carne suína, fatores estes que influem no comportamento do mercado da carne bovina e de aves.

A União Soviética, defrontando-se em 1975 com baixa disponibilidade de cereais, optou pelo aumento do abate, cujo nível normal oscilava até então ao redor de 65 milhões de cabeças passando, neste ano, para 76 milhões. Já em 1976, como reflexo do ocorrido em 1975, foram abatidos apenas 56 milhões, ou seja, 20 milhões a menos do que em 1975.

A nível nacional, o rebanho suíno apresentou no período 1940/75, um crescimento global da ordem de 109%. As regiões Centro-Oeste, Norte e Sul, apresentaram, em termos relativos, os maiores aumentos. Em termos absolutos os acréscimos mais significativos ocorreram nas regiões Sul e Nordeste. A região Sudeste manteve-se, no período, praticamente estável.

Por outro lado, a região Sul detinha em 1975, 42,67% do efetivo suíno nacional. Esse percentual se eleva para 61,10% ao incluir o rebanho da região Sudeste. Entretanto, os estados da região Sul somados aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, foram responsáveis em 1977, por 98,22 % do abate de suínos sob inspeção federal.

Segundo estimativas da SUPLAN/MA, a produção brasileira de carnes em 1978 será de aproximadamente 4.170.590 toneladas, que representam 14,3 vezes a capacidade de armazenagem à frio, utilizada para carnes. Se fosse levada em consideração a sazonalidade da produção essa diferença aumentaria por

períodos de maior produção, com repercursões diretas no abastecimento dos centros consumidores.

A nível de Santa Catarina, o rebanho suíno concentra-se nas regiões do Oeste Catarinense e Vale do Rio do Peixe, sendo as raças dominantes a Duroc, a Landrace e a Large White. Os cruzamentos, utilizando as raças existentes, vem sendo empregados, objetivando a obtenção do "Three cross", com rendimento de carcaça acima da média obtida com animais puros.

Dos animais abatidos na indústria, 80% são classificados como pertencentes a estas tres raças ou oriundas dos cruzamentos entre elas.

Em 1978, foram abatidos no Estado, 2.818.587 suínos, dos quais 1.999.346 cabeças foram abatidas sob inspeção federal, enquanto que 819.241 cabeças, represeta o abate não inspecionado, compreendendo o autoconsumo, abate clandestino e comércio interestadual de animais vivos.

A perspectiva para 1979, é de um abate em torno de 2.800.000 suínos, podendo atingir uma produção de 187.600 toneladas de carcaças de suínos, contra 188.845 toneladas em 1978.

O preço médio recebido pelos produtores em 1978, no Estado, foi de Cr\$ 12,64 o quilo, enquanto a região do Oeste apresentou uma média de Cr\$ 12,49 o quilo.

Para 1979, considerando que o público consumidor praticamente esqueceu a "novela" desenvolvida pela imprensa em torno do aparecimento da Peste Suína Africana e, principalmente, a elevação a níveis reais, do valor da carne bovina, espera-se que a demanda de carne suína se eleve, desde que seus preços se conservem abaixo dos evidenciados pela carne bovina.

Quanto à produção, ela se manterá, provavel - mente, em nível de oferta inferior ao da demanda fazendo com que os preços se elevem.

Este panorama do quadro da oferta é justificado pela disponibilidade limitada de reprodutores, além do tempo

necessário para se refazer os plantéis diminuídos pela estiagem verificada em 1978, pela escassez de milho e pela presença da Peste Suína Africana.

Outro fator que poderá influir negativamente na maior oferta de suínos em 1979, é a diminuição da disponibilidade de milho da atual safra (devido à nova estiagem), fazendo com que o produtor restrinja a criação de suínos.

Acredita-se que apenas no final do ano, possa-se verificar um equilíbrio entre oferta e demanda.

17- Avicultura

A produção mundial de carne de aves, segundo dados da FAO, evoluiu a uma taxa média de cerca de 3,7% no período 1973/77, atingindo 24.281 mil toneladas em 1977, o que representa aproximadamente 19% da produção total de carnes.

Nos 38 principais países produtores e consumidores do mundo, segundo o Departamento da Agricultura dos Estados Unidos - USDA, a produção de carne de aves cresceu em 1977, cerca de 5%, atingindo 16,8 milhões de toneladas. Para 1978, as projeções efetuadas pela mesma fonte, indicam uma produção em torno de 17,6 milhões de toneladas, significando retração do aumento verificado com relação a 1976, de 8%. Em outras regiões, os aumentos na produção em 1977, foram inferiores aos de 1976, prevendo-se para 1978 nova retração no ritmo de crescimento em todas as regiões, exceto na América do Sul.

A produção de frangos, em 1977, representou 70% da produção total de carne de aves, a de aves silvestres 15%, a de perus 10% e de outras aves 5%. A previsão para 1978 é de que a produção de frangos e perus deverá crescer mais 5%, enquanto que outras aves crescerá ao redor de 3%.

No comércio mundial de carne de aves, a carne de frango e de peru continuaram com a maior participação, sendo

que os Estados Unidos e a Comunidade Comum Européia - CEE, foram os maiores exportadores, com 189 mil toneladas e 539 mil toneladas, respectivamente, das 932 mil toneladas de carne de aves exportadas pelas 38 nações em 1977.

O comportamento dos preços de produtos avícolas tem sido de instabilidade. Os preços do frango em alguns países da Europa oscilaram muito nos últimos anos, onde a tendência no mercado internacional é de estabilização aos níveis atuais, que são baixos, já que, durante o primeiro semestre de 1978, sofreram queda, e os exportadores tradicionais estão aumentando seus subsídios à exportação de carne de aves, a fim de poderem continuar no mercado. Os excedentes exportáveis estão elevados, e a maioria dos países importadores estão procurando aumentar a produção interna o que poderá enfraquecer o mercado internacional e conseqüentemente os preços.

No que tange ao consumo mundial, os Estados Unidos, segundo dados do USDA, apresentaram no período de 1960/77, um crescimento no consumo de aves de 2,8% ao ano, sendo que em 1977, o consumo foi de 60% superior ao de 1960, e 22% inferior ao de 1967.

A Comunidade Comum Européia praticamente duplicou o consumo "per capita" no período 1963/77, segundo o Institut Technique de L'Agriculture, Paris.

As carnes de aves conseguiram nos últimos anos participação destacada no consumo total de carnes, representando 15% em média, durante 1976, sendo que na Itália o consumo tem sido relativamente maior, 25%, enquanto a República Federal da Alemanha e os Países Baixos, encontram-se com os níveis de consumo ao redor de 10%, ficando a França, com um consumo de 14%.

A nível de Brasil, a avicultura nos últimos anos é a atividade que maior desenvolvimento alcançou dentro do setor agropecuário, seja na tecnologia aplicada, seja nas altas taxas de crescimento da produção, principalmente a avicultura de corte, pelo fato de o frango ser um substituto mais próximo da

carne bovina e pela tecnologia de produção de frango ser mais simples que a tecnologia de produção de ovos.

Considerando as estimativas existentes para o período 1970/77, a produção de carne de frangos tem crescido a uma taxa de 16,5% ao ano, abrangendo somente a avicultura comercial, que se encontra em estágio bastante avançado nas regiões Sudeste e Sul.

A carne de aves que antes do advento da avicultura industrial era um alimento escasso, passou a ser consumida em quantidades cada vez maiores, sob o incentivo de preços decrescentes, em relação a carne bovina. A partir de 1975 a produção se destinou também ao mercado externo, servindo as exportações como regulador do mercado.

As exportações animais, segundo a CACEX, atingiram em 1976 a 19.632 toneladas, passando em 1977 para 32.829 toneladas, prevendo-se para 1978, 40.000 toneladas.

O mercado de aves tem apresentado nos últimos anos grande instabilidade de preços com oscilações anuais bastante irregulares, destacando-se, além das irregularidades nos mercados de milho e soja, os preços de carne bovina, que determinam aumento ou diminuição na demanda dos produtos avícolas. Cabe salientar, como uma característica de mercado, a ocorrência de variações estacionais, na qual os preços durante os meses de março a julho são sensivelmente mais baixos que nos demais meses do ano.

A nível estadual, a produção de frangos e perús concentra-se nas regiões do Oeste e Vale do Rio do Peixe, detendo cerca de 94% do total de abate no Estado, estando a cargo das agroindústrias que operam através do "Sistema Integrado Produtor-Indústria", com pouca ou quase nenhuma participação do setor público, exceto nos financiamentos concedidos através do crédito rural, para construção de aviário a nível de produtor e através dos Programas de Desenvolvimento, financiando investimentos para agroindústrias e custeio para manutenção de fábricas de rações.

A produção nos últimos anos tem apresentado um incremento sensível, ocasionado pelas condições favoráveis de comercialização, tanto no mercado interno quanto externo.

No cenário da economia do Estado, a avicultura tem tido participação crescente, colocando Santa Catarina entre os principais estados produtores.

As perspectivas para 1979, são de 128.680 mil cabeças de aves abatidas, representando uma produção de 180.151 toneladas.

O consumo "per capita" de carne de aves tende a um aumento gradativo, ocasionado pelo aumento de preço da carne bovina.

No que tange ao mercado externo, tendo em vista a qualidade do produto catarinense, com boa aceitabilidade por parte do mercado consumidor, tenderá a aumentar, contribuindo dessa forma para o equilíbrio da Balança Comercial e para a criação de mais divisas para Santa Catarina.

18- Pescado

Com uma extensão de 531 km, a faixa litorânea catarinense se constitui numa fonte marítima de possibilidades comprovadas para o desenvolvimento da pesca, caracterizada pela diversificação das espécies que se prestam à comercialização, como a sardinha, anchova, camarão, tainha, pescadinha, corvina e outras.

A pesca em Santa Catarina, como ocorre nas demais regiões produtoras do Brasil, está fundamentada na exploração artesanal e industrial. A atividade da pesca artesanal tem-se caracterizado pela forma extrativista de exploração, sem a preocupação de preservação das espécies existentes, contribuindo para o decréscimo da captura.

A falta de recursos humanos especializados, com conhecimentos mais específicos sobre o produto capturado, acompanhada pela não conscientização sobre a necessidade de esco

larização mais específica e aprofundada no setor, através do treinamento desse pessoal nas diferentes funções, levou o Governo do Estado a criar o "Centro de Treinamento de Pesca Santa Adelaide", localizado em Armação de Itapocoroi, município de Penha, através da qual a Fundação Catarinense de Trabalho-FUCAT, com a cooperação da Marinha da Guerra, do Serviço Nacional de Formação Profissional Rural - SENAR, da Associação de Crédito e Assistência à Pesca de Santa Catarina- ACARPESC, Superintendência de Desenvolvimento da Pesca- SUDEPE e da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, desenvolverá um amplo programa de qualificação de mão-de-obra pesqueira.

Esse programa abrangerá gradativamente os 26 municípios pesqueiros, na qual encontram-se 140 comunidades pesqueiras, representando um contingente humano numericamente expressivo que, no entanto, apresentam os mais baixos níveis de renda.

A pesca industrial explora, principalmente, a sardinha, constatando um acentuado volume de produção e um pequeno valor relativo, ocasionado pelo baixo preço alcançado pelo produto. Os recursos humanos empregados na pesca industrial são suficientes em quantidade, porém, deve-se levar em consideração que a frota passa por um processo de renovação constante, tanto no que tange aos recursos humanos como aos recursos materiais empregados.

No primeiro caso, pela substituição normal de pescadores e no segundo, pela renovação da frota com barcos mais sofisticados e melhor aparelhados, o que requer sempre pessoal adequadamente qualificado.

O setor pesqueiro catarinense atingiu em 1978 uma produção de 97.204,4 toneladas, para um montante de Cr\$. . . . 605.252,5 mil.

Para o ano de 1979, pode-se prever uma produção de pescado da ordem de 100.000 toneladas.

A comercialização na pesca artesanal, é feita diretamente entre o pescador e o pombeiro (intermediário) sendo levada posteriormente para o consumidor através dos diferentes canais de distribuição. Na pesca industrial, tendo em vista que no Estado o hábito de comer produtos da pesca ainda é pouco difundido, seja na forma de produtos "in natura" ou processados (3,55 kg/habitantes/ano, segundo o ENDEF), as indústrias exportam a maior parte de sua produção para os diferentes estados da Federação.

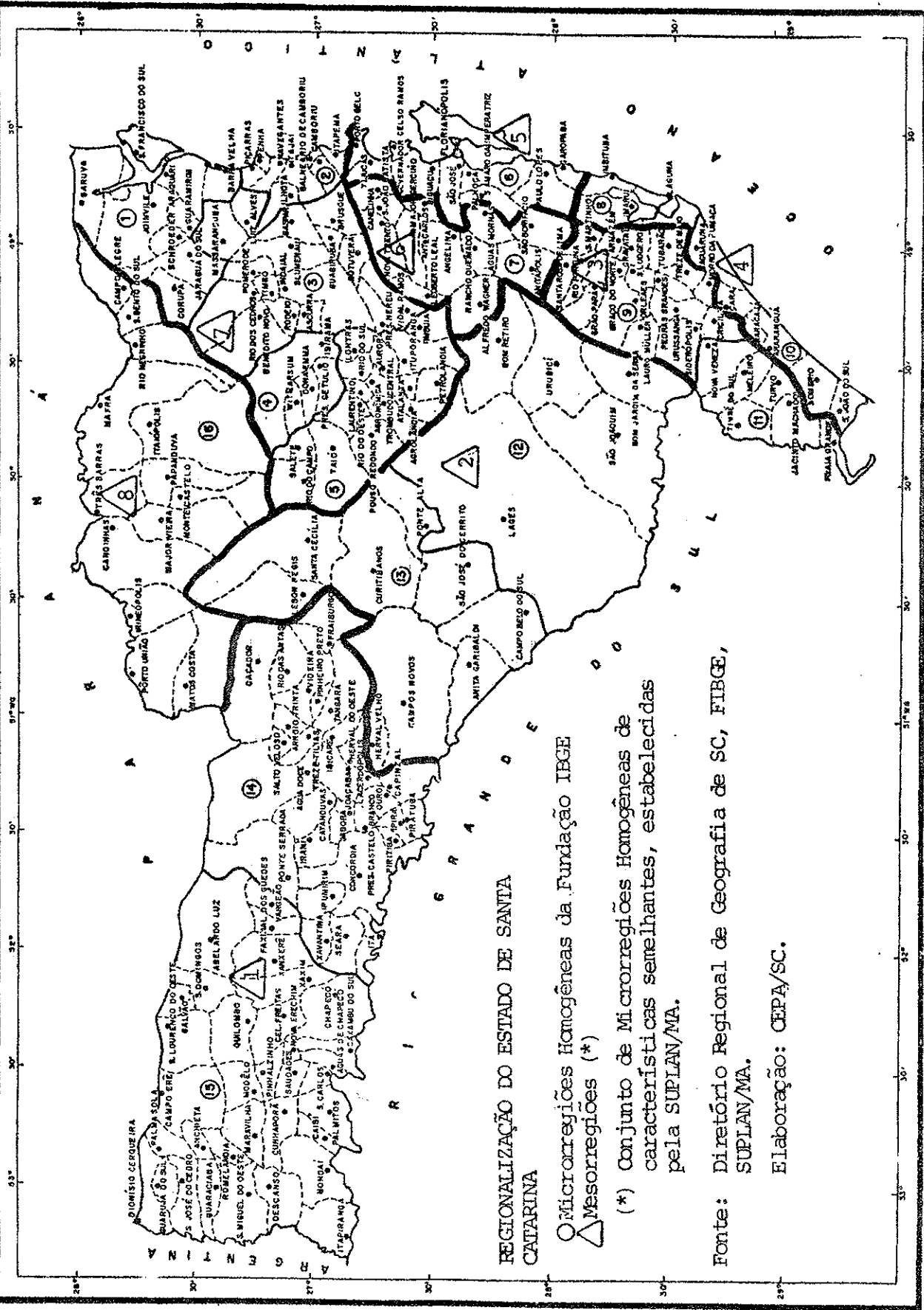
III - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS
AGRÍCOLAS CATARINENSES

TABELA Nº 50 BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SANTA CATARINA-1979

PRODUTO	OFERTA	D E M A N D A						TOTAL	SALDO
		PERDAS	C O N S U M O			RESERVAS PARA SEMENTES	TOTAL		
			ANIMAL IN NATURA	HUMANO IN NATURA	INDUSTRIAL				
Milho	2.023.599	232.214	1.950.000	52.000	300.000	22.000	2.256.214	- 532.615	
Mandioca	1.531.816	15.318	800.000	74.240	374.700	-	1.264.258	+ 267.558	
Fumo	174.357	8.720	-	-	-	-	8.720	+ 165.637	
Arroz	250.905	25.100	-	162.803	-	14.000	201.903	+ 49.002	
Frijão	188.763	18.880	-	78.760	-	16.000	113.640	+ 75.123	
Trigo	4.000	280	-	-	167.800	3.500	171.580	- 167.580	
Batata inglesa	142.500	14.250	-	93.130	-	16.000	123.380	+ 19.120	
Cará de açúcar Ind.	1.078.000	32.340	-	-	-	35.000	-	-	
Soja	466.298	46.630	21.479	-	734.760	30.000	832.869	- 366.571	
Cebola	106.950	-	-	14.706	-	-	14.706	+ 92.244	
Tomate	27.300	-	-	18.665	-	-	18.665	+ 8.635	
Banana	220.800	-	-	17.150	17.140	-	34.290	+ 186.510	
Uva	58.000	5.800	-	3.572	27.700	-	37.072	- 20.928	
Ameixa	800	80	-	942	160	-	1.102	382	
Maçã	20.000	2.000	-	6.033	4.000	-	12.033	+ 7.967	
Pêssego	5.000	500	-	1.885	1.000	-	3.385	+ 1.615	
Nectarina	1.000	100	-	942	200	-	1.242	242	
Carne Bovina	56.100	-	-	62.780	-	-	62.780	- 6.680	
Carne Suína	187.600	-	-	27.150	-	-	27.150	+ 160.450	
Carne de Aves	180.151	-	-	39.000	-	-	39.000	+ 141.151	
Leite (litros)	460.636.000	-	117.415.961	242.318.386	85.025.121	-	444.759.468	-38.123.468	

Fonte: CEPA/SC

IV- ANEXOS



REGIONALIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

- Microrregiões Homôneas da Fundação IBGE
- △ Mesorregiões (*)

(*) Conjunto de Microrregiões Homôneas de características semelhantes, estabelecidas pela SUPLAN/MA.

Fonte: Diretório Regional de Geografia de SC, FIBGE, SUPLAN/MA.

Elaboração: CEPA/SC.

COMPOSIÇÃO MICRORREGIONAL DAS MESORREGIÕES
DE SANTA CATARINA

<u>SORREGLÃO</u>	<u>MICRORREGIÃO</u>	<u>DENOMINAÇÃO</u>	<u>GRANDES REGIÕES</u> <u>HISTÓRICAS</u>
1	14	305	Meio e Extremo Oeste
	15	306	
2	12	303	Planalto
	13	304	
3	9	300	Litoral
	11	302	
4	8	299	Litoral
	10	301	
5	6	297	Litoral
6	7	298	Litoral
7	1	292	Litoral
	2	293	
	3	294	
	4	295	
	5	296	
8	16	307	Planalto

(*) A divisão dos Estados do Brasil em Mesorregiões está sendo a dotada pelo SNPA (Sistema Nacional de Planejamento Agrícola), nos estudos de longo prazo, principalmente.

COMPOSIÇÃO MUNICIPAL E MICRORREGIONAL DAS MESO-REGIÕES
DE SANTA CATARINA

MESO-REGIÃO 114 (305)-COLONIAL DO RIO DO PEIXE

1. Água Doce
2. Arroio Trinta
3. Caçador
4. Capinzal
5. Catanduvas
6. Concórdia
7. Erval Velho
8. Fraiburgo
9. Herval D'Oeste
10. Ibicaré
11. Ipira
12. Ipumirim
13. Iraní
14. Itá
15. Jaborá
16. Joaçaba
17. Lacerdópolis
18. Ouro
19. Peritiba
20. Pinheiro Preto
21. Piratuba
22. Ponte Serrada
23. Presidente Castelo Branco
24. Rio das Antas
25. Salto Veloso
26. Seara
27. Tangará
28. Treze Tílias
29. Videira
30. Xavantina

15 (306)-COLONIAL DO OESTECATARINENSE

1. Abelardo Luz
2. Águas de Chapecó
3. Anchieta
4. Caibi
5. Campo Erê
6. Caxambú do Sul
7. Chapecó
8. Coronel Freitas
9. Cunha Porã
10. Descanso
11. Dionísio Cerqueira
12. Fachinal dos Guedes
13. Galvão
14. Guaraciaba
15. Guarujá do Sul
16. Itapiranga
17. Maravilha
18. Modêlo
19. Mondaí
20. Nova Erechim
21. Palma Sola
22. Palmitos
23. Pinhalzinho
24. Quilombo
25. Romelândia
26. São Carlos
27. São Domingos
28. São José do Cedro
29. São Lourenço D'Oeste
30. São Miguel D'Oeste
31. Saudades
32. Vargeão
33. Xanxerê
34. Xaxim

MESO-REGIÃO 2

12 (303)-CAMPOS DE LAGES

1. Bom Jardim da Serra
2. Bom Retiro
3. Lages
4. São Joaquim
5. Urubici

13 (304)-CAMPOS DE CURITIBANOS

1. Anita Garibaldi
2. Campo Belo do Sul
3. Campos Novos
4. Curitibanos
5. Lebon Régis
6. Ponte Alta
7. Santa Cecília
8. São José do Cerrito

MESO-REGIÃO 3

9 (300)-CARBONÍFERA

1. Armazen
2. Braço do Norte
3. Criciúma
4. Grão Pará
5. Gravatal
6. Lauro Muller
7. Morro da Fumaça
8. Orleães
9. Pedras Grandes
10. Rio Fortuna
11. Santa Rosa de Lima
12. São Ludgero
13. São Martinho
14. Siderópolis
15. Treze de Maio
16. Tubarão
17. Urussanga

11 (302)-COLONIAL DO SUL CATARINENSE

1. Jacinto Machado
2. Meleiro
3. Nova Veneza
4. Praia Grande
5. Timbé do Sul
6. Turvo

MESO-REGIÃO 4

8 (299)-LITORAL DA LAGUNA

1. Imaruí
2. Imbituba
3. Laguna

10 (301)-LITORAL SUL CATARINENSE

1. Araranguá
2. Içara
3. Jaguaruna
4. Maracajá
5. São João do Sul
6. Sombrio

MESO-REGIÃO 5

6 (297)-FLORIANÓPOLIS

1. Biguaçu
2. Florianópolis
3. Garopaba
4. Governador Celso Ramos
5. Palhoça
6. Paulo Lopes
7. Porto Belo
8. Santo Amaro da Imperatriz
9. São José
10. Tijucas

MESO-REGLÃO 6

7 (298)-COLONIAL SERRANA CATARINENSE

1. Águas Mornas
2. Alfredo Wagner
3. Angelina
4. Anitápolis
5. Antonio Carlos
6. Canelinha
7. Leoberto Leal
8. Major Cercino
9. Nova Trento
10. Rancho Queimado
11. São Bonifácio
12. São João Batista

MESO-REGLÃO 7

1 (292)-COLONIAL DE JOINVILLE

1. Araquari
2. Barra Velha
3. Corupá
4. Garuva
5. Guarani
6. Jaraguá do Sul
7. Joinville
8. São Francisco do Sul
9. Schroeder

2 (293)-LITORAL DE ITAJAÍ

1. Balneário de Camboriú
2. Camboriú
3. Ilhota
4. Itajaí
5. Itapema
6. Navegantes
7. Penha
8. Piquaras

3 (294)-COLONIAL DE BLUMENAU

1. Ascurra
2. Benedito Novo
3. Blumenau
4. Botuverã
5. Brusque
6. Gaspar
7. Guabiruba
8. Indaial
9. Luiz Alves
10. Massaranduba
11. Pomerode
12. Rio dos Cedros
13. Rio dos Cedros
14. Rodeio
15. Timbó
16. Vidal Ramos

4 (295)-COLONIAL DE ITAJAÍ NORTE

1. Dona Emma
2. Ibirama
3. Presidente Getúlio
4. Witmarsum

5 (296)-COLONIAL DO ALTO ITAJAÍ

1. Agrolândia
2. Agronômica
3. Atalanta
4. Aurora
5. Inbuia
6. Ituporanga
7. Laurentino
8. Lontras
9. Petrolândia
10. Pouso Redondo
11. Rio do Campo
12. Rio do Oeste
13. Rio do Sul
14. Salete
15. Taió
16. Trombudo Central